



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**Projeto Pedagógico do Curso**  
**LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Marabá – Pará

2016

## Sumário

1. Introdução.....	3
1.1 Apresentação do Projeto Pedagógico do Curso – PPC .....	3
1.2. Histórico da Unifesspa: Missão, visão e princípios norteadores da Universidade	4
1.3. A Universidade como instituição responsável pela produção de conhecimento para o desenvolvimento social e econômico da Região Amazônica; .....	7
2. Justificativa da Oferta do Curso .....	13
2.1. História do curso no Brasil e na Unifesspa. ....	13
2.2. A Importância da área do conhecimento no ensino, pesquisa e extensão;.....	16
2.3. Natureza do curso como instrumento de produção de conhecimento à luz de princípios científicos e práticos. ....	18
2.4. Contextualização da importância da área de conhecimento;.....	20
2.5. A Importância do processo de construção do PPC como mecanismo de organização e planejamento do processo educativo e o Processo de avaliação diagnóstica para subsidiar a (re)construção do PPC.....	24
3. Características gerais do curso: .....	26
4. Diretrizes Curriculares do Curso .....	26
4.1 Fundamentos Epistemológicos, Éticos e Didático-Pedagógicos.....	27
4.2 Objetivos do curso .....	28
4.3 Perfil do egresso .....	29
4.4 Competências e habilidades.....	29
5 Organização Curricular do Curso .....	31
5.1 Estrutura do Curso (Desenho Curricular).....	31
5.2 Prática Pedagógica.....	43
5.3 Estágio Supervisionado .....	44
5.4 Trabalho de Conclusão de Curso.....	45
5.5 Atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos discentes .....	46
5.6 Articulação do Ensino com a Pesquisa e a Extensão.....	46
5.6.1 Política de Pesquisa .....	47
5.6.2. Laboratórios e Grupos de Pesquisa .....	47
5.6.3. Grupos de Pesquisa e Extensão .....	52
5.6.4 Atividades de Extensão .....	53
6 Planejamento do Trabalho Docente.....	55
6.1 Infra-Estrutura .....	55
6.1.1 Humana.....	55
6.1.2. Docentes .....	55
6.1.3. Técnicos.....	56
6.1.4 Física.....	56
7 Política de Inclusão Social.....	56
8. Sistema de Avaliação.....	58
8.1. Avaliação da Aprendizagem (Discente).....	58
8.2 Avaliação Docente.....	59
8.3 Avaliação do Projeto Pedagógico.....	59
9 Referências Bibliográficas.....	60

# 1. Introdução

## 1.1 Apresentação do Projeto Pedagógico do Curso – PPC

O presente Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) reúne argumentos que sustentam a necessidade de implantação desse Curso no Instituto de Ciências Humanas (ICH), bem como reúne os fundamentos teórico-metodológicos, os princípios e as diretrizes didático-pedagógicas de sua proposta.

A Unifesspa foi criada por desmembramento da Universidade Federal do Pará (UFPA), através da Lei nº 12.824, de 5 de junho de 2013. Conforme Art. 2º da referida lei “a Unifesspa terá por objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária, caracterizando sua inserção regional mediante atuação *multicampi*”. A proposta de implantação do Curso de Licenciatura em História insere-se na perspectiva da construção e consolidação de uma política de formação docente na Unifesspa, considerando o acúmulo do Campus de Marabá nos seus 25 anos de experiência com os Cursos de Licenciatura na região; nas suas relações com os sistemas de ensino; e com os movimentos sociais. Considera-se que a relação Universidade e formação de professores de História, tendo como pressuposto a articulação com a educação básica e com a sócio diversidade regional, deverá orientar-se pelos princípios: (i) da indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão; (ii) da diversidade epistemológica do mundo; (iii) da pluralidade de tempos-espacos-relações formativas.

O Curso de História da Unifesspa estabelece o compromisso com o desenvolvimento da compreensão da região como um espaço historicamente construído como o seu principal objetivo, bem como da estreita relação com a Educação Básica. O contexto sócio histórico da Amazônia Oriental brasileira e, particularmente, da mesorregião sudeste do Pará constitui a base material e imaterial de enraizamento do Curso de História. Dentre suas funções, ele deverá cumprir o papel da formação histórica para a ampliação das perspectivas da(s) consciência(s) histórica(s) que oriente o agir dos grupos sociais no contexto dos conflitos e da diversidade social, cultural e ecológica que caracteriza a região, tendo como horizonte a sustentabilidade, os direitos humanos e a cidadania plena.

Sua elaboração, em um primeiro momento, foi empreendida por uma comissão de quatro professores historiadores doutores de diferentes universidades públicas da região. Com o início das atividades do curso e necessidade de adequação da proposta a novas Diretrizes Curriculares Nacionais de Formação de Professores, o projeto foi revisado e atualizado pelos docentes que passaram a compor o quadro efetivo da Faculdade de História do Campus Sede em Marabá.

O Curso é desenvolvido na modalidade presencial, regime seriado, com duração de quatro anos (oito semestres). Ele é composto por três núcleos: o Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica, Núcleo de Formação Docente e o Núcleo de Estudos Integradores para enriquecimento Curricular. O percurso curricular do Curso fundamenta-se na formação para o entendimento das questões amazônicas, de modo a formar profissionais engajados em seus processos de auto(trans)formação, da produção acadêmica para a transformação da realidade e da constituição e reforço das identidades e capacidades propositivas, investigativas e criativas.

Por fim, com essas considerações, apresentamos o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em História da Unifesspa atualizado, cuja primeira versão tem aplicabilidade para as turmas que ingressaram em 2014, 2015 e 2016. Por conseguinte, este esforço de atualização do presente PPC, que entrará em vigor em 2017, envolverá uma série de mudanças que afetarão os alunos e alunas ingressantes posteriormente.

## **1.2. Histórico da Unifesspa: Missão, visão e princípios norteadores da Universidade**

Com sede e foro no município de Marabá (PA) e natureza jurídica de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação (MEC), foi criada no dia 6 de junho de 2013, com a vigência da Lei Federal n.º 12.824, de 5 de junho de 2013, a partir da estrutura da Universidade Federal do Pará (UFPA), tendo como base o desmembramento do Campus de Marabá da UFPA.

O Campus Universitário de Marabá foi implantado em 1987 através do Programa de Interiorização da UFPA (Resolução nº 1.355, de 3 de fevereiro de 1986). O objetivo era melhorar a formação dos professores e do ensino das redes públicas no Pará. A UFPA só tinha cursos na capital e não oferecia vagas suficientes para formar um grande número de professores. [...] Os cursos foram planejados para serem ministrados no período intervalar das aulas da UFPA e das

redes de ensino, de forma concentrada, com docentes da capital que se deslocariam para os polos do projeto, onde a UFPA criaria *campi* (FONTES, 2012, p. 98-99; 100).

Assim, a Política de Interiorização respondia a uma demanda histórica de formação de professores da educação básica. No Polo de Marabá foram ofertados os Cursos de Licenciatura Plena em Letras, Pedagogia, Matemática, História, Geografia (1987) e Licenciatura Plena em Ciências Sociais (1988). Os alunos ingressantes eram provenientes da mesorregião do Sul e Sudeste Paraense, sendo profissionais da educação e militantes dos movimentos sociais. Numa região marcada pela presença e ações educativas dos movimentos sociais, os Cursos de Licenciatura no regime intervalar foram assinalados, simultaneamente, pela realidade dos saberes da formação dos sujeitos em diálogo com a Universidade e pelos processos formativos a partir do centro (UFPA/Belém) e focados no ensino. A característica mais forte daquele momento era a atividade de ensino nos períodos intervalares (janeiro/março e julho/agosto), praticamente sem ações de extensão e pesquisa.

Em 1992 a UFPA avançou no Programa de Interiorização e implantou os primeiros cursos regulares nos *Campi* fora de sede, bem como iniciativas para a constituição de quadro docente efetivo. No ano de 1995, havia 16 docentes atuando no Campus. Em Marabá foram criados os Cursos de Letras e Matemática (1992) e os Cursos de Pedagogia e Direito (1994). Os Cursos de História e Geografia tiveram turmas ofertadas em 1995/1996, ainda no regime intervalar, e o Curso de Ciências Sociais foi ofertado em período regular e intervalar. Entre 1995 e 2004 o Campus continuou investindo fortemente na formação de professores da rede pública (através dos Cursos de Licenciatura e dos projetos específicos de formação, pesquisa e extensão) e na formação de agentes na área das Ciências Agrárias, com uma Licenciatura específica. Na segunda metade dos anos 2000, novos cursos foram criados nas Licenciaturas (Química, Ciências Naturais, Física, Geografia, Educação do Campo) e nas Engenharias e outras áreas de formação técnico-acadêmica (Agronomia, Engenharia de Minas e Meio Ambiente, Sistemas de Informação, Engenharia de Materiais, Geologia). Naquele momento, que envolveu um período de aproximadamente quinze anos, o Campus de Marabá evoluiu de 16 para 133 docentes.

Neste campo da formação inicial e da qualificação docente, a Universidade tem desempenhado historicamente um papel social relevante na região, incluindo a oferta de Cursos (turmas) de Pós-graduação *latu sensu* em História Social da Amazônia

(UFPA/Belém), Educação Ambiental, Educação do Campo, dentre outros. Contudo, o Curso de Licenciatura em História nunca foi implantado no Campus de Marabá, restringindo-se a oferta de duas turmas intervalares em Marabá (1987 e 1996) e três outras turmas em municípios da região (Parauapebas, Conceição do Araguaia e Tucumã) através de contratos com as Prefeituras e/ou o Governo do Estado, todas realizadas pela UFPA/Belém. A realização de Cursos por contratos por si revelava a demanda dos sistemas de ensino da educação básica, bem como a insuficiência dessa ação.

Na concepção inicial, a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) já nasceu como Universidade *multicampi*, sendo constituída pelo Campus de Marabá (sede) e os *Campi* de Rondon do Pará, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu e Xinguara. Entretanto, a área de abrangência da Unifesspa vai além dos municípios citados, envolvendo os 39 municípios da mesorregião do Sul e Sudeste paraenses, além de potencial impacto no Norte do Tocantins, Sul do Maranhão e Norte do Mato Grosso.

O objetivo da criação da Unifesspa foi e é possibilitar que estudantes da região tenham acesso à educação superior pública de qualidade, sem imperativo deslocamento para grandes centros, ensejando a fixação de profissionais qualificados, em cumprimento à função social das Universidades Públicas, especialmente na Amazônia. Para solidificar esse objetivo principal, a Unifesspa tem como visão ser referência nacional e internacional como Universidade *multicampi*, integrada à sociedade, e centro de excelência na produção acadêmica, científica, tecnológica e cultural.

Os princípios fundamentais que norteiam a existência da Unifesspa são:

- 1) A universalização do conhecimento;
- 2) O respeito à ética e à diversidade étnica, cultural e biológica;
- 3) O pluralismo de ideias e de pensamento;
- 4) O ensino público e gratuito;
- 5) A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- 6) A flexibilidade de métodos, critérios e procedimentos acadêmicos;
- 7) A excelência acadêmica;
- 8) A defesa dos direitos humanos e a preservação do meio ambiente.

### **1.3. A Universidade como instituição responsável pela produção de conhecimento para o desenvolvimento social e econômico da Região Amazônica**

As regiões Sul e Sudeste do Pará têm como Marabá um de seus principais polos urbanos, com crescimento industrial e demográfico expressivos devido à explosão da produção mineral. Dadas as necessidades sociais postas e a urgência de sua solução, há muito a sociedade local aspirava por uma universidade própria, diversificada, ampla e sólida. Sobretudo em virtude da distância e do difícil acesso à capital, bem como seu anseio por autonomia e pela demanda por vagas públicas. A fundação da Unifesspa, representa, juntamente com a anterior fundação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), um processo de profundo significado político e social, que vem mudando o cenário presente e o destino desta, que dentre as regiões brasileiras com maior riqueza em recursos naturais. Entretanto, a região ainda permanece excluída dos investimentos e oportunidades de crescimento. A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará foi, desta forma, a segunda Universidade Pública criada no interior da Amazônia, o que demonstra o impacto de políticas que objetivam a redução das desigualdades regionais por meio do investimento em educação. A urgência da necessidade da Amazônia em receber um choque de educação permanece, dado seu triste desempenho nos índices educacionais.

Na oportunidade de criação da Unifesspa houve uma sólida parceria entre os setores públicos federal e estadual e, também, o setor privado. O setor público foi representado na esfera federal pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Universidade Federal do Pará (UFPA), instituição que deu origem à Unifesspa; na esfera estadual, pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia e pela Secretaria de Estado de Educação. Quanto ao setor privado, a Companhia Vale, instituição parceira da UFPA desde o início do Projeto de Expansão do Campus de Marabá, contribuiu com parte dos investimentos em infraestrutura da Unifesspa e em projetos de pesquisa a serem desenvolvidos no Parque de Ciência e Tecnologia a ser implantado em Marabá. A criação e implantação da Unifesspa traz uma caracterização da área de influência da nova Instituição Federal de Ensino Superior - IFES, e busca estudar os principais cenários e tendências para o Sul e Sudeste Paraense e demais municípios da área de influência da nova universidade, bem como, discorre sobre os desafios da nova instituição. Um dos grandes desafios da Unifesspa, no século XXI, foi e continua sendo

avançar numa arquitetura de governança institucional democrática que englobe a coletividade e a gestão na construção de paradigmas de excelência da instituição.

Detendo-se especificamente na mesorregião Sudeste, pode-se considerar que até meados da década de 1960, essa região, era habitada por diversos povos indígenas e por uma população de migrantes que vivia às margens dos rios. Conceição do Araguaia e Marabá, por exemplo, cidades fundadas nos finais do século XIX às margens dos rios Araguaia e Tocantins, eram os principais núcleos da região. Além das atividades relacionadas à coleta das denominadas drogas do sertão, à pecuária, à pesca e à caça de animais silvestres, foram dinâmicas a exploração e o comércio do látex do caucho e, mais tarde, os negócios com a castanha-do-pará, responsáveis pela constituição de uma população regional não-indígena nesta parte do território paraense.

A migração que ocupou intensivamente o Sul e Sudeste do Pará aconteceu a partir das décadas de 1970 e 1980 e foi constituída por diversos grupos regionais, especialmente por camponeses nordestinos e norte-goianiense, empresários, fazendeiros e comerciantes do Centro-Sul do Brasil, fazendo desta parte do território amazônico um espaço marcado pela diversidade cultural e pelos conflitos sociais. A implantação de infraestrutura rodoviária; a instalação de projetos agropecuários; a propaganda da colonização agrícola; a instalação de canteiros de obras; especialmente a construção da barragem de Tucuruí; a implantação do Projeto Carajás; e a descoberta da mina de ouro de Serra Pelada foram todos fatores essenciais na dinamização das migrações para essa região, nesse período (PETIT, 2003).

Vale ressaltar que a construção de diversas rodovias, nessa época, como a Transamazônica (BR-230), a PA-70 (hoje BR-222), a PA-150 (hoje BR-155) e a BR-158, e a instalação de projetos agropecuários facilitaram a penetração da população não indígena no interior das florestas e influenciou, de forma decisiva, na constituição de diferentes cidades na região. Diversos povoados e vilas que surgiram nesse contexto, como Redenção, Rio Maria, Xinguara, Jacundá, Goianésia do Pará, Bom Jesus do Tocantins, entre outras, são hoje cidades sedes de municípios.

Foi nesse período também que o Governo Federal passou a incentivar a vinda de empresas e pecuaristas do Centro-Sul do Brasil para investir na criação de gado bovino na Amazônia. Para tanto, não só concedeu terras, mas créditos subsidiados pela política de incentivos fiscais da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Dos 1.199 projetos aprovados por este órgão, para serem implementados nos anos que



transcorreram entre 1975 e 1989, no estado do Pará, por exemplo, 638 eram destinados à criação de gado bovino (IDESP, 1990).

Esses grupos econômicos, especialmente aqueles que investiram na implantação da pecuária extensiva passaram a expulsar, de forma violenta, os povos indígenas e diversos pequenos agricultores que há muito tempo ocupavam as terras devolutas e ali sobreviviam das lavouras de subsistência (arroz, feijão, fava, mandioca, milho etc.) combinadas com criações de animais, produção extrativista e o uso da pesca e da caça e não possuíam nenhum tipo de documento que os legitimasse como proprietários de suas terras.

O Governo Brasileiro, nesse momento, lançou uma campanha nacional incentivando a migração de amplos contingentes populacionais sem emprego ou submetidos à economia de subsistência em diversas partes do Brasil para a Amazônia. Para estes, o Governo Federal procurou reservar, por meio dos denominados Projetos Integrados de Colonização (PICs), 10 quilômetros de cada lado das rodovias federais, como aconteceu em alguns pontos às margens da Transamazônica, nos municípios de Itupiranga e São João do Araguaia. No âmbito do discurso governamental, essas medidas solucionariam os conflitos e as tensões sociais concernentes à questão agrária no Nordeste e no Centro-Sul do Brasil, à medida que redistribuiria grupos sociais do campo, pressionados pela pobreza e propiciaria o desenvolvimento dessa parte do território amazônico. Em pouco tempo milhares de trabalhadores rurais empobrecidos, sobretudo do Nordeste, chegaram ao sul e ao sudeste do Pará em busca de terra, superando as estimativas do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão responsável pela política de colonização na Amazônia brasileira. Os municípios de Marabá, São João do Araguaia, Itupiranga, Tucuruí e Jacundá, cortados pela rodovia Transamazônica, saíram de 57.510 habitantes, em 1970, para 187.336, em 1980, com crescimento de 225.75%. Já os municípios de Conceição do Araguaia, Santana do Araguaia e São Felix do Xingu, mais ao sul do estado, contavam com 40.370 habitantes, em 1970, passando para 130.029, em 1980, com crescimento de 222.09% (IBGE, 1973; 1983).<sup>1</sup>

Uma vez sem terra, sem emprego e sem condições para sobreviverem nos novos núcleos urbanos que se formavam as famílias que não encontraram as terras

---

<sup>1</sup> Esses municípios, a partir da segunda metade da década de 1980, foram divididos dando origem a outros municípios, abrigando, hoje, mais de um milhão de pessoas. Cf. IBGE. **Cidades**. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 26 out. 2012.

“prometidas”, começaram a procurar alternativas de sobrevivência. Parte dessas famílias foi para os garimpos de ouro, como Serra Pelada, Cumaru, Mamão, etc. Outros trabalhadores foram submetidos aos trabalhos forçados e degradantes no interior das grandes fazendas. Mas uma parcela significativa deles optou pela ocupação de imóveis improdutivos como alternativa à situação em que estavam vivendo. Foi nesse contexto que as poucas áreas de terras devolutas que ainda existiam e diferentes imóveis com títulos definitivos ou de aforamentos, reservados à exploração da castanha-do-pará, ou com projetos agropecuários destinados à criação de gado bovino, passaram a ser ocupados por trabalhadores rurais, ocasionando intensos e prolongados conflitos violentos. Essa situação fez dessa parte do estado do Pará um dos espaços de maior tensão social e, conseqüentemente, de intervenção governamental na questão agrária.<sup>2</sup>

Nesta região, se, por um lado, é possível ver o crescimento econômico centrado na exploração das riquezas naturais, do outro, sobressaltam-se os contrastes sociais e ambientais. A mineração e a pecuária extensiva, por exemplo, têm sido os principais responsáveis pelo crescimento econômico dessa parte do território amazônico, mas também tem sido responsável por diversos problemas relacionados à exploração predatória da natureza e da força de trabalho. Em decorrência, há um aumento da pobreza e da exclusão social agravado pela insuficiência das políticas públicas sociais, sobretudo nas cidades localizadas no raio de influência dos projetos de mineração (ferro, bauxita, manganês, cobre, etc.), como Marabá, Parauapebas, Canaã dos Carajás, Ourilândia do Norte, entre outros municípios.

Em face desta dinâmica, permanece ativo o avanço do desmatamento, que alcança elevadas taxas em diversos municípios, a exemplo de São Félix do Xingu, Cumaru do Norte, Dom Eliseu, Ulianópolis, Rondon do Pará, Marabá,<sup>3</sup> dentre outros, com a conseqüente destruição de matas ciliares e das nascentes. Foram nestes mesmos

---

<sup>2</sup> Os municípios do sul e sudeste do Pará foram declarados pelo Governo Federal como área prioritária de intervenção governamental em razão dos conflitos de terra ali sucedidos. Cf. Decretos nº 67.557, de 12/11/1970; nº 85.075, de 27/08/1980; Decreto nº 87.095, de 16/04/1982; Decreto nº 92.623, de 02/05/1986.

<sup>3</sup> Dos 16 municípios paraense incluídos na lista dos maiores desmatadores divulgada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), em 29/03/2009, 11 se encontram na área geográfica do sul e sudeste do Pará. O campeão foi Marabá, que segundo o MMA, perdeu 338 km<sup>2</sup> de seu bioma Cf. LEÃO, Lucia. **Mais sete municípios na lista dos maiores desmatadores.** <http://www.mma.gov.br/informma/item/5344-mais-sete-municipios-na-lista-dos-maiores-desmatadores>. Acesso em: 15 jul.2013; Folha de São Paulo. **Desmatamento da Amazônia cresce 157% em um ano.** São Paulo, 01/09/2009. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ambiente/ult10007u617806.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2013.

municípios que o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) mais flagrou a prática análoga a de escravidão.

As cidades de Xinguara (sul do Pará) e Marabá (sudeste do Pará), onde estão sediados os Cursos de Licenciatura em História, figuram entre as cidades mais dinâmicas desta parte do território paraense, mas também são aquelas onde são frágeis as garantias de direitos humanos, incluindo a precariedade de atendimento às necessidades básicas em setores fundamentais visando a melhoria das condições de vida, como saúde e educação. Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo 2010, a população de Marabá é formada por 233.669 habitantes, sendo 186.270 na área urbana e 47.399 na zona rural. Entre 2000 e 2010, a população desse município teve um aumento de 37% (IBGE, 2010). Neste mesmo período, a migração provocou o surgimento de 9 ocupações urbanas envolvendo cerca de 11 mil famílias (PASTORAIS SOCIAIS, 2010). Na área rural também não foi diferente. Nos últimos anos ocorreram pelo menos 28 novas ocupações envolvendo 5.600 famílias de trabalhadores rurais sem-terra (CPT, 2011; 2012).

Para acelerar a produção e a exportação de gado bovino, minérios e outros bens explorados ou produzidos na região, os governos Estadual e Federal estão investindo na implantação de grandes obras de infraestrutura, como a duplicação da Estrada de Ferro Carajás, a construção de duas hidrelétricas (Marabá e Santa Isabel), a construção da hidrovía Araguaia-Tocantins e do Porto Público no Rio Tocantins, em Marabá, além do asfaltamento da rodovia Transamazônica. A avaliação oficial é que cerca de 50 mil pessoas sejam deslocadas de suas terras para dar lugar a implantação desses projetos e que dezenas de migrantes cheguem atraídos por estas obras de infraestrutura. Estima-se que estes fatos aumentará a violência no campo e na cidade.<sup>4</sup>

Já a cidade de Xinguara surgiu em razão da instalação de grandes empreendimentos agropecuários e madeireiros e, sobretudo, da migração de famílias empobrecidas do Centro-Sul do País que chegaram atraídas pela possibilidade de conseguir um lote de terra, especialmente com a abertura das rodovias PA-150 e PA-279. Em agosto de 1976, cerca de 50 trabalhadores rurais residiam na confluência dessas duas estradas que acabavam de ser construídas. Em outubro de 1978, já povoado denominado “Entroncamento do Xingu”, mais de 8.000 moradores ali residiam. Em

---

<sup>4</sup> Segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 2009 ocorreram 854 conflitos de terra no País envolvendo 415.290 famílias, sendo que 160 desse total aconteceram no Pará envolvendo 10.797 famílias. Desses 160 conflitos ocorridos no estado do Pará, 92 foram no sul e no sudeste paraense, envolvendo 10.797 famílias. (Cf. CPT. **Conflitos no Campo**, Brasil, 2009).

1979, distrito de Conceição do Araguaia, recebeu o nome de *Xinguara* (PEREIRA, 2013). Em maio de 1982, foi emancipado pela Lei 5.028, de 14 de maio de 1982. Nesta data, foram criados os municípios de Rio Maria e Redenção, também desmembrados de Conceição do Araguaia.

Assim, a experiência histórica recente dessa parte do território da Amazônia Oriental brasileira é marcada pelas contradições inerentes às políticas oficiais de ocupação da região, desde a segunda metade do século XX. Elas visaram controle geopolítico e exploração econômica do território, possibilitando, por um lado, a apropriação concentrada dos recursos naturais, incluindo a terra, por outro, a estruturação de mercado de trabalho (BECKER; MACHADO, 1982). A representação da região como espaço *vazio* combinava com a sua descrição como espaço da *esperança* e da *possibilidade*, o que possibilitou, de um lado, condições ideológicas para a ocupação da região, de outro, garantiu o deslocamento de contingentes populacionais para áreas estratégicas ao capital, especialmente reservas de recursos minerais (MORBACH, 1997).

Neste contexto, a memória é objeto de intervenção social para servir a propósitos legitimadores sobre o passado e os projetos de futuro. Na mesorregião do Sul e Sudeste do Pará, tem sido erguido, desde o último quartel do século XX, uma narrativa do colonizador. Um primeiro monumento é o do “pioneiro” que foi construído contra os indígenas (o *outro*), instituindo, simultânea e violentamente, alteridade cultural e expropriação territorial (SILVA, 2010). Esse foi o contexto da economia da castanha-do-pará e que institucionalizou uma estrutura de poder e prestígio tendo como figuras centrais o fazendeiro e o comerciante da castanha (EMMI, 1987).

O segundo marco, que se amálgama ao monumento anterior, é a narrativa do “bandeirante” (predominantemente originário do Centro-Sul do País) como aquele que funda ou deve fundar o “novo” território do sudeste paraense. É uma narrativa de colonização da região que “traduz políticas de dominação, nas quais a principal questão é a disputa pela terra e nas quais se estabelece o direito de quem nela pode fixar-se, trabalhar e projetar o seu futuro” (GUIMARÃES NETO, 2005).

A relação contratual do discurso de “pioneiros” (oligarquias), “bandeirantes” e empresas do grande capital pratica uma política contrastante de identidade. De um lado, a migração é convertida no critério cultural de identidade regional, em alteridade com o *norte amazônida* (do qual deseja separação). De outro, a migração, internamente, é construída como problema social quando integrada por pobres, sobretudo maranhenses

e nordestinos. É o discurso de uma elite político-econômica que visa naturalizar uma *divisão* da realidade marcada pelas desigualdades na ocupação do território, pela exploração predatória dos recursos naturais e pelo “rebaixamento” da maioria da população migrante como mão-de-obra disponível e barata, podendo, inclusive, ser submetida a regime de trabalho escravo. Trata-se de uma construção retórica e ideológica visando classificações hierárquicas da realidade orientadas para a produção de efeitos sociais (SILVA. 2010).

Esse contexto sócio histórico da mesorregião Sul e Sudeste do Pará constitui a base material e imaterial de enraizamento do Curso de Licenciatura em História. Nas suas linhas gerais, como vimos, destacam-se a migração (interestadual e inter-regional), a luta pela terra, os grandes projetos econômicos, a intervenção estatal autoritária (modernização conservadora, área de segurança nacional, Guerrilha do Araguaia), a sócio diversidade, os conflitos sociais (agrários, étnicos) e a formação de cidades no contexto da fronteira amazônica no recente século XX.

Em suma, os problemas e desafios decorrentes do crescimento demográfico e do modelo econômico e social, requer a construção de capacidade técnica, política e social para a compreensão e atuação nessa realidade regional. Nesse sentido, a prática historiográfica como crítica da memória deve tomar como objeto as lutas de hegemonia e usos da memória com propósitos legitimadores. A formação histórica deve cumprir seu papel na ampliação das perspectivas da(s) consciência(s) histórica(s) que oriente o agir dos grupos sociais no contexto dos conflitos e da diversidade social, cultural e ecológica que caracteriza a região, tendo como horizonte a sustentabilidade, os direitos humanos e a cidadania plena.

## **2. Justificativa da Oferta do Curso**

### **2.1. História do curso no Brasil e na Unifesspa**

A História se constituiu como disciplina escolar no Brasil após a Independência, durante a estruturação do sistema de ensino do Império, que objetivava formar as elites nacionais por intermédio de um ensino pautado em abordagem “ eminentemente política, nacionalista e que exaltava a colonização portuguesa, a ação missionária da Igreja católica e a monarquia” (FONSECA, 2006, p. 47).

Tendo como principal referência os debates travados no cerne do Colégio D. Pedro II (criado em 1837), principal instituição educacional do Império, e as produções e discussões desenvolvidas no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a disciplina atingia naquele momento um número pequeno de estudantes em comparado a população em geral, mas que foi se ampliando para os locais como maior poderio econômico, à medida que colégios, liceus e outras instituições educacionais passavam a entrar em funcionamento, visando formar as elites provincianas.

Se nos primeiros anos da disciplina as reformar curriculares, os materiais didáticos e as metodologias de ensino eram pensadas a partir da experiência dos docentes em atuação no Colégio D. Pedro II, autoridades do Império e pesquisadores do IHGB (como o escritor Joaquim Manoel de Macedo, autor de um dos primeiros manuais usados como apoio do ensino de História), cada vez mais se tornava urgente a criação espaços que concentrassem discussões sobre as formas como a História deveria ser ensinada nos bancos escolares, possibilitando aos saberes em torno da disciplina irem além do autodidatismo de quem até então se dedicava a realizar o seu ensino.

Buscando uma melhor organização do ensino da História, as autoridades almejavam alcançar os objetivos a que a disciplina estava submetida no início da República: formar o cidadão patriota, credor na unidade nacional, e defensor de preceitos morais, numa simbiose de concepções cunhadas pelos defensores da República, tais como pátria, ordem, progresso e nação, e pela moral cristã, a exemplo das noções de família e respeito à tradição vigentes (FONSECA, 2006).

Os primeiros passos dos cursos de formação de professores em História deram-se nesse contexto, na terceira década do século XX. Como destaca Nadai (1993, p. 153-154):

As primeiras medidas concretas no sentido da inovação do ensino em geral, e o de História em particular, ocorreram com a instalação dos primeiros cursos universitários direcionados para a formação do professor secundário, em 1934. No bojo da criação e instalação da primeira universidade brasileira (e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) em São Paulo acorreram para esta cidade e depois para o Rio de Janeiro (com a instalação da Universidade do Brasil) cientistas estrangeiros que se preocuparam em introduzir a pesquisa científica nas diversas áreas (das Ciências Humanas às biológicas e às Exatas), superando a fase de auto-didatismo e abrindo perspectivas novas para a atuação docente.

Com o passar das décadas de 1930, 1940 e 1950 os docentes formados pelas novas universidades brasileiras passaram a atuar, sobretudo, em escolas situadas no âmbito urbano e nas cidades situadas próximas aos maiores centros econômicos do país. A maior parte dos docentes em atuação em História no Brasil ainda continuava, contudo, carente de uma formação superior, num contexto em que o país era marcado pela vida no campo e a educação formal não chegava à grande maioria dos camponeses.

Nas décadas seguintes, foram sendo abertos novos cursos em núcleos urbanos afastados da região Sudeste, seguindo-se a ampliação da estruturação e expansão do ensino superior no Brasil, com destaque para as capitais e cidades de médio porte. No âmbito do Pará, Ricci (2016, s/p) destaca:

Depois da reforma e da primeira política de massificação do ensino de base nos anos de 1930 e 1940, era a hora de se ampliar o então chamado ensino ginasial e secundarista. Com este aumento, nasceu a necessidade de se formar regularmente mais professores específicos como os de História e Geografia. Neste contexto surgiu no Pará um curso de graduação em História e Geografia, implantado em 1955, na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Pará, depois incorporado à Universidade Federal do Pará, em 1957.

A expansão dos cursos universitários em geral, e da oferta de cursos de História, em específico, deu-se mais lentamente para os locais mais afastados dos grandes centros a nível nacional ou regional, fazendo com que até os dias atuais seja grande o número de docentes que lecionam história sem formação específica na área ou, em muitos casos, sem apresentar ao menos formação superior, realidade que ainda se faz presente no Sul e Sudeste do Pará, onde ocorrem algumas experiências de oferta esporádica de turmas de História por parte da UFPA, na década de 1990, mas que não consistiram em ações de formação permanente.

**O curso de Licenciatura em História do campus de Marabá da Unifesspa** iniciou suas atividades em 2014. Concomitantemente, a Unifesspa iniciou outro curso de Licenciatura em História no município de Xinguara-PA, objetivando ampliar não somente a oferta de vagas, mas possibilitar a formação de mais docentes e pesquisadores em História na região.

O curso de Marabá esteve vinculado, inicialmente, à Faculdade de Educação do Campo (até a criação da Faculdade de História, em 2016) e ao Instituto de Ciências Humanas, onde foi elaborado o seu PPC, posteriormente aprovado através da Resolução n.º 015/2014 do CONSEPE. No mesmo ano foi realizado concurso para o tema História

do Brasil, objetivando suprir o quadro inicial de docentes do curso, sendo quatro os docentes convocados; e iniciadas as atividades junto a primeira turma (Turma 2014), que contava inicialmente com cerca de trinta discentes, num total de quarenta vagas ofertadas.

Em 2015 houve o ingresso de mais uma turma, composta por quarenta discentes, e realizado novo concurso público, para o tema Metodologia e Prática do Ensino de História, passando o curso a contar a partir de então com seis docentes. Em 2016, por sua vez, novos concursos foram realizados, tendo sido aprovados dois docentes, para os temas História da África e História e Cultura Afro-Brasileira, e História da América, respectivamente. Também foi aprovada a vinda de outro professor, da Área de História da Amazônia, por intermédio de remoção interna no âmbito da Unifesspa, assim como ofertadas mais quarenta vagas para o ingresso de novos discentes (Turma 2016).

Tais ações vem se juntar às atividades de ensino, pesquisa e extensão realizadas entre os anos de 2014 e 2016, com o objetivo de consolidar a atuação do curso na região onde está inserido, bem como propiciar aos egressos possibilidade de atuação frente a realidade escolar estadual, regional e nacional, onde se encontrarão em interface com uma sociedade fortemente marcada pelo autoritarismo e pela desigualdade social, racial e de gênero; e, ao mesmo tempo, terreno rico em memórias, saberes tradicionais e experiências históricas que poderão contribuir para maior inserção e ressignificação do conhecimento histórico.

## **2.2. A importância da área do conhecimento no Ensino, Pesquisa e Extensão**

No contexto de implantação da Unifesspa, tornou-se fundamental priorizar a criação do Curso de Licenciatura Plena em História, conforme previsto no projeto dessa Universidade, nos Campi de Marabá e Xinguara. Também se fez e se faz pertinente a consolidação de uma política de formação de professores na Unifesspa, abrangendo a formação inicial (graduação), na relação orgânica com a educação básica, bem como a formação continuada e a pesquisa acadêmica com a criação de programas de pós-graduação.

A Amazônia não poucas vezes foi vista como paisagem homogênea, sem levar em consideração que é uma região eminentemente marcada pela sua pluralidade histórica e cultural que deve ser reconhecida e investigada historicamente. O conhecimento histórico é estratégico para conhecê-la. Por meio dele, se pode criticar,



problematizar e desconstruir uma imagem consolidada de que a Amazônia é livre da ação histórica. Ou seja, o conhecimento histórico apresenta-se como decisivo para que se reconheça a diversidade cultural e a formação histórica dos diversos grupos sociais que compõe a paisagem humana da região, bem como as experiências desses grupos, desdobradas em diferentes estratégias e táticas de enfrentamentos, disputas, combates, alianças e negociações. Assim, a análise que suscita, da experiência social no tempo, é fundamental para demarcar processos, conflitos, sociabilidades e heranças que constituem o que há de mais importante na região – os homens e as mulheres que a tornam um espaço produtor e difusor de cultura. Reconhecer que os contextos na Amazônia são variáveis e heterogêneos, revelando diversas Amazônias, com Histórias diferentes para cada uma delas, sobretudo se refletirmos sobre as diversas experiências e temporalidades de diferentes grupos étnicos e culturas.

Neste sentido, a Amazônia Oriental brasileira destaca-se pela dinâmica dos conflitos em torno de interesses de ordenamento social e de domínio territorial envolvendo, notadamente, redes do grande capital (agronegócio, mineração, hidronegócio) e diferentes grupos sociais (camponeses, indígenas, extrativistas, quilombolas e segmentos diversos de trabalhadores rurais e urbanos etc.). Esses últimos, constituindo uma socidiversidade regional, são geralmente considerados empecilho ao desenvolvimento quando não aceitam passivamente submeter-se ao projeto de acumulação concentrada de capitais.

Nesse contexto, a formação docente para a universalização e a qualidade social da educação na região permanece como uma tarefa social relevante da Universidade. Segundo dados do MEC/INEP, referentes a 2005 (UFPA, 2011, p. 30), no Pará, havia 50.083 professores das redes de ensino estadual e municipal sem formação superior. No Sudeste do Pará, 56,38% dos professores possuíam apenas o ensino médio. Some-se a isso, a necessidade de ampliação de oferta de vagas no ensino médio, apontando para a demanda, dentre outras, de formação de professores visando o cumprimento da meta de universalização do ensino médio no Brasil. Por exemplo, no ano de 2005, na mesorregião Sudeste Paraense, apenas 11.586 alunos eram concluintes do ensino médio. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE 2011), organizados e publicados no Anuário Brasileiro da Educação Básica (CRUZ; MONTEIRO, 2013, p. 34) revelam que o Pará possui o pior índice entre os estados da região Norte referente à taxa líquida de matrícula no Ensino Médio, com uma taxa de apenas 39,55% (faixa etária de 15 a 17 anos). Os estados do Norte registram em média

taxa líquida de matrícula de 43% para esta etapa de ensino. Acrescente-se ainda o dado de que, na região Norte, os jovens de 19 anos que concluíram o Ensino Médio, em 2011, eram de apenas 35,1%.

Uma política de formação docente na Unifesspa deverá considerar os acúmulos desses 25 anos de experiências com os Cursos de Licenciatura na região nas suas relações com os sistemas de ensino e com os movimentos sociais. A relação universidade e formação de professores, tendo como pressuposto a articulação com a educação básica e com a sócio diversidade regional, indicará sobre questões político-institucionais, epistemológicas e pedagógicas. Nesta perspectiva, alguns princípios devem ser sobrelevados: (i) da indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão; (ii) da diversidade epistemológica do mundo; e (iii) da diversidade de tempos-espacos-relações formativas, como mencionado na introdução.

### **2.3. Natureza do curso como instrumento de produção de conhecimento à luz de princípios científicos e práticos**

A história na concepção deste Projeto Pedagógico compreende dois sentidos. A História como ensino e pesquisa e a história como extensão da prática social.

Para Hobsbawm (2005, p.22) o passado humano está permanente relacionado com o presente. Ainda conforme o historiador, “ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo”. O passado é, portanto, “uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”. A questão é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações (HOBSBAWM, 2005).

O Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará da cidade de Marabá está localizado em um espaço historicamente marcado por conflitos econômicos, políticos e sociais.

Ao caracterizar a natureza do Curso, deve-se atentar para as características de um território de disputas. No âmbito dos discursos, da produção cultural e das relações sociais bem como dos conflitos pela terra e a crescente violência no campo e na cidade, mantém-se um processo a ser refletido, desde o passado ao presente dessa região.

Em virtude dessas situações, o silenciamento é um entrave a ser transposto para a elaboração de uma história que se desenvolva com potencialidade, em suas dimensões científicas e práticas.

Problematizar as questões agrárias e ambientais desde a colonização, as contribuições dos povos originários e das populações tradicionais, as tensões em torno do uso da terra, os referenciais identitários, os autoritarismos de Estado, as desigualdades sociais e raciais advindas com as migrações, as explorações do trabalho e as discussões de gênero, compõem o fundamento do Curso. As memórias dos grupos excluídos em períodos de exceção, os debates sobre mobilidade individual e coletiva urbana por meio de linguagens atualizadas no ensino, com a utilização das mais diversas fontes nas pesquisas pautadas no rigor teórico-metodológico à produção do conhecimento historiográfico, também constituem as bases da natureza do Curso.

Com vistas a analisar e a localizar as mudanças e as continuidades no sentido desse passado, marcado no tempo e no espaço desse território, o Curso de Licenciatura em História da Unifesspa tem como premissas fundantes em seus objetivos propor, por intermédio do ensino, da pesquisa e da extensão, o senso crítico além de contribuir para a atuação dos sujeitos em suas realidades através da formação teórica e prática de um Ensino de História comprometido com as peculiaridades da comunidade local e regional de Marabá e da Amazônia Legal.

Em conformidade com a Constituição Federal, o Curso, compreende a educação como processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Assim, com vieses teóricos e práticos, o Curso entende que a transformação social de uma realidade adversa decorre a partir do desenvolvimento da cidadania que garanta a plenitude dos sujeitos.

Consubstanciado por uma história científica que possibilite um descortinamento das ideologias autoritárias, a partir da consciência crítica dos sujeitos, sobretudo quanto ao sentido e a influência do passado na realidade bem como do entendimento da história como prática social que possibilite o entendimento e a superação das desigualdades, o Curso comporta quatro Linhas de Pesquisa para a produção de conhecimento:

- Relações de poder, Conflitos e Movimentos Sociais.
- Trabalho, Migração, Natureza e Meio Ambiente.

- História e Ensino: Saberes, Memórias e Narrativas.
- Educação Histórica e Linguagens.

#### **2.4. Contextualização da importância da área de conhecimento**

As diferentes sociedades elaboram diferentes consciências históricas (RUSEN, 2001). No mundo Ocidental, a partir do último terço do século XVIII, a História (*historie*) - relato de algo acontecido, pressuposta a constâncias das reações humanas, escrita para o proveito das gerações futuras e como instrução para a vida (*plena exemplorum est historia*) - deu lugar a um novo conceito de História (*Geschichte*), passando a agregar Histórias tidas particulares, *res gestae* [coisas realizadas], a *pragmata* [os fatos] e a *vitae* [as vidas], à medida que foi considerada aquela capaz de conferir a essa reunião de História dispersas e particulares uma coerência e uma totalidade enquanto discurso de verdade (KOSELLECK, 2006). Ou seja, a História tornou-se uma disciplina especializada, responsável pela reflexão teórica e pesquisa metódica do passado. Ao longo do século XIX, contudo, a História articulou aqueles procedimentos em uma área de investigação acadêmica, com um profundo investimento em pressupostos teóricos e metodologias de análise de documentos. No século XX, os desdobramentos conduzidos pela Escola dos *Annales*, pela História Social Inglesa e pela Nova História e a História Cultural ampliaram o escopo da disciplina e a sua área de atuação, bem como a reflexão dos princípios e procedimentos da Ciência da História. Destaque para a reflexão sobre o lugar da narrativa no fazer historiográfico, para metodologias como a História oral e para a reflexão sobre a consciência histórica como produção cultural o que potencializa o reconhecimento da diversidade das relações das muitas sociedades e grupos com a sua experiência no tempo.

O conhecimento histórico não se encontra mais comprometido exclusivamente com a conformação da memória pátria, como esteve, até algumas décadas atrás. A experiência social, em todas as suas manifestações, a memória e as representações sobre a experiência, compreende, hoje, o objeto do conhecimento histórico. As diversas consciências históricas, os modos que sociedades diferentes articulam a sua relação com o passado e a produção da memória do mesmo modo se tornaram parte das preocupações da disciplina. A ampliação das noções de agente histórico e de documento histórico contribuiu para que a produção historiográfica tratasse de temas e problemas desconhecidos para a historiografia do século XIX e expandisse seu olhar

sobre sociedades não-Ocidentais.

A produção de conhecimento tal como ela é entendida nos dias de hoje têm enorme impacto sobre as sociedades. Ela faculta, inicialmente, a crítica à tradição e, conseqüentemente, aos espaços de poder. A ampliação da noção de agente histórico e de consciência histórica viabiliza, da mesma forma, que contingentes cada vez maiores se percebam como construtores dos processos sociais vividos, permitindo a consolidação de valores democráticos. A crítica à memória, a formulação de análises sobre agentes históricos antes pouco ou nunca estudados, as investigações sobre dimensões intocadas do passado permitem, por fim (e por ora) que a memória seja percebida como uma construção intencional e, portanto, política ligada às lutas de poder nos diversos espaços da reflexão histórica, como por exemplo, a pesquisa acadêmica e a reflexão didática colocada nas aulas de História na educação básica.

Santo Agostinho, como um homem estudioso do tempo, se perguntara mais de uma vez *o que é tempo?* Respondendo que “se ninguém me pergunta eu sei, mas se me perguntarem e eu quiser explicar, não sei mais”. Essa aporia encontra-se de certa maneira também quando nós historiadores nos perguntamos o que é História? Diferentes idiomas fabricaram distintas expressões conceituais para representar o que é a História, que, por conseguinte, pode designar a própria trama dos acontecimentos como também a área do conhecimento responsável por estudar as relações processuais constitutivas da própria trama.

A História como campo do conhecimento tem um longo percurso que pode nos levar à Grécia do século V.a.C. Diferentes concepções de fazer História também marcam esse caminho. É com Heródoto de Halicarnasso que a História como relato explicativo dos acontecimentos, na luta contra o esquecimento, passa a constituir-se como narrativa fundada pelo trabalho de pesquisa. Nesse percurso, Tucídides também cunha sua marca, definindo como princípio indelével do fazer História a rigorosa análise que deveria se assemelhar à investigação judiciária, cujo resultado, precisa produzir um relato *verdadeiro*.

A busca por uma determinada *verdade* – por mais relativa e plural que seja – constituiu-se, pois, o fio condutor do percurso trilhado pela História como ciência em diferentes experimentos de tempo e espaço. No século XVI, por exemplo, tornou-se bandeira de luta a defesa irrestrita dos *historiadores* da chamada Escola Metódica, que não mediam esforços para tornar ciência a História através do primado da aplicabilidade do método.

O século, XIX, por sua vez, também imprime suas marcas nesse percurso. Grafa suas digitais nesse caminho, tornando-se conhecido como o “século da História” em virtude do processo de profissionalização desse campo do conhecimento. Momento singular em que a História passa a ganhar inteligibilidade por meio de um conjunto de regras, ritos, modos específicos de operacionalização, normas particulares de pesquisa e escrita.

Momento bastante significativo também ocorreu por meio das experiências denominadas de *Movimento do Annales*, ou *Escola dos Annales*, também chamada de “Revolução Francesa da Historiografia”. Movimento que em toda sua heterogeneidade redireciona e reconfigura as práticas constituintes do fazer historiográfico, sobretudo, a partir da chamada *Terceira Geração dos Annales* quando se problematiza e se amplia as concepções de objetos, documentos e problemas de pesquisa.

Na contemporaneidade de nossas experiências de tempo, a História como ciência ganhou uma configuração complexa, dinâmica, móvel e plural. Diferentes concepções de apropriação e representação, de análise, de construção narrativa, de problematizações que resultam em distintas leituras interpretativas, tornam a História esse lugar de produção de sentido e significação do mundo ou daquilo que se compreende por realidade. A História, constitui-se, pois, nesse espaço produtor de saber/poder que classifica, nomeia, inventaria e atribui existência às experiências humanas no tempo, e simultaneamente, se constitui como campo de luta contra o esquecimento. Ou seja, é um lugar de criação, de atribuição de sentido à vida; um lugar que fabrica, representa, cria, e institui universos plurais, que interconecta os tempos através das narrativas, que tece as tramas das experiências vividas por homens e mulheres.

Por esse ângulo de percepção a Ciência Histórica – como nomeiam alguns – se constitui como lentes perceptivas pelas quais uma dada configuração e interpretação temporal se dar a ler. Ou seja, a História como ciência, se projeta como um campo de leituras, de interpretações que imprime diferentes formas de atuação e questionamentos no presente. Nessa dimensão a História é, por excelência, um campo de disputa. Disputas que ocorrem no presente para se apropriar e representar um passado que não passa, ou um passado-presente, e, por conseguinte, instituir formas de apreensão e atuação política na construção presente do tempo, bem como de direcionar e projetar futuros possíveis.

Em cada experimento de tempo e espaço a Ciência Histórica esteve em estreito diálogo com os embates sociais que se tornavam ao mesmo tempo *produtos e*

*produtores* do fazer historiográfico. Conflitos, disputas, guerras, mudanças, formas distintas de produção material e intelectual, bem como de socialização e relações de poder e práticas culturais com diferentes configurações iam e vão tecendo as narrativas constituintes da História como ciência. Movimento acompanhando também por formas diferentes de produção documental e arquivamento concorrem para instituir esse campo de saber poder. Assim, de maneiras distintas, as leituras interpretativas produzidas pela História encontram-se em estreito diálogo com a contemporaneidade de cada experiência, inferindo, por extensão, formas específicas de atuação no espaço e no tempo.

A História ganha assim inteligibilidade e legitimidade à medida que se constitui como forma possível de se compreender as relações individuais e coletivas, portanto, sociais, no tempo e no espaço, podendo, por conseguinte, direcionar as formas de atuação políticas de homens e mulheres que atuam e vivem em sociedade. Sem incorrer em nenhum determinismo, podemos assegurar que não seria inverossímil defender que as lentes produzidas por esse campo de percepção e interpretação contribuem de forma singular para se compreender as relações de poder constituintes de nossas Histórias como experiências sociais, e, portanto, nos oferecem possibilidades de redirecionar nossas ações no tempo e no espaço.

Atuação que em nossa contemporaneidade vem se configurando de forma distinta através de uma dada interpretação e apreensão do tempo presente. Por esse ângulo de percepção, compreende-se que uma das características constituintes dessa experiência espaço-temporal se refere à singularidade, às *digitais políticas*, de como nós, atores sociais, estamos experienciando o tempo presente. Vivemos atualmente uma experiência de tempo, denominada por alguns de “presentismo” marcado pela aceleração nas formas de vivências e apreensão. *Presentismo* que projeta um horizonte de expectativa aberto, porém, indefinido, passageiro e incerto, e por seu caráter *acelerado*, constitui-se, também instável e pueril. Ou seja, o futuro, vivido no presente não é mais visto como ameaça, senão como catástrofe.

Assim, o *presentismo* se constitui como experiência orquestrada pelo império do instante, do imediato, do agora. Em outras palavras, é uma dada configuração de como estamos experienciando e praticando o tempo presente; experiências marcadas cada vez mais pela aceleração das relações e redes de poder que constituem as práticas sociais e humanas e, por conseguinte, projetam um futuro não muito promissor ou próspero, mas um futuro incerto.

Nossa experiência na contemporaneidade é caracterizada por um processo acelerado de mudanças de comportamento, de posturas, de maneiras distintas de perceber e viver o presente. Essa experiência é também marcada pela ampliação do acesso às novas tecnologias que nos desafiam cotidianamente em suas possibilidades de usos no nosso cotidiano. A História como ciência, não encontra-se fora dessa dinâmica e sofre os impactos das referidas mudanças, alterando sua configuração e o *modus operandi* de atuação e produção de sentidos.

## **2.5. A importância do processo de construção do PPC como mecanismo de organização e planejamento do processo educativo e o Processo de avaliação diagnóstica para subsidiar a (re)construção do PPC**

Como mencionado anteriormente, o Curso de Licenciatura em História da Unifesspa de Marabá se estabeleceu como o compromisso com o desenvolvimento da compreensão da região Sul e Sudeste do Pará como um espaço historicamente construído como o seu principal objetivo, bem como da estreita relação com a Educação Básica. O contexto sócio histórico da Amazônia Oriental brasileira e constitui a base material e imaterial de enraizamento do Curso de Licenciatura em História. Nesse sentido, faz-se capital retomarmos as funções do Curso que envolvem o papel da formação histórica para a ampliação das perspectivas da(s) consciência(s) histórica(s), no sentido de potencialmente orientar o agir dos grupos sociais no contexto dos conflitos e da diversidade social, cultural e ecológica que caracteriza a região, tendo como horizonte a sustentabilidade, os direitos humanos e a cidadania plena.

A presente proposta já se trata de uma reformulação daquela que foi a proposta inicial do PPC para a fundação do Curso na Unifesspa. Tendo em vista que antes da fundação da Unifesspa os *campi* de Marabá faziam parte da Universidade Federal do Pará. Em um primeiro momento, a elaboração foi empreendida por uma comissão de quatro professores historiadores doutores de diferentes universidades públicas da região: Dr. Airton dos Reis Pereira (UEPA), Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior (UFT), Dra. Idelma Santiago da Silva (Unifesspa) e Dr. Pere Petit Peñarrocha (UFPA). O projeto original, ainda, contou com a colaboração do Dr. Ivan Costa Lima (Unifesspa).

A recente atualização do texto, por sua vez, já se deu no contexto das reuniões ordinárias e cotidianas do Núcleo Docente Estruturante (NDE). Para além das contribuições da coordenação e vice coordenação do NDE, sob os cuidados dos



Professores Doutores Maria Clara Sales Carneiro Sampaio e Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes, participaram do esforço constante de reflexão e de mudança do texto os Professores Ms. Cassio Augusto Samogin Almeida Guilherme, Dr. Erinaldo Vicente Cavalcanti, Ms. Fabio Tadeu de Melo Pessoa, Ms. Janailson Macêdo Luiz e o Dr. José Amilton de Souza, que compõem o quadro docente da Faculdade de História.

O Curso de Licenciatura em História é desenvolvido na modalidade presencial, regime seriado, com duração de quatro anos (oito semestres) e já conta com discentes ingressantes nos anos de 2014, 2015 e 2016. Desta forma, como também mencionado anteriormente, o Curso é composto por três núcleos: o Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica, Núcleo de Formação Docente e o Núcleo de Estudos Integradores para enriquecimento Curricular. O percurso curricular do Curso fundamenta-se na formação para o entendimento das questões amazônicas, de modo a formar profissionais engajados em seus processos de auto(trans)formação, da produção acadêmica para a transformação da realidade e da constituição e reforço das identidades e capacidades propositivas, investigativas e criativas.

Por fim, faz-se necessário reafirmar que para além das reuniões ordinárias do NDE, estabeleceu-se que os meses que compreendem o final do período letivo servirão também como momento específico para a reflexão sobre o PPC. Destarte, a construção e reconstrução do PPC é atividade que demanda reflexão constante por parte dos professores que vão acumulando experiência cotidiana com os discentes.

### 3. Características gerais do curso

<b>Nome do curso</b>	História.
<b>Local de oferta</b>	Marabá.
<b>Endereço de oferta</b>	Campus Universitário de Marabá (Unidade III)
<b>Forma de Ingresso</b>	Sistema de Seleção Unificado (SISU)
<b>Processo Seletivo Especial</b>	Seleção diferenciada destinada a candidatos indígenas e quilombolas, que não tenham acessado ao ensino superior, para o provimento de vagas nos cursos de graduação presenciais oferecidos pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (PSE).
<b>Número de vagas</b>	40 vagas por turno (anual)
<b>Turno de funcionamento</b>	Matutino ou noturno
<b>Modalidade de oferta</b>	Presencial
<b>Habilitação</b>	Licenciatura
<b>Título Conferido</b>	Licenciado em História
<b>Duração mínima</b>	4 anos (8 semestres)
<b>Duração máxima</b>	6 anos (12 semestres)
<b>Carga horária total</b>	3.224 horas
<b>Período letivo</b>	Segundo e quarto períodos (art. 8º do Regulamento da Graduação)
<b>Regime acadêmico</b>	Seriado (art. 12º do Regulamento da Graduação)
<b>Período Acadêmico</b>	Semestral
<b>Forma de oferta de atividades</b>	Paralela, excepcionalmente modular, conforme artigo 9º do Regulamento de Graduação.
<b>Atos Normativos do Curso</b>	Portaria nº 50/2013. Publicada no D.O.U 19/09/2013.
<b>Avaliação externas (ENADE e outras)</b>	Processo de Reconhecimento do curso: conceito final 04.

### 4. Diretrizes Curriculares do Curso

O Curso de Licenciatura em História assume como princípios pedagógico-metodológicos: (i) a vinculação teórica e prática, o conhecimento historiográfico e saber histórico escolar; (ii) a pluralidade de tempos-espços-relações formativas, chamando a atenção para o conjunto dos tempos e espaços, vivências e práticas sociais em que se

constituem os sujeitos educativos; (iii) a pesquisa como estratégia educativa e sua articulação com a prática curricular continuada; (iv) a indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão; (vi) o aprendizado e uso de múltiplas linguagens articuladas à produção educacional.

A metodologia de ensino privilegia a formação do intelectual de forma autônoma, criativa e empreendedora. Nesse sentido, trabalhar-se-á com o objetivo de desenvolver o gosto pelo debate acadêmico, o respeito à crítica e a compreensão de que esta última é parte do fazer científico. Para tanto, os docentes encaminham, além das aulas expositivas, necessárias ao desenvolvimento do tempo de explicação, estratégias que exijam de si mesmos e dos discentes o exercício da crítica historiográfica, o confronto de perspectivas e a crítica às bases teóricas e metodológicas que as informam. No que concerne às disciplinas de natureza prática, a metodologia de ensino privilegiará o exercício de competências e habilidades necessárias à vivência profissional, proporcionando aos discentes as situações necessárias para o seu desenvolvimento.

#### **4.1. Fundamentos Epistemológicos, Éticos e Didático-Pedagógicos**

Como já mencionado, a relação da Universidade com formação de professores de História, tendo como pressuposto a articulação com a educação básica e com a sócio diversidade regional, deverá orientar-se pelos princípios: (i) da indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão; (ii) da diversidade epistemológica do mundo; (iii) da diversidade de tempos-espacos-relações formativas.

A práxis se constitui num dos fatores determinantes da ciência da História (RÜSEN, 2007). Isto quer dizer que ela visa produzir efeitos sobre a vida prática, especificamente na função de orientação do agir humano e que, portanto, o conhecimento histórico visa produzir efeitos nos processos de aprendizados. Nesta perspectiva, a formação histórica é uma categoria da didática da História, entendida como o conjunto de competências simultaneamente relacionadas ao saber, à práxis e à subjetividade. A didática da História refere-se à ciência do aprendizado histórico, isto é, trata-se da “contribuição da ciência da História para o desenvolvimento daquelas competências da consciência histórica que são necessárias para resolver problemas práticos de orientação com o auxílio do saber histórico” (RÜSEN, 2007, p. 94). Assim, a formação histórica como processo complementar e dinâmico – contrário ao ensino de História como “didática da cópia” – inclui a reflexão sobre as regras e os princípios com

que as ciências organizam categorialmente sua relação à experiência (à totalidade), à práxis (ao agir) e a subjetividade (aos seus sujeitos).

O debate sobre a educação histórica no Brasil é recente, mas apresenta-se como uma contribuição para se enfrentar o risco da dissociação entre especialização (formação teórico/intelectual) e profissionalização (competência técnica). Essa perspectiva exige uma formação integral do profissional de História, isto é, a não externalização e subordinação de fatores determinantes do processo cognitivo da História. A competência para realizar a reflexão sobre as regras e os princípios da cientificidade do saber histórico, inclui a formação sobre os diversos fatores dos procedimentos adotados pela pesquisa e com os tipos de saber por ela produzido: (i) a geração de problemas históricos a partir das carências de orientação da vida prática; (ii) a relação da formatação historiográfica ao público; (iii) as funções de orientação prática do saber histórico (RÜSEN, 2007, p. 90).

A formação em licenciatura pressupõe que os saberes relacionados à produção de conhecimento histórico e à consequente conformação da historiografia constituem a formação de todos aqueles que operam a memória a partir da História. Desta forma, o percurso curricular do curso se orienta pelos princípios da pesquisa como estratégia educativa e da formação para o entendimento das questões amazônicas, de modo a formar profissionais engajados em seus processos de auto(trans)formação, da produção acadêmica para a transformação da realidade e da constituição e reforço das identidades e capacidades propositiva, investigativa e criativa (UFPA, 2005). Desta forma, considera-se que essa formação teórica, técnica e político-social deverá pautar-se pela ampliação das formas de atuação do egresso, especialmente nas capacidades de intervir e promover processos de aprendizados históricos e de formação de consciência histórica que oriente o agir dos grupos sociais no contexto dos conflitos e da diversidade social, cultural e ecológica que caracteriza a região.

## **4.2. Objetivos do curso**

A presente versão atualizada do PPC estabelece o compromisso com o desenvolvimento da compreensão da região como um espaço historicamente. A partir dele, desdobram-se outros, a saber:

- A formação em História, voltada para a compreensão dos processos históricos da região;

- Ofertar a formação em História tendo a experiência amazônica e brasileira como suportes estruturantes dos percursos curriculares;
- Ofertar a formação para a Licenciatura em estreita relação com a Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio do vínculo imediato com a prática profissional desenvolvida no diálogo com Extensão Universitária e a Formação continuada.

### **4.3. Perfil do egresso**

O egresso deverá estar capacitado ao exercício do trabalho docente, como professor de História, habilitado a operar os instrumentos da produção do conhecimento histórico, conhecedor das principais correntes teóricas e das principais correntes historiográficas da Historiografia Brasileira. O graduado deverá estar capacitado a operar o conhecimento historiográfico (operar sobre as regras e os princípios com que a ciência da História organiza sua relação à experiência, à práxis, e a subjetividade), para a produção de Saber Histórico Escolar e realizar a Educação Histórica.

### **4.4. Competências e habilidades**

De acordo com os objetivos do curso, e com o perfil do profissional a ser formado, espera-se que o Licenciado em História possa:

1. Conhecer as principais correntes historiográficas da historiografia brasileira;
2. Conhecer as variações dos processos históricos, bem como suas diferentes modalidades de combinações no tempo e no espaço;
3. Conhecer e diferenciar as interpretações históricas propostas pelas principais escolas historiográficas, visando com isso dominar o conhecimento sobre procedimentos teórico-metodológicos e as modalidades de narrativa histórica;
4. Saber transitar pelas fronteiras entre a História e outras áreas do conhecimento, sendo capaz de diferenciá-las e, sobretudo, de qualificar o que é específico do conhecimento histórico;
5. Compreender e explicar os diferentes conceitos que formam as estruturas e relações sócio históricas de uma dada realidade;
6. Operar o conhecimento historiográfico de modo a transformá-lo em Saber Histórico Escolar;

7. Compreender a complexidade da atividade docente, não a dissociando de seus fundamentos político-pedagógicos e da pesquisa, tanto no âmbito formal como em práticas não-formais de ensino;
8. Refletir sobre as questões educacionais e pedagógicas referentes ao ensino da História nos níveis Fundamental, Médio e Educação de Jovens a Adultos (EJA) de forma a propor projetos de intervenção na realidade escolar, capazes de permitir a educação histórica do cidadão;
9. Transitar pelos saberes históricos e pedagógicos com competência de forma a elaborar material didático em diversas linguagens, amparados em referências teórico-metodológicas trabalhadas no curso;
10. Promover a educação de crianças, adolescentes e adultos no sentido amplo, incluindo, além do ensino de disciplinas escolares e o desenvolvimento cognitivo, o cuidado com aspectos afetivos, físicos, socioculturais, ambientais e éticos, sobretudo atuando na formação plena da cidadania;
11. Selecionar e organizar conteúdos de História de modo a assegurar sua aprendizagem discente, bem como da cultura local;
12. Selecionar e usar recursos didáticos adequados e estratégias metodológicas do ensino da História de acordo com o grau de maturidade pedagógica e psicológica dos discentes;
13. Propor e desenvolver trabalho coletivo e cooperativo.

Assim, serão desenvolvidos conteúdos que atendam às políticas públicas voltadas para a educação básica (PCNs, LDBN/96, Diretrizes Curriculares para a Formação do Educador) e que sinalizam a direção que os estudos históricos devem tomar na formação do cidadão.

## **5. Organização Curricular do Curso**

### **5.1. Estrutura do Curso (Desenho Curricular)**

O Curso de Licenciatura em História da Unifesspa está amparado na legislação vigente: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394, de 20/12/1996); Resolução CNE/CES nº 13, de 13/03/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de História; Portaria MEC nº 403, de 01/04/2010 que trata dos Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura; Lei 10.639/2003, que trata do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e a Lei 11.645/2008 que insere a questão indígena também e, também, a Resolução 8 CNE/2012 que faz referência as populações remanescentes de quilombos; Resolução CNE/CP nº 1/2004 que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana; Decreto Presidencial nº 5.626/2005 que regulamenta a inclusão de Libras como disciplina curricular, também na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a inclusão de Linguagem Brasileira de Sinais-LIBRAS; Lei nº 9.795 de 27/04/1999 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental; Resolução CNE, nº 2, de 01 de julho de 2015, Formação dos profissionais do Magistério para Educação Básica: Base Comum Nacional.

Faz-se necessário também citar a Resolução nº 08, de 20 de maio de 2014, que é o Regulamento de Ensino de Graduação da Unifesspa; Parecer CONAES nº4 de 17 de junho de 2010, sobre o Núcleo Docente Estruturante – NDE; Regulamentação das Atividades Complementares, 20 de outubro de 2015. NDE - Colegiado de História – Unifesspa; Regulamentação do Estágio Supervisionado, NDE- Colegiado de História – Unifesspa; Regulamentação de Monografia NDE - Colegiado de História – Unifesspa.

A organização curricular formulada para a Licenciatura busca conformar o perfil do egresso em acordo com duas ordens de fatores: em primeiro lugar, evidentemente, as diretrizes curriculares para a formação de professores; em segundo lugar, a compreensão compartilhada pelo corpo docente do curso, segundo a qual a formação do professor não exclui a pesquisa e a perspectiva de construção do conhecimento. Da mesma forma, a organização projetada propõe uma ampla discussão sobre o ofício do professor, tanto por meio da discussão teórica e científica sobre o fazer docente quanto pela prática pedagógica e pela vivência no ambiente escolar.

O Curso de História é composto por três núcleos: o Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica, Núcleo de Formação Docente e o Núcleo de Estudos Integradores para enriquecimento Curricular. O total da carga horária do Curso de Licenciatura em História, incluídas as atividades científico-culturais, é de **3246 horas**, subdivididas em oito semestres.

**A. O Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica** tinha uma carga horária total de **1360** horas, que foi atualizada para **1520** horas. O total de horas incluindo uma disciplina optativa é de **1394** no PPC original e **1598** na versão atualizada. O Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica é formado por cinco nucleações: 1) Teoria e Metodologia da História, 2) História Geral, 3) História Americana, 4) História do Brasil e 5) História da Amazônia. As nucleações distribuem-se ao longo do percurso curricular ao par e ao passo das disciplinas do Núcleo de Formação Docente.

No projeto original, a nucleação de “Teoria e Metodologia da História” contava com quatro disciplinas e 170 horas:

### **1. Teoria e Metodologia da História**

- 1.1. Epistemologia e Diversidade, com carga horária de 34 horas;
- 1.2. Introdução aos Estudos Históricos, com carga horária de 34 horas;
- 1.3. Matrizes do Pensamento Historiográfico do Século XIX, com carga horária de 34 horas;
- 1.4. Matrizes do Pensamento Historiográfico do Século XX, com carga horária de 68 horas;

Nesta versão atualizada conta com cinco disciplinas, somando 306 horas. (A disciplina de “Epistemologia e Diversidade” passa a ser eletiva):

### **1. Teoria e Metodologia da História**

- 1.1. Introdução aos Estudos Históricos, com carga horária de 34 horas;
- 1.2. Historiografia e Teoria da História, com carga horária de 68 horas;
- 1.3. Teoria e Metodologia da História, com carga horária de 68 horas;
- 1.4. Historiografia Brasileira, com carga horária de 68 horas;
- 1.5. Teoria e História Cultural, com carga horária de 68 horas;

No projeto original a nucleação de “História Geral” contava com sete disciplinas, somando 408 horas.

### **2. História Geral**

- 2.1. Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade, com carga



horária de 68 horas;

2.2. Relações de poder e trabalho no mundo medieval, com carga horária de 68 horas;

2.3. História das Sociedades Africanas, com carga horária de 34 horas;

2.4. Formação dos Estados Nacionais, com carga horária de 68 horas;

2.5. História das Revoluções e do Imperialismo, com carga horária de 68 horas;

2.6. História do Breve Século XX, com carga horária de 68 horas;

2.7. África Colonial e Pós-colonial, com carga horária de 34 horas.

Na atual versão do texto são 9 disciplinas e somam 476 horas.

## **2. História Geral**

2.1. Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade, com carga horária de 68 horas;

2.2. Relações de Poder, Trabalho e Cultura no mundo medieval, com carga horária de 68 horas;

2.3. História das Sociedades Africanas, com carga horária de 34 horas;

2.4. África Colonial e Pós-colonial, com carga horária de 34 horas;

2.5. Tempos Modernos I, com carga horária de 68 horas;

2.6. Tempos Modernos II, com carga horária de 34 horas

2.7. Tempos Contemporâneos I, com carga horária de 68 horas;

2.8. Tempos Contemporâneos II, com carga horária de 68 horas;

2.9. História da Ásia Contemporânea, com carga horária de 34 horas;

No projeto original a nucleação “História das Américas” tinha a nomenclatura de “História Americana” e tinha quatro disciplinas e 272 horas.

## **3. História Americana**

3.1. Sociedades Autóctones das Américas, com carga horária de 68 horas;

3.2. Conquista e Colonização das Américas, com carga horária de 68 horas;

3.3. Independências e Formação dos Estados Nacionais nas Américas, com carga horária de 68 horas;

3.4. Populismo, Revoluções e Regimes Totalitários na América Latina, com carga horária de 68 horas

Na versão atual do texto a nucleação permanece com quatro disciplinas e 272 horas.

## **3. História das Américas**

3.1. Sociedades Autóctones das Américas, com carga horária de 68 horas;

3.2. Conquista e Colonização das Américas, com carga horária de 68 horas;

3.3. Independências e Formação dos Estados Nacionais nas Américas, com carga horária de 68 horas;

3.4. Temas Contemporâneos da História das Américas, com carga horária de 68 horas.

O campo de História do Brasil continha 4 disciplinas e 272 horas.

#### **4. História do Brasil**

4.1. História da América Portuguesa, com carga horária de 68 horas;

4.2. Formação do Estado-Nação no Brasil, com carga horária de 68 horas;

4.3. História e Cultura Afro-brasileira, com carga horária de 68 horas;

4.4. História do Tempo Presente no Brasil, com carga horária de 68 horas;

Na atual versão do Projeto a área de “História do Brasil” permanece com 4 disciplinas e 272 horas.

#### **4. História do Brasil**

4.1. História da América Portuguesa, com carga horária de 68 horas;

4.2. Formação do Estado-Nação no Brasil, com carga horária de 68 horas;

4.3. História e Cultura Afro-brasileira, com carga horária de 68 horas;

4.4. História do Brasil Contemporâneo, com carga horária de 68 horas;

Na subdivisão de “História da Amazônia”, o texto original continha 4 disciplinas e 238 horas.

#### **5. História da Amazônia**

5.1. História do Sul e Sudeste do Pará, com carga horária de 68 horas;

5.2. História Social e Econômica da Amazônia, com carga horária de 68 horas;

5.3. História Indígena e do Indigenismo na Amazônia, com carga horária de 68 horas;

5.4. Cultura e Natureza na Amazônia, com carga horária de 34 horas;

A versão atual da “História da Amazônia” permanece com 4 disciplinas e 204 horas.

#### **5. História da Amazônia**

5.1. História do Sul e Sudeste do Pará, com carga horária de 34 horas;

5.2. História Social e Econômica da Amazônia, com carga horária de 68 horas;

5.3. História Indígena e do Indigenismo na Amazônia, com carga horária de 68 horas;

5.4. História, Cultura e Meio-Ambiente, com carga horária de 34 horas;

**B. O Núcleo de Formação Docente** tinha uma carga horária total de **1428** horas e com a atualização, passou a ter **1250** horas. Contabilizando a disciplina optativa as horas do PPC original somam **1462** e na versão atualizada **1326** horas. O Núcleo de Formação

Docente está organizado em quatro nucleações: 1) Formação Básica da Licenciatura; 2) Prática Curricular Continuada; 3) Estágio Supervisionado; e, 4) Metodologia e Pesquisa em História e em Ensino de História. A primeira tratará da formação teórica do professor, com disciplinas que abordem os princípios filosóficos, éticos e técnicos do fazer docente.

A segunda viabilizará a experiência controlada dos futuros professores com o ambiente escolar e suas particularidades, de forma a garantir a experiência mínima necessária ao exercício da docência. As atividades dessa última nucleação serão desenvolvidas, conforme determina a legislação correspondente, desde o início do curso.

A terceira nucleação volta-se para a prática aplicada sob supervisão, com vistas à consolidação de competências e habilidades apreendidas ao longo da formação e, o desenvolvimento de outras, só possíveis de serem aprimoradas a partir da prática. A última nucleação consistirá nas atividades que culminarão no trabalho de conclusão de curso, o qual deverá dar conta de temática voltada para as questões do Ensino. As nucleações distribuem-se ao longo do percurso curricular ao par e ao passo das disciplinas do Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica.

No texto original a área de “Formação Básica e Licenciatura” contava com 5 disciplinas e 306 horas.

## **6. Formação Básica da Licenciatura**

- 6.1. Educação Histórica, com carga horária de 68 horas;
- 6.2 História da Educação no Brasil, com carga horária de 34 horas;
- 6.3 História de Vida, com carga horária de 68 horas;
- 6.4. Libras, com carga horária de 68 horas;
- 6.5. Psicologia da Educação e da Aprendizagem, com carga horária de 68 horas;

No texto atual a área de “Formação Básica e Licenciatura” passa a ter 4 disciplinas e **238** horas (a disciplina “História de Vida” passa a ser eletiva).

## **6. Formação Básica da Licenciatura**

- 6.1. Didática e Educação Histórica, com carga horária de 68 horas;
- 6.2 História da Educação no Brasil, com carga horária de 34 horas;
- 6.3. Libras, com carga horária de 68 horas;
- 6.4. Psicologia da Educação e da Aprendizagem, com carga horária de 68 horas;

Em “Prática Curricular Continuada”, o plano original contava com 7 disciplinas e 476 horas.

## **7. Prática Curricular Continuada (PCC)**

- 7.1. Estratégias de Ensino de História Local e Regional, com carga horária de 68 horas;
- 7.2. Texto didático: produção e uso, com carga horária de 68 horas;
- 7.3. Ensino de História: Patrimônio Material e Imaterial, com carga horária de 68 horas;
- 7.4. Ensino de História e Linguagens: literatura, oralidades e mídias, com carga horária de 68 horas;
- 7.5. Estratégias de Ensino de História no Ensino Fundamental, com carga horária de 68 horas;
- 7.6. Estratégias de Ensino de História no Ensino Médio, com carga horária de 68 horas;
- 7.7. Estratégias de Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais, com carga horária de 68 horas;

No texto atualizado, a “Prática Curricular Continuada” continua com 7 disciplinas e 476 horas.

## **7. Prática Curricular Continuada (PCC)**

- 7.1. História e Ensino: Estratégias de Ensino de História Local e Regional, com carga horária de 68 horas;
- 7.2. História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias, com carga horária de 68 horas;
- 7.3. História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial, com carga horária de 68 horas;
- 7.4. História e Ensino: Texto didático, sua produção e uso, com carga horária de 68 horas;
- 7.5. História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos) com carga horária de 68 horas;
- 7.6. História e Ensino: História e Gênero, com carga horária de 68 horas;
- 7.7. História e Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais, com carga horária de 68 horas;

Em “Estágio Supervisionado”, as disciplinas permaneceram com os mesmos títulos e com a mesma carga horária de 408 horas.

## **8. Estágio Supervisionado**

- 8.1. Estágio Supervisionado I, com carga horária de 102 horas;
- 8.2. Estágio Supervisionado II, com carga horária de 102 horas;
- 8.3. Estágio Supervisionado III, com carga horária de 102 horas;
- 8.4. Estágio Supervisionado IV, com carga horária de 102 horas;

Na versão atual permanece:

## **8. Estágio Supervisionado**

- 8.1. Estágio Supervisionado I, com carga horária de 102 horas;
- 8.2. Estágio Supervisionado II, com carga horária de 102 horas;
- 8.3. Estágio Supervisionado III, com carga horária de 102 horas;
- 8.4. Estágio Supervisionado IV, com carga horária de 102 horas;

Por fim, a área de “Metodologia e Pesquisa”, contava com quatro disciplinas e 238 horas.

## **9. Metodologia e Pesquisa em História e em Ensino de História**

- 9.1. Metodologia das Ciências Humanas e Sociais, com carga horária de 34 horas;
- 9.2. Metodologia: Projeto de Pesquisa, com carga horária de 68 horas;
- 9.3. Monografia I, com carga horária de 68 horas;
- 9.4. Monografia II, com carga horária de 68 horas;

No texto atual, a área conta com 4 disciplinas e 170 horas.

## **9. Metodologia e Pesquisa em História e em Ensino de História**

- 9.1. Metodologia do Projeto de Pesquisa, com carga horária de 34 horas;
- 9.2. Seminário de Pesquisa em História, com carga horária de 34 horas.
- 9.2. Monografia I, com carga horária de 34 horas;
- 9.4. Monografia II, com carga horária de 68 horas;

**C) O Núcleo de Estudos Integradores para enriquecimento Curricular, abrigará** as atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos estudantes, conforme Resolução 02/2015, denominadas na versão anterior do PPC de Atividades Complementares e correspondia a uma carga-horária total de 200 horas. O Núcleo passa a ter carga horária total 300 horas e possibilitará ao discente a aprofundar-se em atividades diversificadas, por meio da iniciação científica, da iniciação à docência, da extensão e da monitoria, entre outras, em consonância com os objetivos deste PPC.

**C. Quadro do Desenho Curricular do Curso do PPC anterior**

**Quadro do Desenho Curricular do Curso**

NÚCLEO	ÁREA (NUCLEAÇÕES)	ATIVIDADES CURRICULARES	Carga Horária	
Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica	Teoria e Metodologia da História	Epistemologia e Diversidade	34	
		Introdução aos Estudos Históricos	34	
		Matrizes do Pensamento Historiográfico do Século XIX	34	
		Matrizes do Pensamento Historiográfico do Século XX	68	
	História Geral	Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade	68	
		Relações de poder e trabalho no mundo medieval	68	
		História das Sociedades Africanas	34	
		Formação dos Estados Nacionais	68	
		História das Revoluções e do Imperialismo	68	
		História do Breve Século XX	68	
		África Colonial e Pós-colonial	34	
	História Americana	Sociedades Autóctones das Américas	68	
		Conquista e Colonização das Américas	68	
		Independências e Formação dos Estados Nacionais nas Américas	68	
		Populismo, Revoluções e Regimes Totalitários na América Latina	68	
	História do Brasil	História da América Portuguesa	68	
		Formação do Estado-Nação no Brasil	68	
		História e Cultura Afro-brasileira	68	
		História do Tempo Presente no Brasil	68	
	História da Amazônia	História do Sul e Sudeste do Pará	68	
		História Social e Econômica da Amazônia	68	
		História Indígena e do Indigenismo na Amazônia	68	
		Cultura e Natureza na Amazônia	34	
		Optativa I	34	
	SUBTOTAL POR NÚCLEO		<b>1394</b>	

<b>Núcleo de Formação Docente</b>	Formação Básica da Licenciatura	Educação Histórica	68
		História da Educação no Brasil	34
		História de Vida	68
		Libras	68
		Psicologia da Educação e da Aprendizagem	68
	Prática Curricular Continuada (PCC)	PCC I – Estratégias de Ensino de História Local e Regional	68
		PCC II – Ensino de História e Linguagens: literatura, oralidades e mídias	68
		PCC III - Ensino de História: Patrimônio Material e Imaterial	68
		PCC IV - Texto didático: produção e uso	68
		PCC V - Estratégias de Ensino de História no Ensino Fundamental	68
		PCC VI - Estratégias de Ensino de História no Ensino Médio	68
		PCC VII – Estratégias de Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais	68
	Estágio Supervisionado	Estágio Supervisionado I	102
		Estágio Supervisionado II	102
		Estágio Supervisionado III	102
		Estágio Supervisionado IV	102
	Metodologia e Pesquisa em História e em Ensino de História	Metodologia das Ciências Humanas e Sociais	34
		Metodologia: Projeto de Pesquisa	68
		Monografia I	68
		Monografia II	68
		Optativa II	34
<b>SUBTOTAL POR NÚCLEO</b>			<b>1462</b>
		Atividades Complementares	200
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>3056</b>

**Quadro do Desenho Curricular do Curso (Atualizado)**

NÚCLEO	ÁREA	ATIVIDADES CURRICULARES	Carga Horária			
Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica	Teoria e Metodologia da História	Introdução aos Estudos Históricos	34			
		Historiografia e Teoria da História	68			
		Teoria e Metodologia da História	68			
		Historiografia Brasileira	68			
		Teoria e História Cultural	68			
			<b>Total de Horas</b>	<b>306</b>		
	História Geral		Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade	68		
			Relações de poder, trabalho e cultura no mundo medieval	68		
			História das Sociedades Africanas	34		
			Tempos Modernos I	68		
			Tempos Modernos II	34		
			Tempos Contemporâneos I	68		
			Tempos Contemporâneos II	68		
			História da Ásia Contemporânea	34		
			África Colonial e Pós-colonial	34		
					<b>Total de Horas</b>	<b>476</b>



História das Américas	Sociedades Autóctones das Américas	68	
	Conquista e Colonização das Américas	68	
	Independência e Formação dos Estados Nacionais nas Américas	68	
	Temas Contemporâneos de História das Américas	68	
	<b>Total de Horas</b>	<b>272</b>	
História do Brasil	História da América Portuguesa	68	
	Formação do Estado Nação no Brasil	68	
	História e Cultura Afro-brasileira	68	
	História do Brasil Contemporâneo	68	
	<b>Total de Horas</b>	<b>272</b>	
História da Amazônia	História do Sul e Sudeste do Pará	34	
	História Social e Econômica da Amazônia	68	
	História Indígena e do Indigenismo na Amazônia	68	
	História Cultura e meio ambiente	34	
	<b>Total de Horas</b>	<b>204</b>	
	Optativa I	34	
<b>SUBTOTAL POR NÚCLEO</b>		<b>1598</b>	
Núcleo de	Formação Básica da Licenciatura	Didática e Educação	68

Formação Docente		Histórica	
		História da Educação no Brasil	34
		Libras	68
		Psicologia da Educação e da Aprendizagem	68
		<b>Total de Horas</b>	<b>238</b>
	Prática Curricular Continuada (PCC)	PCC I – História e Ensino: Estratégias de Ensino de História Local e Regional	68
		PCC II – História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias	68
		PCC III – História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial	68
		PCC IV - História e Ensino: Texto didático: sua produção e uso	68
		PCC V - História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos)	68
	PCC VI - História e Ensino: História e Gênero	68	
	PCC VII – História e	68	

		Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais	
		<b>Total de Horas</b>	<b>476</b>
	Estágio Supervisionado	Estágio Supervisionado I	102
		Estágio Supervisionado II	102
		Estágio Supervisionado III	102
		Estágio Supervisionado IV	102
		<b>Total de Horas</b>	<b>408</b>
	Metodologia e Pesquisa em História e em Ensino de História	Metodologia de Projeto de Pesquisa	34
		Seminário de Pesquisa em História	34
		Monografia I	34
		Monografia II	68
		<b>Total de Horas</b>	<b>170</b>
		Optativa II	34
<b>SUBTOTAL POR NÚCLEO</b>			<b>1326</b>
	O Núcleo de Estudos Integradores para enriquecimento Curricular	Atividades Complementares	<b>300</b>
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>3224</b>

## 5.2. Prática Pedagógica

A Prática Pedagógica do Curso de Licenciatura em História, como componente curricular, ocorrerá desde o primeiro ano do curso e será finalizada no quarto ano do percurso curricular.

Nas sete disciplinas de Prática Curricular Continuada (História e Ensino: Estratégias de Ensino de História Local e Regional; História e Ensino: Texto didático, sua produção e uso; História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial; História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias; História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA; História e Ensino: História e Gênero; História e Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais) são contempladas 448 horas nas quais as disciplinas de Prática Curricular

Continuada viabilizarão a experiência controlada dos futuros professores com o ambiente escolar e suas particularidades, de forma a garantir a experiência mínima necessária ao exercício da docência.

Os saberes necessários à formação autônoma dos futuros docentes não se restringem ao Estágio Supervisionado, obrigatório ou não. Eles perpassam pelas disciplinas específicas e de formação geral. As Atividades de Prática de Ensino serão desenvolvidas no interior das disciplinas de conteúdos histórico/historiográficos permitindo uma articulação prática e teórica e uma reflexão sobre como esses conteúdos seriam trabalhados no ensino, garantindo que a perspectiva da docência esteja presente durante todo o curso.

Da mesma forma, a prática de pesquisa também será trabalhada no interior das disciplinas de conteúdos histórico/historiográficos e nas disciplinas específicas de pesquisa, permitindo a efetivação do processo de formação profissional da História. Todavia, é no Estágio Supervisionado que os alunos confrontarão os conteúdos, técnicas, abordagens e metodologias apreendidas durante o curso com os saberes produzidos no espaço próprio do exercício da sua profissão.

### **5.3. Estágio Supervisionado**

O estágio supervisionado de formação profissional compreenderá 408 (quatrocentas e oito) horas e será desenvolvido a partir do 5º semestre, de acordo com as ementas e a legislação em vigor. O objetivo geral do estágio supervisionado é garantir a aprendizagem significativa dos conteúdos da formação educativa (docente e profissionais da educação), vinculada à prática pedagógica problematizada, teorizada e transformada a partir das intervenções do estagiário. Os objetivos específicos são:

- promover situações de observação ao licenciado e reflexão sobre a prática pedagógica para compreender e atuar em situações contextualizadas.
- criar situações de aprendizagem para a construção de competências nas relações humanas e ensino (saber fazer) a partir do envolvimento direto com a prática e do estudo paralelo dos referenciais teórico-metodológicos que norteiam a prática educativa.
- possibilitar ao licenciado sua intervenção na prática, reorganizando as atividades pedagógicas, a partir da problematização, tematização e reelaboração de seus conhecimentos.

- habilitar o aluno a relacionar teoria e prática, problematizando, analisando e teorizando-as para desenvolver o campo teórico-investigativo da educação.

A Faculdade de História credenciará em até 200 horas as atividades de estágios, conforme estabelece Resolução de Formação de Professores desde que os alunos exerçam atividade docente regular na Educação Básica e elaborem relatórios técnicos e/ou artigo científico sobre a experiência no campo de estágio, ficando a cargo de uma comissão de professores de acompanhar e avaliar o desempenho do discente.

Os alunos que comprovarem experiência como professores de História, em qualquer dos níveis de Ensino, por pelo menos dois anos, poderão credenciar 200 horas de estágio, ficando a cargo de uma comissão de professores de acompanhar e avaliar as competências e habilidades como docente da área de História.

Fica a cargo do colegiado de professores da Faculdade de História analisar os casos em que os alunos e alunas tenham exercido função docente em outras áreas que não a História, bem como a experiência docente fora do ensino fundamental e médio (Ex: Cursinhos pré-vestibular como o Emancipa/Unifesspa). Tais atividades poderão ser contabilizadas como horas de Atividades Complementar e, de acordo com a natureza das experiências documentadas pelos alunos e alunas, poderão ser horas de Atividade de Extensão.

#### **5.4. Trabalho de Conclusão de Curso**

O trabalho de conclusão de curso consistirá na aplicação prática das competências e habilidades adquiridas ao longo do curso revertidas para a produção de conhecimento de caráter histórico.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade curricular obrigatória (Ver Regulamento de Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de História) e será executado sob a forma de Monografia de Iniciação Científica. O trabalho de conclusão de curso será desenvolvido no âmbito das disciplinas Metodologia de Projeto de Pesquisa, Seminário de Pesquisa em História, Monografia I e Monografia II, ofertadas, respectivamente, no sexto, sétimo e oitavo semestre, integralizando uma carga horária de 170 horas. O trabalho de conclusão de curso será realizado individualmente e será assistido por um professor orientador.

O Trabalho de Conclusão de Curso será defendido em sessão pública, perante Banca Examinadora constituída de, no mínimo, dois membros titulares, sendo um deles,

obrigatoriamente, o orientador, que presidirá a sessão, conforme Resolução supracitada.

### **5.5. Atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos discentes**

As atividades acadêmicas, culturais, de ensino, pesquisa e extensão, constituir-se-ão de ações que articulem saber acadêmico e experiência profissional, conforme a Resolução CNE/CP 02/2015, em seu artigo IV. A carga-horária destinada a estas atividades perfarão o total de 300 horas (trezentas horas), das quais 100 horas serão destinadas as atividades de extensão.

Serão consideradas atividades complementares: participação em eventos, monitorias de disciplinas, trabalhos voluntários, minicursos, publicação de artigos, disciplinas optativas, atividades de extensão dentre outras. Tais atividades, que deverão cumprir-se ao longo do percurso curricular e compreendem uma ampla gama de ações possíveis, as quais serão reguladas pelos professores da Faculdade de História. A consideração de tais atividades para fins de integralização curricular dependerá, necessariamente, da participação efetiva e ativa nas atividades eleitas. Para além das atividades supracitadas, acrescentam-se as todas aquelas propostas pela Nucleação de Prática Curricular Continuada que conta com 7 (sete) disciplinas regulares. As atividades poderão ser, dentre outras: mostras de projetos de pesquisa de Iniciação Científica, exercícios pedagógicos de reflexão didática e eventos de extensão abertos ao público de professores ligados às redes municipal, estadual e privada. Contudo, o **Seminário Permanente de Extensão em Prática Curricular Continuada** (PCC) acontecerá anualmente e os alunos e alunas deverão apresentar obrigatoriamente seu trabalho pelo menos 1 (uma) vez ao longo do curso de graduação. A pormenorização das horas a serem contabilizadas pelos ouvintes, organizadores e apresentadores de trabalho será decidida em resolução específica.

### **5.6. Articulação do Ensino com a Pesquisa e a Extensão**

As atividades curriculares conjugam a formação teórica e prática para a pesquisa. Essa conjugação, comum a grande parte das atividades curriculares, garante a articulação ensino, pesquisa e extensão, uma vez que os procedimentos realizados no âmbito das atividades compreendem a formação dos egressos para a produção e para a

divulgação de conhecimento. As atividades curriculares articulam ambas as dimensões da atuação universitária, pois consideram que produção e divulgação são duas faces do fazer da ciência, instâncias necessárias da produção de conhecimento.

Diante disso, pretende-se organizar uma mostra científica, intitulada:

- **O Colóquio de Produção Científica:** que pretende reunir pesquisas em andamento ou finalizadas, decorrentes dos cursos de graduação e pós-graduação desenvolvidos na Faculdade de História. A contabilização de horas constará em resolução específica.

Por fim, há a possibilidade de atribuição de horas de atividades de pesquisa para aqueles discentes que participem dos grupos de pesquisa, compareçam às reuniões e encontros pessoais de orientação, realizem fichamentos e participem dos grupos de estudos devidamente reconhecidos pela Faculdade de História. A atribuição dessas horas, como mencionado anteriormente, serão estabelecidas em regulamento próprio aprovado pela Faculdade de História.

### **5.6.1. Política de Pesquisa**

São quatro as linhas do Curso de História e que serão melhor detalhadas nos itens a seguir:

- Relações de poder, Conflitos e Movimentos Sociais
- Trabalho, Migração, Natureza e Meio Ambiente
- História e Ensino: Saberes, Memórias e Narrativas
- Educação Histórica e Linguagens

### **5.6.2. Laboratórios e Grupos de Pesquisa**

#### **A. Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa em História – LEEPH da Unifesspa**

O Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa em História – LEEPH origina-se da necessidade de desenvolver práticas de ensino e pesquisa históricas. Conforme concepção de Paulo Freire: “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses

fazerem se encontram um no corpo do outro” (FREIRE, 1996). Ademais, o Laboratório busca articular o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

Iniciar e promover os discentes à Iniciação Científica compõem as ações do LEEPH. Oficinas temáticas, práticas de pesquisas e organização de acervo histórico serão ações concatenadas de maneira a possibilitar a reflexão e o fazer histórico, do manejo das fontes escritas, orais, iconográficas e materiais.

O Laboratório é um espaço para a efetivação das reflexões teórico-metodológicas relacionadas à pesquisa histórica, educação e a didática histórica. O processo de criação de metodologias e práticas de ensino a partir da pesquisa acadêmica consistirá na interlocução entre professores e alunos do Curso de História da UNIFESSPA. O laboratório promoverá uma interação contínua do ensino, da pesquisa e do aprendizado. Fará o uso de múltiplas linguagens, dentro de espaços formais e não formais de ensino.

Parte-se do reconhecimento de que existem múltiplos saberes e práticas educativas, assim como um amplo repertório de fontes a serem utilizadas no ensino de história. Por isto, entende-se que a pluralidade deve ser incorporada às práticas de ensino e pesquisa no âmbito do Ensino Fundamental e Médio. Entre os propósitos do laboratório estão o de articular atividades de ensino, de pesquisa, de apoio a discentes e de formação continuada de professores.

A formação continuada de professores se efetivará a partir de propostas efetuadas junto a Secretaria Municipal de Educação de Marabá e a Unidade Regional de Ensino do Estado Pará, com vistas a atender os docentes de História da Rede de ensino. O LEEPH reconhece que a qualidade da educação está intimamente associada à atualização docente. Por isso, formulará projetos como seminários, oficinas, palestras, workshops que visem, sobretudo, atrair os professores para as atividades elaboradas para este fim, em horários alternativos, com vistas a colaborar para a atuação didática docente na Educação Básica.

O LEEPH estará conectado, de maneira muito próxima, **com o Estágio Supervisionado de História**, que como prática de ensino e pesquisa, busca consolidar as linhas de pesquisas do PPC do curso de licenciatura em História da UNIFESSPA. Propõe fazer com que o discente consiga desenvolver habilidades e competências para além do manuseio e da interpretação dos documentos, mas que consiga fazer a transposição didática dessas fontes ao ensino de história.



O LEEPH, além de propostas metodológicas de ensino, de pesquisa e de formação docente, atuará na vida e na cultura escolar marabaense. Por isso, será um espaço para práticas de leitura e de problematização das experiências cotidianas das comunidades locais, com temas relevantes ligados às memórias e histórias silenciadas de diferentes sujeitos sociais residentes no Sul e Sudeste do Pará, em especial na cidade de Marabá – PA.

Como já mencionado, as atividades do **Seminário Permanente de Extensão em Prática Curricular Continuada** estão compreendidas dentre as atividades desenvolvidas no LEEPH.

## **B. Laboratório de Cartografia Social do Sul e Sudeste do Pará**

A constituição do Laboratório de Cartografia Social do Sul e Sudeste foi antecedida por um conjunto de atividades realizadas no entorno do Projeto Nova Social da Amazônia (PNCSA), o qual está em andamento desde 2005 e desde 2006 no sudeste do Pará. A partir de 2012 as atividades foram reforçadas com o *Projeto Mapeamento Social como instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processos de capacitação de Povos e Comunidades Tradicionais*. Este reforço ocorreu, mais especificamente, através das ações da equipe de pesquisadores do Núcleo Pará atuando na região em parceria com os movimentos sociais. Do ano de 2014 em diante os pesquisadores atuantes na região em entorno do segundo projeto formaram Núcleo Sul e Sudeste do Pará, ensejando, portanto, a constituição simultânea do Grupo de Pesquisa Núcleo de Cartografia Social do Sul e Sudeste – CNPq/UNIFESSPA/UFPA.

Nesse sentido, a proposta de laboratório ora apresentada significa a consolidação de um espaço de referência na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA –, assim como a formalização e fortalecimento de um vínculo institucional. Isto mediante a articulação com as propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura em Educação do Campo e de História dessa instituição, criados em 2009 e 2013, respectivamente. A esta articulação com as iniciativas do PNCSA, soma-se o compartilhamento das suas perspectivas teórico-metodológicas e do suporte de infraestrutura para as atividades do Núcleo de pesquisadores do sudeste do Pará. Ademais, trata-se de uma iniciativa de ações conjuntas, em rede e num esforço de parcerias coadunadas aos propósitos e concepções de pesquisa do laboratório, e indissociavelmente do ensino e da extensão.

A produção do conhecimento adota uma abordagem que incide por um deslocamento no olhar como crítica a racionalidade moderna. Tanto atento ao rigor que implica a produção do conhecimento acadêmico, como na divisão intelectual do trabalho e para as diversas interpretações através do mapeamento e autocartografia como recurso metodológico. Valendo-se de uma etnografia atenta às relações sociais e práticas culturais com uma relação de maior equidade num esforço participativo de interação entre pesquisadores e pesquisados, bem como, das diferentes formas de conhecimento (BAZÁN, 2014; JÚNIOR, VEIGA-NETO, FILHO, 2011). Reverberada essa perspectiva nas ações de ensino e extensão

O Laboratório de Cartografia Social do Sul e Sudeste do Pará tem por objetivo atuar e colaborar em atividades de pesquisa, ensino e extensão. Para isto, compreende-se a importância e indissociabilidade destas ações no âmbito acadêmico em face do processo formativo, e da produção do conhecimento situado no contexto social de interação e repercussão das atividades do laboratório. Com isso visa-se dar suporte e fortalecer as atividades de professores, pesquisadores, estudantes – estes podendo vincular-se como voluntários, estagiários ou bolsistas de iniciação científica e extensão – e agentes sociais do contexto social em que se insere a universidade ou inseridos na articulação dos projetos desenvolvidos pelo laboratório.

Propõe-se organizar as suas ações em caráter interdisciplinar e por meio da conjunção de atividades de grupos de pesquisas, cursos de graduação e pós-graduação, bem como de instâncias acadêmicas. Objetiva-se, a partir de então, organizar e disponibilizar acervo de dados bibliográficos, documentais, cartográficos, fontes orais e imagens através de banco de dados para fins de pesquisa e como aporte a conservação dos mesmos junto às comunidades participantes da pesquisa.

E entre suas atividades visa-se também a realização de pesquisa, extensão, cursos, oficinas, grupos de estudos, debates, palestras, seminários, produção audiovisual, dentre outros. Estas ações são propostas no interesse de se fazerem articuladas a agentes sociais envolvidos nas dinâmicas locais e membros da academia. Participam das atividades do laboratório, os professores dos cursos de licenciatura em Educação do Campo e História, da UNIFESSPA, com quais se encontra articulado em seus projetos pedagógicos e membros do Grupo de Pesquisa Núcleo de Cartografia Social do Sul e Sudeste do Pará CNPq. Portanto, participam e podem integrar ainda professores, pesquisadores e estudantes de diferentes áreas do conhecimento e outros

curso, institutos e instituições através de articulação em rede, projetos em parcerias e de grupos de pesquisas do CNPq e agentes sociais.

As atividades serão organizadas por ações permanentes incluídas nos planejamentos do laboratório, fomentando debates, estudos e a produção do conhecimento; e através de projetos de pesquisa e extensão de responsabilidades dos proponentes e equipe participante, sendo os mesmos responsáveis em conduzir suas atividades em base a proposta do laboratório e suas proposições específicas.

Conforme mencionado alhures, o laboratório se organiza tendo por base um conjunto de atividades anteriores, em andamento e a serem implementadas, envolvendo pesquisadores na realização de publicações, debates, seminários, palestras, oficinas, cursos e projetos de pesquisa. Com que se encontra em andamento o Projeto *Cartografia dos babaçuais: mapeamento social da região ecológica do babaçu*, realizado desde 2014 em parceria com o Programa de Pós-graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia /UEMA; o Projeto de pesquisa e Programa de Extensão *Língua em narrativas: território, práticas culturais e cosmologia Akrãtikatêjê*; e, por fim, o projeto de extensão *A valorização da língua dos akrãtikatêjê: um enfoque na relação cantos e práticas rituais*, este voltado à produção audiovisual – UNIFESSPA.

### **C. Laboratório de Informática e Ensino de História**

O presente item também conta na descrição da Infraestrutura da Faculdade de História. O Laboratório é composto por dez microcomputadores de alta performance que estão disponíveis para uso em pesquisas e aulas por docentes e discentes do curso de Licenciatura em História. Há também no referido laboratório uma moderna lousa digital, bem como um quadro branco comum.

### **D. Laboratório de História Social da Amazônia**

O Laboratório de História Social da Amazônia, enquanto espaço de investigação histórica na Amazônia oriental, tem por principal interesse inserir-se no processo de implantação e consolidação do curso de graduação em História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, em atividade desde 2014. O grupo de pesquisa tem um escopo multitemático, considerando as diversidades geográfica, política, étnico-cultural e mesmo socioeconômica da chamada Amazônia Legal, bem como a multiplicidade de questões e problemas que acometem suas territorialidades em perspectiva histórica. Seu eixo teórico-metodológico gira em torno da nova história social, com abordagens

interdisciplinares e a aproximação com outros campos da história, como a história política, a história econômica e a história ambiental. Tendo como premissa a integração entre ensino, pesquisa e extensão, o Laboratório de História Social da Amazônia também pretende facilitar a inserção da pesquisa histórica no cotidiano de sala de aula no âmbito da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutra feita, a partir desta intersecção, a produção de materiais didáticos dedicados aos temas de história regional e ao ensino de história da Amazônia representam uma das principais metas a serem perseguidas pelos integrantes do grupo. Não por menos, destaca-se que as linhas de pesquisa que estruturam a atuação do grupo são as mesmas que ensejam o Projeto Político Pedagógico do curso de História da Unifesspa (Marabá), visando garantir uma maior organicidade entre suas atividades e o processo de consolidação da graduação.

### **5.6.3. Grupos de Pesquisa e Extensão**

#### **I. Interpretações do Tempo: ensino, memória, narrativa e política (ITempno).**

Grupo de Pesquisa **Interpretações do Tempo: ensino, memória, narrativa e política (ITempno)** é coordenado pelo professor Dr. Erinaldo Cavalcanti e o prof. Dr. José Amilton, da faculdade de História, e encontra-se registrado na Pro Reitoria de Pós Graduação, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Propit) e no CNPq. O grupo desenvolve e coordena um conjunto de atividades envolvendo diretamente a pesquisa, o ensino e a extensão. Nessa dimensão o **(ITempno)** se constitui em um núcleo de encontros, debates, discussões, produção documental, catalogação, digitalização e arquivamento de um amplo corpus documental de diferente natureza sobre os diversos registros das experiências históricas, sobretudo, aquelas experienciadas na região do Sul e Sudeste do Pará. Por conseguinte, o grupo se constitui num espaço de produção de saber/poder, contribuindo por extensão, para a produção e o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, principalmente, aquelas ligadas à investigações científicas no que tange ao estudo da memória, da narrativa, da política e do ensino. O ITempno tem por objetivo analisar a construção processual da consciência histórica problematizando as narrativas, o ensino, a política e a memória e de maneira específica, fotografar e catalogar documentos nos espaços de pesquisa; promover cursos de extensão para professores da

educação básica de Marabá e estudantes da Unifesspa; ofertar mini cursos para os professores do ensino Fundamental e Médio de Marabá e estudantes da Unifesspa; promover palestras; estimular, produzir e divulgar a produção acadêmica.

## **II. Grupo de Pesquisa em História Política e Social: Raça, Trabalho e Poder – Africanidades, Identidades Negras e Ideologias na História da Amazônia (RTP – AINIHA)**

O Grupo de Pesquisa coordenado pelo professor Dr. Arilson dos Santos Gomes e pela professora Dra. Maria Clara Sales Carneiro Sampaio, da Faculdade de História, encontra-se, igualmente, certificado na Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação Tecnológica (Propit) e no CNPq. O desenvolvimento dos estudos do Grupo de Pesquisas em História Política e História Social: Raça, Trabalho e Poder – Africanidades, Identidades Negras e Ideologias na História da Amazônia (RTP-AINIHA), vinculado à linha de Pesquisa: Relações de Poder, Conflitos e Movimentos Sociais do Curso de História da UNIFESSPA (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), têm como pressupostos contribuir para a renovação da História Política, da História Social e para a interdisciplinaridade. Estabelece diálogos e interações com outros campos das Ciências Humanas nas suas variantes de trabalho, classe, raça e gênero. O Grupo se forma para contribuir na produção e na discussão de questões de interesse nacional e regional imediato, que consiste, na busca de, através do estudo da África e dos afrodescendentes na região da Amazônia legal, dar suporte teórico e prático para a implementação da Lei 10.639/03. Lei Federal que tornou obrigatório nos currículos escolares o ensino sobre a História da África e a História e Cultura Afro-Brasileira. Os principais objetivos do Grupo são problematizar a presença dos saberes ancestrais afro-brasileiros abrangendo temporalidades e espacialidades, a partir da utilização de diferentes fontes de pesquisas bem como delinear a origem das resistências e dos movimentos político-sociais de fortalecimento identitário negro, visando à produção de um conhecimento original e a construção de novos objetos de pesquisas individuais e coletivos.

### **5.6.4. Atividades de Extensão**

O Curso de Licenciatura em História possui carga horária total de 3.224 horas, distribuídas em sua Matriz Curricular ao longo das nove nucleações disciplinares: Teoria e Metodologia da História, História Geral, História do Brasil, História Geral, História das Américas, História da Amazônia, Formação Básica da Licenciatura, Prática Curricular Continuada, Estágio Supervisionado e Metodologia e Pesquisa em História, deste modo, são destinadas às atividades extensionistas 322 horas, atendendo, portanto, o preceito legal de que no mínimo 10% da carga horária total seja vivenciada em ações de extensão.

As atividades de extensão poderão ser realizadas nos espaços físicos da própria Unifesspa, bem como em outros espaços públicos e privados, como museus, bibliotecas, escolas municipais e estaduais, associações e entidades populares, instituições de ensino superior, institutos técnicos federais e estaduais, entre e outros espaços culturais. Desde que a ação possibilite a socialização do conhecimento em conjunto com a ampla participação comunitária, e que tenha a devida anuência da Faculdade do Curso de Licenciatura em História da Unifesspa.

As Atividades de Extensão ofertadas pela Faculdade deverão ser provenientes dos núcleos da Matriz Curricular, identificadas no escopo das disciplinas que integram as nucleações citadas anteriormente e nas atividades complementares. Desta forma, a carga horária dedicada a extensão será trabalhada do seguinte modo:

- **Cursos de extensão** ofertados semestralmente, com carga horária total de 40 horas, sob responsabilidade do corpo docente da Faculdade de História.

- O **Seminário Permanente de Extensão em Prática Curricular Continuada**, ligado ao LEEPH; com atividades que contarão com a participação de discentes, docentes, professores da Educação Básica e a comunidade. O Seminário será realizado uma vez por ano, com carga horária total de 40 horas.

- A **Semana de História** tem objetivo agregar estudantes e pesquisadores em torno do conhecimento histórico. A atividade é composta de simpósios temáticos, conferências e atividades culturais. Terá 40 horas de carga horária total.

Por fim, ao longo da formação acadêmica discente no Curso de Licenciatura em História da Unifesspa deverão ser ofertados, no mínimo, essas quatro Atividades de Extensão por ano. Dois cursos de extensão ofertados por professores da Faculdade, a Semana de história e o Seminário Permanente de Extensão em Prática Curricular continuada. Serão ofertados anualmente pela Faculdade de História da Unifesspa 120 horas de atividades, distribuídos em, no mínimo, 4 cursos.

## **6. Planejamento do Trabalho Docente**

O planejamento docente deverá assumir o princípio do diálogo, da ética e do trabalho cooperativo, visando assegurar os princípios pedagógico-metodológicos do curso e a reflexão sobre a própria prática docente universitária. O planejamento das atividades curriculares ocorrerá com a antecedência necessária à maturação das discussões e debates acadêmicos em curso. O planejamento será semestral, ocorrendo sempre no início do semestre anterior a sua execução, e conforme estabelecido no Art. 89 da Resolução CONSEPE n. 4.399/2013. O Conselho da Faculdade de História deliberará sobre o planejamento apresentado pelo seu diretor, o qual consistirá na definição dos objetivos das atividades curriculares previstas pelo atual Projeto Político Pedagógico, na indicação das formas de avaliação do desempenho dos alunos e no estabelecimento de critérios de avaliação do semestre. Posteriormente, os programas das atividades serão elaborados pelos professores responsáveis para que, depois, retornem ao colegiado para discussão, ajustes e deliberações.

### **6.1 Infraestrutura**

#### **6.1.1 Humana**

##### **6.1.2. Docentes**

A Faculdade de História deverá contar com 12 professores efetivos, com, no mínimo, a titulação de mestre e em regime de quarenta horas, com dedicação exclusiva. Todos deverão atuar na graduação em História. Os professores com qualificação pertinente poderão compor o Programa de Pós-Graduação existente – Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia - no âmbito do Instituto de Ciências Humanas. Tem-se, também, procurado o desenvolvimento de programas de pós-graduação específicos para a Faculdade de História, como foi submetido uma proposta para a abertura de um Programa de Mestrado Profissional em História (ProfHistória) para a seleção de 2016.

Para início das atividades curriculares, o curso deverá contar no primeiro ano com um mínimo de quatro docentes efetivos. Nos anos subsequentes esse quadro deverá ser ampliado, com a entrada de quatro novos docentes no segundo ano e dois docentes no terceiro ano de funcionamento do curso.

### **6.1.3. Técnicos**

A Faculdade de História deverá contar com um quadro de no mínimo 2 técnicos administrativos: Um técnico a serviço da secretaria da Faculdade (secretaria administrativa e secretaria acadêmica) e um(a) estagiário(a) para auxiliar nas demais funções.

### **6.1.4. Física**

A Faculdade de História conta com 1 sala para funcionamento (sala da direção e sala de secretaria acadêmica), 2 salas de aula, 1 Laboratório de informática, 1 Laboratório de Documentação Histórica com 4 gabinetes para professores.

O Laboratório é composto por dez microcomputadores de alta performance que estão disponíveis para uso em pesquisas e aulas por docentes e discentes do curso de Licenciatura em História. Há também no referido laboratório uma moderna lousa digital, bem como um quadro branco comum.

Os espaços de funcionamento da Faculdade de História e do Laboratório de Documentação Histórica estão equipados com materiais permanentes e equipamentos tecnológicos adequados a seu funcionamento.

O Curso de História utilizará a biblioteca do Campus Universitário de Marabá. Contudo, será necessário realizar a aquisição de títulos que compõem a bibliografia básica do curso que estão listadas no presente projeto político-pedagógico.

## **7. Política de Inclusão Social**

Acatando ao disposto no art. 112 do Regulamento do Ensino de Graduação da Unifesspa, que trata sobre a viabilização do processo de inclusão da pessoa com deficiência nos cursos, “caberá à administração superior prover as unidades acadêmicas de recursos orçamentários e financeiros que garantam condições favoráveis indispensáveis à realização das orientações inclusivas, a partir de demanda informada a cada período letivo”.

Para a garantia da transversalidade da Educação Especial no ensino superior, o curso poderá contar com a assessoria e apoio do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica – NAIA, criado em 2014, com o propósito de:



[...] contribuir com políticas e práticas institucionais de acessibilidade física, atitudinal e pedagógica de alunos com deficiência, transtorno global e altas habilidades ou superdotação no esforço de minimizar as barreiras que obstaculizam o acesso a espaços, conhecimentos, bens culturais e interações sociais no ambiente universitário.

O NAIA, conforme sua definição consultada em seu site,<sup>5</sup> objetivou-se contribuir com a implementação da política nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva no ensino superior (BRASIL, 2008), desenvolvendo práticas de inclusão acadêmica e apoio a processos de formação inicial e continuada na área de Educação Especial através de programas e projetos de extensão, pesquisa e ensino.

Os outros objetivos da NAIA são:

- Orientar e acompanhar a construção dos prédios da Unifesspa considerando a normatização de desenho universal e acessibilidade;

- Planejar a organização do espaço físico acessível e dotado de equipamentos, instrumentos, materiais pedagógicos e recursos didáticos para apoiar a inclusão acadêmica e acessibilidade aos alunos com deficiência, transtornos e superdotação;

- Desenvolver o trabalho de inclusão acadêmica e acessibilidade na Unifesspa, articulada a ações de ensino, pesquisa e extensão dos institutos.

- Ofertar o atendimento educacional especializado no ensino superior;

- Ofertar cursos de capacitação na área de Educação Especial para docentes, técnicos, alunos universitários e comunidade externa como ações de extensão;

- Desenvolver projetos de extensão e pesquisa que apoiem a qualificação do ensino superior na perspectiva da educação inclusiva e apoio a políticas locais das realidades educacionais do entorno da UNIFESSPA.<sup>6</sup>

A Unifesspa tem políticas de ações afirmativas de ingresso do público de pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades pela política de cotas – reserva de duas vagas em cada curso de graduação.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://naia.unifesspa.edu.br/index.php/sobre-o-naia/historico-naia>>. Acesso em: 16 de jun 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://naia.unifesspa.edu.br/index.php/sobre-o-naia/historico-naia>>. Acesso em: 16 de jun 2017.

O NAIA é um espaço pedagógico, administrativo, acadêmico e científico composto por uma equipe de coordenação e bolsistas de projetos e programas de ensino, pesquisa e extensão vinculados as ações do NAIA.

No caso do cumprimento da legislação de proteção dos direitos da pessoa com TEA - Lei N° 12.764, de 27 de dezembro de 2012 e decreto TEA, a equipe do NAIA, qualifica-se continuamente, dispõe de serviços de apoio psicossocial institucionalmente, para o acompanhamento específico das questões psíquicas e comportamentais.

A instituição também possui como ação à Política de Inclusão o acréscimo de vagas para populações quilombolas e indígenas, conforme Resolução aprovada pelo Consepe.

## **8. Sistema de Avaliação**

### **8.1. Avaliação da Aprendizagem (Discente)**

A avaliação no Curso assumirá a perspectiva de ser processual, investigativa, sistemática e contínua, visando possibilitar aos sujeitos participantes a retomada de objetivos propostos e o redimensionamento das estratégias de ensino-aprendizagem.

A avaliação do desempenho dos alunos se dá de modo a se verificar a aquisição das competências e habilidades a serem desenvolvidas, mediante as disciplinas a ela relacionadas. Conforme determinam o parágrafo 1º do Art. 96 da Resolução CONSEPE n. 4.399/2013 (Regulamento do Ensino de Graduação da UFPA), os professores fazem a proposição dos instrumentos de avaliação e as apresentam em reuniões do Colegiado de História para esse fim específica, em conformidade com as competências e habilidades associadas à disciplina, segundo o que determina o presente Projeto Político Pedagógico. Para fins da avaliação da aprendizagem também deverá ser considerado o que estabelece o parágrafo 2º do Art. 96 da resolução supracitada sobre o controle da frequência, bem como o Art. 97 sobre os procedimentos do docente na relação com a turma e do registro das avaliações.

Ressalta-se que a avaliação da aprendizagem dos discentes construídas durante o Curso deverá considerar a articulações das atividades curriculares de ensino, pesquisa e extensão, e poderá ser constituída de instrumentos diversos, tais como diário de classe, produção individual e coletiva, ficha de auto avaliação dos discentes, ficha de parecer individual. etc.

## **8.2. Avaliação Docente**

A avaliação da ação docente é assumida aqui em sua perspectiva formativa, como procedimento de qualificação docente e como estratégia que visa estimular os educadores em um exercício de reflexão metacognitiva e de práxis pedagógica, tendo como horizonte a melhoria do ensino e a reorientação da proposta de formação do Curso, quando necessário. Propõem-se como estratégias de avaliação docente; e a avaliação dos pares.

Além disso, a avaliação do desempenho dos professores (considerando-se assiduidade, pontualidade, empenho, respeito às diretrizes do Projeto Político Pedagógico e demais questões relativas) se dará por meio de instrumento formulado pela Coordenadoria de Avaliação e Currículo, aplicado aos cursos de graduação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

## **8.3. Avaliação do Projeto Pedagógico**

Caberá ao Conselho da Faculdade instituir uma comissão interna para avaliação e acompanhamento do Projeto Pedagógico do Curso, em observância a Resolução N° 01 de 17/06/2010 da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior.

A avaliação do Projeto Político Pedagógico deverá proporcionar a participação da comunidade universitária do Curso (docentes, discentes e técnico-administrativos) e poderá ser realizada através de instrumentos de Programa próprio criado pela Universidade para Avaliação e Acompanhamento do Ensino de Graduação.

Ressalta-se a importância da avaliação coletiva e da reflexão contínua sobre o projeto pedagógico e o processo em desenvolvimento, para que, tomando a proposta inicial como referência, o currículo possa ser pensado e repensado no sentido do constante planejamento do percurso formativo de modo a garantir a melhoria das condições de ensino-aprendizagem. São propostos os seguintes meios-instrumentos de avaliação:

Reuniões do NDE – Núcleo Docente Estruturante do Curso, em que os educadores coletivamente possam avaliar o processo, considerando a avaliação geral e organizando as propostas para o processo de planejamento integrado e reorientação do percurso formativo, quando necessário;

Sistematização e Produção de Relatórios Pedagógicos pelo NDE, garantindo periodicamente o registro em relatório das atividades e análise e reflexão sobre o processo desenvolvido a cada período.

## 9. Referências Bibliográficas

BECKER, Bertha e MACHADO, Lia. Uma nova fronteira para o século XXI. **Ciência Hoje**. SBPC, ano 1, n. 3, p. 45-50, nov./., 1982.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 67.557**, de 12/11/1970. *DOU*, Seção 1, 13/11/1970, p. 9.662.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 85.075**, de 27/08/1980. *DOU*, Seção 1, 28/08/1980, p. 17.014.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 87.095**, de 16/04/1982. *DOU*, Seção 1, 19/04/1982, p. 6.753.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 92.623**, de 02/05/1986. *DOU*, Seção 1, 05/05/1986, p. 6.415.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão**: subsídios para a história e a geografia do Brasil. 2ª edição. Imperatriz: Ética, 2000.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA-CPT. **Conflitos no Campo**, Brasil. Goiânia, 2009, 2011 e 2012.

CRUZ, Priscila; MONTEIRO, Luciano. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2013**. São Paulo: Editora Moderna; Todos pela Educação, 2013.

DESMATAMENTO da Amazônia cresce 157% em um ano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01/09/2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ambiente/ult10007u617806.shtml>> Acesso em: 15 jul. 2013.

EMMI, Marília. **A oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais**. Belém: CFCH/NAEA/UFPA, 1987.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. **História e ensino de História**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. Memória e história da interiorização da UFPA: quando a memória constrói uma história coletiva. **Fronteiras - Revista Catarinense de História [on-line]**, Florianópolis, n.20, p.93-114, 2012.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico Pará**. VIII Recenseamento Geral 1970, Vol. 1, Tomo IV. Rio de Janeiro, maio de 1973; **Censo Demográfico**: dados distritais (Pará). IX Recenseamento Geral do Brasil 1980, Vol. 1, Tomo 3, n. 4. Rio de Janeiro, 1983.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Personagens e memórias: territórios de ocupação recente na Amazônia. In: CHAULHOUB, S., NEVES, M. de S. e PEREIRA, A. de M. (Org.). **Histórias de cousas miúda**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005, p. 519-546.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ - IDESP. **Estatísticas Especiais**: Produto Interno Bruto do Estado do Pará: 1975-1987. Belém: IDESP, 1990.

LEÃO, Lucia. **Mais sete municípios na lista dos maiores desmatadores**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informma/item/5344-mais-sete-municipios-na-lista-dos-maiores-desmatadore>>. Acesso: em 15 jun. 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/EdPUC-Rio, 2006.

MARTINS, José de Souza [entrevista]. Frentes de expansão: os novos espaços dos velhos problemas. **Travessia**. São Paulo, CEM, p. 5-8, jan./abr., 2004.

MORBACH, Marize. **Amazônia in concert**. 1997. 72f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 92/ago. 93, p. 143-162.

PASTORAIS SOCIAIS DA DIOCESE DE MARABÁ. **Breve diagnóstico das ocupações urbanas de Marabá**. Marabá, 15 de janeiro de 2010.

PEREIRA, Airton dos Reis. **A luta pela terra no sul e sudeste do Pará**: migrações, conflitos e violência no campo. Tese (Doutorado em História), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

PETIT, Pere. **Chão de promessas**: elites políticas e transformações econômicas no Estado do Pará pós-1964. Belém: Paka-Tatu, 2003.

RICCI, Magda Maria de Oliveira. **História em um curso regular**. Disponível em: <[http://www.ufpa.br/historia/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2&Itemid=2](http://www.ufpa.br/historia/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=2)>. Acesso em: 19 set. 2016.

RÜSEN, Jörn. **História viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SILVA, Idelma Santiago da. **Fronteira Cultural**: a alteridade maranhense no sudeste do Pará (1970-2008). 230f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010.

SILVA, Idelma Santiago da. Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá. **Espaço Plural**. Marechal Cândido Rondon, nº 15, p. 21-24, 2º Semestre de 2006.

UFPA – Universidade Federal do Pará. **Projeto de Criação e Implantação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)**. Belém, 2011.

UFPA – Universidade Federal do Pará. **Caderno PROEG 7: Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação da UFPA**. Belém, 2005.

UFPA – Universidade Federal do Pará/ Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução n. 4.399, de 14 de maio de 103**. Belém, 2013

UFPA – Universidade Federal do Pará/ Faculdade de História. **Projeto Pedagógico do Curso de História**. Belém, 2011.

VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

**ANEXO I - Ata de aprovação do PPC na Faculdade e Instituto.**

## ANEXO II: Desenho Curricular do Curso

NÚCLEO	ÁREA	ATIVIDADES CURRICULARES	Carga Horária	
Núcleo de Formação Histórica e Historiográfica	Teoria e Metodologia da História	Introdução aos Estudos Históricos	34	
		Historiografia e Teoria da História	68	
		Teoria e Metodologia da História	68	
		Historiografia Brasileira	68	
		Teoria e História Cultural	68	
			<b>Total de Horas</b>	<b>306</b>
	História Geral		Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade	68
			Relações de poder, trabalho e cultura no mundo medieval	68
			História das Sociedades Africanas	34
			Tempos Modernos I	68
			Tempos Modernos II	34
			Tempos Contemporâneos I	68
			Tempos Contemporâneos II	68
			História da Ásia Contemporânea	34
			África Colonial e Pós-colonial	34
			<b>Total de Horas</b>	<b>476</b>
	História das Américas		Sociedades Autóctones das Américas	68
			Conquista e Colonização das Américas	68
			Independência e Formação dos	68



		Estados Nacionais nas Américas	
		Temas Contemporâneos de História das Américas	68
		<b>Total de Horas</b>	<b>272</b>
	História do Brasil	História da América Portuguesa	68
		Formação do Estado Nação no Brasil	68
		História e Cultura Afro-brasileira	68
		História do Brasil Contemporâneo	68
		<b>Total de Horas</b>	<b>272</b>
	História da Amazônia	História do Sul e Sudeste do Pará	34
		História Social e Econômica da Amazônia	68
		História Indígena e do Indigenismo na Amazônia	68
		História Cultura e meio ambiente	34
		<b>Total de Horas</b>	<b>204</b>
		Optativa I	34
<b>SUBTOTAL POR NÚCLEOS</b>			<b>1598</b>
Núcleo de Formação Docente	Formação Básica da Licenciatura	Didática e Educação Histórica	68
		História da Educação no Brasil	34
		Libras	68
		Psicologia da Educação e da Aprendizagem	68
		<b>Total de Horas</b>	<b>238</b>
	Prática Curricular Continuada (PCC)	PCC I – História e Ensino: Estratégias de Ensino de	68

	História Local e Regional	
	PCC II – História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias	68
	PCC III – História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial	68
	PCC IV – História e Ensino: Texto didático: sua produção e uso	68
	PCC V - História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos)	68
	PCC VI - História e Ensino: História e Gênero	68
	PCC VII – História e Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais	68
	<b>Total de Horas</b>	<b>476</b>
Estágio Supervisionado	Estágio Supervisionado I	102
	Estágio Supervisionado II	102
	Estágio Supervisionado III	102
	Estágio Supervisionado IV	102
	<b>Total de Horas</b>	<b>408</b>
Metodologia e Pesquisa em História e em Ensino de História	Metodologia de Projeto de Pesquisa	34
	Seminário de Pesquisa em História	34
	Monografia I	34
	Monografia II	68
	<b>Total de Horas</b>	<b>170</b>
	Optativa II	34
<b>SUBTOTAL POR NÚCLEO</b>		<b>1.326</b>
O Núcleo de	Atividades Complementares	300

Estudos Integradores para enriquecimento Curricular			
<b>TOTAL GERAL</b>			<b>3.224 h/a</b>
		Atividades de Extensão	322

### ANEXO III - Contabilidade Acadêmica

UNIDADE RESPONSÁVEL PELA OFERTA	ATIVIDADES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA				TOTAL
		TOTAL DO PERÍODO LETIVO	SEMANAL			
			TEÓRICA	PRÁTICA	EXTENSÃO	
	<b>Primeiro Semestre</b>					
	PCC I – História e Ensino: Estratégias de Ensino de História Local e Regional.	68		4		4
	Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade	68	4			4
	História Social e econômica da Amazônia	68	3	1		4
	Sociedades Autóctones nas Américas	68	3	1	-	4
	História da Educação no Brasil	34	2	-	-	2
	Introdução Estudos Históricos	34	2	-	-	2
	<b>Segundo Semestre</b>					
	PCC II – História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias	68		4		4
	Conquista e Colonização das Américas	68	4			4
	Historiografia Brasileira	68	4			4
	Relações de Poder, Trabalho e Cultura no Mundo Medieval	68	4			4

História das Sociedades Africanas	34	2			2
História do Sul e Sudeste do Pará	34	2			2
<b>Terceiro Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>				
PCC III – História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial	68		4		4
História e Cultura Afro-Brasileira	68	3	1		4
Tempos Modernos – I	68	3	1		4
História da América Portuguesa	68	3	1		4
História Indígena e Indigenista na Amazônia	68	3	1		4
<b>Quarto Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>				
PCC IV – História e Ensino: Texto didático: sua produção e uso.	68		4		4
Historiografia e Teoria da História	68	4			4
Independência e Formação dos Estados Nacionais nas Américas	68	3	1		4
Formação do Estado Nação no Brasil	68	3	1		4
Tempos Modernos – II	34	2			2
Libras	68	4			4
<b>Quinto Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>				
PCC V - História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos)	68		4		4
Estágio Supervisionado I	102		6		6
Tempos Contemporâneos - I	68	3	1		4
Teoria e Metodologia da História	68	4			4

	Metodologia do Projeto de Pesquisa	34	2			2
	África Colonial e pós-Colonial	34	2			2
	<b>Sexto Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>				
	PCC VI - História e Ensino: História e Gênero	68		4		4
	Estágio Supervisionado II	102		6		6
	Teoria e História Cultural	68	4			4
	Tempos Contemporâneos – II	68	3	1		4
	História da Ásia Contemporânea	34	2			2
	Seminário de Pesquisa em História	34	2			2
	<b>Sétimo Semestre</b>					
	PCC VII – História e Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais.	68		4		4
	Didática e Educação Histórica	68	4			4
	Estágio Supervisionado III	102		6		6
	Psicologia da Educação e aprendizagem	68	4			4
	Monografia – I	34		4		4
	Optativa I	34	4			4
	<b>Oitavo Semestre</b>					
	História do Brasil Contemporâneo	68	3	1		4
	Monografia – II	68		4		4
	Temas Contemporâneos da História das Américas	68	3	1		4

	Estágio Supervisionado IV	102		6		6
	Optativa – II	34	2			2
	História, Cultura e Meio Ambiente	34	2			2
	Atividades Complementares					300

**ANEXO IV**  
**Atividades curriculares por período letivo.**

<b>Primeiro Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>
PCC – 1 História e Ensino: Estratégias de Ensino de História Local e Regional	68
Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade	68
História Social e econômica da Amazônia	68
Sociedades Autóctones nas Américas	68
História da Educação no Brasil	34
Introdução Estudos Históricos	34
<b>Segundo Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>
PCC 2 – História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias	68
Conquista e Colonização das Américas	68
Historiografia Brasileira	68
Relações de Poder, Trabalho e Cultura no Mundo Medieval	68
História das Sociedades Africanas	34
História do Sul e Sudeste do Pará	34
<b>Terceiro Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>
PCC – 3 História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial	68
História e Cultura Afro-Brasileira	68
Tempos Modernos – I	68
História da América Portuguesa	68
História Indígena e Indigenista na Amazônia	68
<b>Quarto Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>
PCC 4 – História e Ensino: Texto didático: sua produção e uso	68
Historiografia e Teoria da História	68
Independência e Formação dos Estados Nacionais nas Américas	68
Formação do Estado Nação no Brasil	68
Tempos Modernos – II	34
Libras	68
<b>Quinto Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>
PCC 5 – História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos)	68
Estágio Supervisionado I	102
Tempos Contemporâneos – I	68
Teoria e metodologia da História	68
Metodologia do Projeto de Pesquisa	34

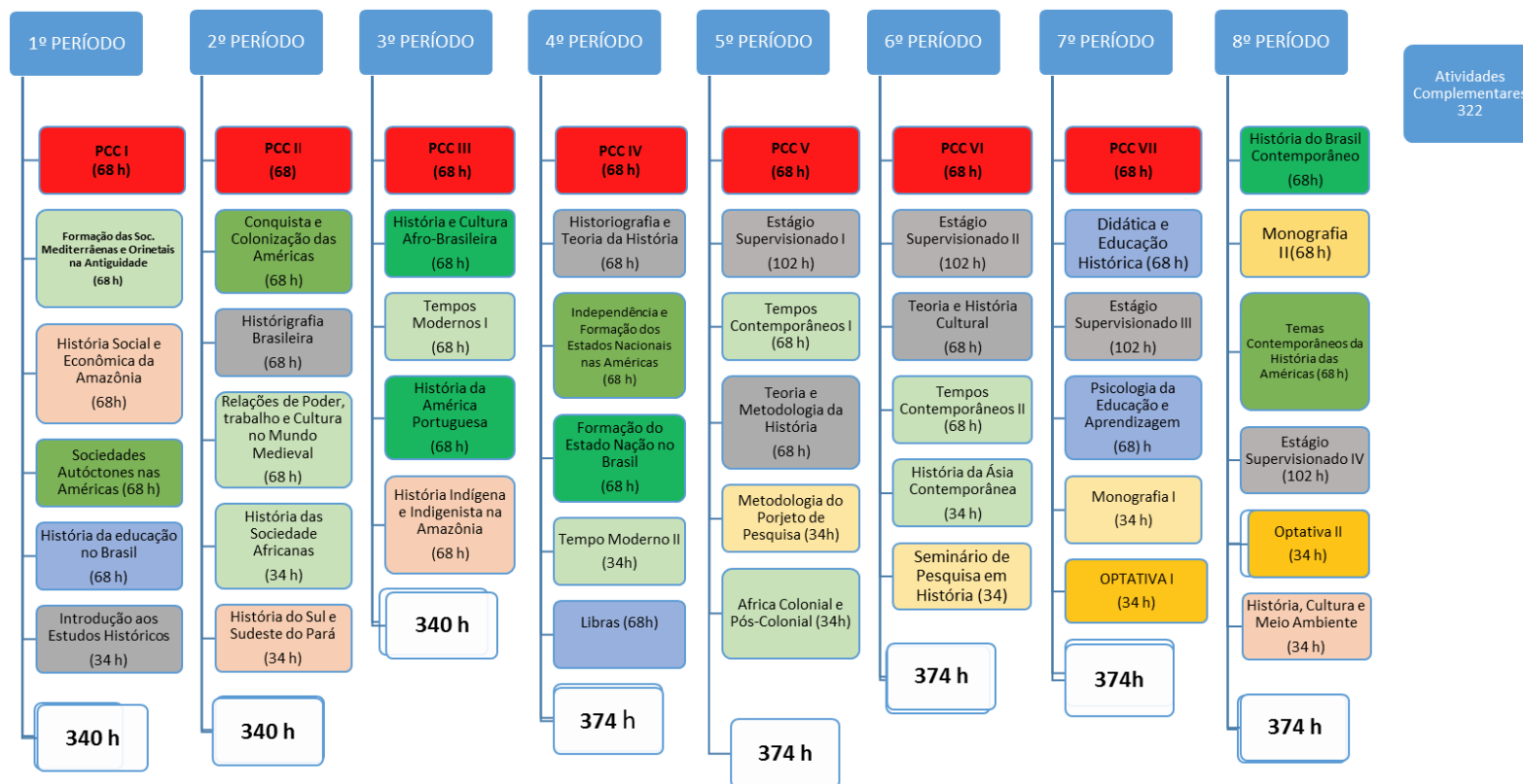
África Colonial e pós-Colonial	34
<b>Sexto Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>
PCC 6 – História e Ensino: História e Gênero	68
Estágio Supervisionado II	102
Teoria e História Cultural	68
Tempos Contemporâneos – II	68
História da Ásia Contemporânea	34
Seminário de Pesquisa em História	34
<b>Sétimo Semestre</b>	
PCC 7 – História e Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais	68
Didática e Educação Histórica	68
Estágio Supervisionado III	102
Psicologia da Educação e aprendizagem	68
Monografia – I	34
Optativa I	34
<b>Oitavo Semestre</b>	
História do Brasil Contemporâneo	68
Monografia – II	68
Temas Contemporâneos da História das Américas	68
Estágio Supervisionado IV	102
Optativa – II	34
História, Cultura e Meio Ambiente	34
<b>Atividades complementares</b>	
Iniciação científica, da iniciação à docência, da extensão e da monitoria, entre outras, consoante o projeto de curso da instituição.	<b>300</b>



### Quadro de disciplinas optativas

<b>Disciplinas</b>	<b>Carga horária</b>
Ações afirmativas e Educação	34
História do Movimento Negro Brasileiro	34
História dos Movimentos Sociais das Gentes do Mar do Brasil	34
História, Cidade e Políticas Públicas	34
História, Cultura e Religiosidade	34
Historiografia brasileira II	34
Introdução à História Atlântica e a questão das narrativas escravas	34
Introdução à História dos Estados Unidos	34
Temas de História Caribenha	34
Tópico Especial em Ditadura Militar: diálogos historiográficos e relatos documentais	34
Tópico Especial em Teoria da História: história, narrativas e fontes documentais	34
Tópico Especial em Teoria da História: história, tempo e narrativa	34
Tópico Especial em Teoria da História: introdução à Micro-História	34
Tópicos Especiais em Poder e Sociedade na Época Moderna: a Península Ibérica	34
Tópicos Especiais em Etnologia Indígena	34
Tópicos Especiais em Antropologia	34
Tópico Especial em História e Biografia	34
Tópico Especial em História da Arte	34
Tópico Especial em Antiguidade Clássica: Grécia e Roma	34
Tópicos Especiais em Ensino de História	34
Tópicos Especiais em História do Brasil	34
Tópicos Especiais em Gênero e Diversidade	34
Tópicos Especiais em Sociologia	34

## ANEXO V – Representação gráfica do perfil de formação



**ANEXO VI - Demonstrativo das atividades curriculares por competências atualizado.**

<b>DEMONSTRATIVO DAS ATIVIDADES, COMPETÊNCIAS E HABILIDADES</b>	
<b>Competências/Habilidades</b>	<b>Atividades Curriculares</b>
<p>-Reconhecer a diversidade epistemológica do mundo.</p> <p>-Conhecer e diferenciar as interpretações históricas propostas pelas principais escolas historiográficas, visando com isso dominar o conhecimento sobre procedimentos teórico-metodológicos e as modalidades de narrativas históricas.</p> <p>-Saber transitar pelas fronteiras entre a História e outras áreas do conhecimento, sendo capaz de diferenciá-las e, sobretudo, de qualificar o que é específico do conhecimento histórico.</p>	Introdução aos Estudos Históricos
	Historiografia e Teoria da História
	Teoria e Metodologia da História
	Historiografia Brasileira
	Teoria e História Cultural
<p>-Conhecer as principais correntes teóricas e historiográficas da Historiografia Brasileira. - Compreender e explicar os diferentes conceitos que formam as estruturas e relações sócio-históricas de uma dada realidade. -Operar o conhecimento historiográfico de modo a transformá-lo em Saber Histórico Escolar.</p> <p>- Saber transitar pelas fronteiras entre História e outras áreas do conhecimento.</p> <p>-Compreender a formação histórica brasileira numa perspectiva relacional América-África Europa.</p> <p>- Compreender a formação histórica da Amazônia no contexto dos conflitos e da diversidade social, cultural e ecológica.</p>	História da América Portuguesa
	Formação do Estado Nação no Brasil
	História e Cultura Afro-brasileira
	História do Brasil Contemporâneo
	História do Sul e Sudeste do Pará
	História Social e Econômica da Amazônia
	História Indígena e do Indigenismo na Amazônia
História Cultura e meio ambiente	
<p>-Conhecer as variações dos processos históricos, bem como suas diferentes modalidades de combinações no tempo e no espaço.</p> <p>-Compreender a formação histórica brasileira numa perspectiva relacional América, África, Ásia e Europa.</p>	Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade
	Relações de poder, trabalho e cultura no mundo medieval
	História das Sociedades Africanas

<p>-Compreender e explicar os diferentes conceitos que formam as estruturas e relações sócio-históricas de uma dada realidade.</p>	Tempos Modernos I
	Tempos Modernos II
	Tempos Contemporâneos I
	Tempos Contemporâneos II
	História da Ásia Contemporânea
	África Colonial e Pós-colonial
	Sociedades Autóctones das Américas
	Conquista e Colonização das Américas
	Independência e Formação dos Estados Nacionais nas Américas
	Temas Contemporâneos de História das Américas

<p>-Operar os instrumentos da produção do conhecimento histórico.</p> <p>-Conhecer os princípios elementares de manipulação de documentos, de modo a aplicar-lhes os procedimentos analíticos adequados.</p> <p>-Saber praticar a inter-trans-disciplinaridade. - Operar o conhecimento historiográfico de modo a transformá-lo em Saber Histórico Escolar.</p> <p>-Compreender a complexidade da atividade docente, não a dissociando de seus fundamentos político-pedagógicos e da pesquisa, tanto no âmbito formal como em práticas não-formais de ensino.</p> <p>-Refletir sobre as questões educacionais e pedagógicas referentes ao ensino da História nos níveis Fundamental e Médio, de forma a propor projetos de intervenção na realidade escolar, capazes de permitir a educação histórica.</p> <p>-Transitar pelos saberes históricos e pedagógicos com competência de forma a elaborar material didático em diversas linguagens, amparados em referências teórico-metodológicas trabalhadas no curso. -</p>	Metodologia de Projeto de Pesquisa
	Seminário de Pesquisa em História
	Monografia I
	Monografia II
	PCC I – História e Ensino: Estratégias de Ensino de História Local e Regional
	PCC II – História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias
	PCC III – História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial

<p>Conhecer os princípios elementares de manipulação, preservação e divulgação do patrimônio histórico e cultural.</p> <p>-Operar o conhecimento para reconhecer e promover as relações para a sociodiversidade, étnico-racial e de gênero. -Operar com a pesquisa como estratégia educativa e de realização do diálogo de saberes.</p> <p>-Propor e desenvolver trabalho coletivo e cooperativo.</p>	PCC IV - História e Ensino: Texto didático: sua produção e uso
	PCC V - História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos)
	PCC VI - História e Ensino: História e Gênero
	PCC VII – História e Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais

<p>-Reconhecer-se com sujeito histórico e de conhecimento.</p> <p>-Compreender a complexidade da atividade docente, não a dissociando de seus fundamentos político-pedagógicos e da pesquisa.</p> <p>-Operar o conhecimento histórico na realização da educação histórica.</p> <p>-Operar o conhecimento para promover a educação para as relações no contexto da sócio-bio-diversidade.</p> <p>-Refletir sobre as questões educacionais e pedagógicas referentes ao ensino da História nos níveis Fundamental e Médio, de forma a propor projetos de intervenção na realidade escolar, capazes de permitir a educação histórica.</p> <p>-Selecionar e organizar conteúdos de História de modo a assegurar sua aprendizagem pelos alunos, a partir da realidade discente, bem como da cultura local.</p> <p>-Selecionar e usar recursos didáticos adequados e estratégias metodológicas do ensino da História de acordo com o grau de maturidade pedagógica e psicológica dos alunos.</p> <p>-Propor e desenvolver trabalho coletivo e cooperativo.</p>	Didática e Educação Histórica
	História da Educação no Brasil
	Libras
	Psicologia da Educação e da Aprendizagem
	Estágio Curricular Supervisionado I
	Estágio Curricular Supervisionado II
	Estágio Curricular Supervisionado III
	Estágio Curricular Supervisionado IV

## ANEXO VII – Ementas das disciplinas com bibliografia básica e complementar

### 1. TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA:

#### 1.1. INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS

##### **Ementa:**

Categorias e conceitos fundamentais do conhecimento histórico: tempo, espaço, processo, acontecimentos, eventos e sujeitos. O ofício do historiador. A presença da subjetividade e os limites da objetividade do conhecimento histórico. O fato histórico como construção.

##### **Bibliografia Básica:**

CARR, Edward Hallet. **Que é história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é História?**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

##### **Bibliografia Complementar:**

DOSSE, François. **A História**. Bauru: EDUSC, 2003.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidades: presentismo e experiência do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: EdUnb, 1982.

#### 1.2. HISTORIOGRAFIA E TEORIA DA HISTÓRIA

##### **Ementa:**

Discutir os pressupostos da produção e da escrita historiográfica e os princípios epistemológicos como ciência, método e conhecimento. O conhecimento interpretativo da História exposto pelos Historiadores clássicos (Herótodo, Tucídides, Giambattista Vico, Michelet, Dilthey, Leopold Ranke). Fundamentação filosófica do pensamento histórico e a ruptura entre a História e a Filosofia; O processo de institucionalização dos estudos históricos e a corrente historiográfica do século XIX na Alemanha e na França: a escola Metódica/Positivista.

**Bibliografia Básica:**

ANDERSON, Perry. **O fim da História: de Hegel a Fukuyama**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo**. Vol. II. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência**. Belo Horizonte: Autêntica: 2006.

**Bibliografia Complementar:**

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História: princípios e conceitos fundamentais**. Vol. I. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PARADA, Maurício. (Org). **Os Historiadores Clássicos da História**. Petrópolis, RJ: PUC/RJ e Vozes, 2012.

LOPES, Marcos Antonio. (Org). **Grandes nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

REIS, José Carlos. **História da consciência Histórica ocidental**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

**1.3. TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA****Ementa:**

Análise crítica das produções historiográficas como um campo teórico-metodológico da História Social do século XX. A Escola dos *Annales* e a *Nova História*: ofício do historiador, mentalidades, temporalidades e narrativas, o uso de novas fontes, novos objetos, problemas e abordagens. A Historiografia Marxista Britânica e Alemã: O Materialismo histórico e cultural, experiências, lutas e resistências, como paradigma historiográfico. A partir destes recortes, o fazer histórico abarca a pluralidade das narrativas, dos marcos teóricos e políticos do conhecimento histórico.

**Bibliografia Básica:**

BRAUDEL, Fernando. **História e Ciências sociais**. Lisboa, Presença, 1990

REIS, José Carlos. **Nouvelle histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel**. São Paulo: Annablume, 2008.

VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Flamarion Ciro. (Org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

**Bibliografia Complementar:**

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História:** A escola dos Annales e a Nova História. Vol. V. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História:** ou ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História:** os paradigmas revolucionários. Vol. III. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

**1.4. HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA****Ementa:**

O papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na produção e difusão da História nacional. A origem histórica do Brasil a partir de olhares estrangeiros: de Von Martius e a formação do povo brasileiro até as Histórias do país escritas por Gottfried Heinrich Handelmann, João Armitage e Robert Southey. A abordagem historiográfica nacional sob a ótica colonial de Frei Vicente de Salvador, Sebastião da Rocha Pita, José Inácio Abreu Lima e Francisco Adolfo Varnhagen. As contribuições de Oliveira Viana, Capistrano de Abreu e Gilberto Freyre para a História nacional. Um campo em consolidação e produção historiográfica brasileira, situada nos principais temas, tendências e perspectivas historiográficas dos séculos XIX, XX e XXI.

**Bibliografia Básica:**

FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2001.

MORAES, José G. Vinci de. **Conversas com historiadores brasileiros.** São Paulo: Editora 34, 2002.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil:** de Varnhagen a Fernando Henrique Cardoso. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

**Bibliografia Complementar:**

FRAGOSO, João Luís. **Homens de grossa aventura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

ODALIA, Nilo. **As formas do mesmo:** ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Unesp, 1997.



RODRIGUES, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1982.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

## **1.5. TEORIA E HISTÓRIA CULTURAL**

### **Ementa:**

Reflexão sobre os fundamentos teórico-metodológico da Nova História Cultural. Estudo da variedade cultural a partir dos conceitos de representação, narrativa histórica, relações, memória coletiva, saberes hermenêuticos do cotidiano e práticas culturais. Análise da cultura histórica como questão central da teoria da História e de suas interpretações, dentro de múltiplas temáticas da História cultural contemporânea.

### **Bibliografia Básica:**

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil e Difel, 1988.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Bertrand Brasil e Difel, 1989.

### **Bibliografia Complementar**

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HUNT, Lynn. **A nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JUNIOR, Durval Muniz de A. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

RIOUX, Jean-Pierre.; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

## **2. HISTÓRIA GERAL**

### **2.1. FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES MEDITERRÂNEAS E ORIENTAIS NA ANTIGUIDADE**

#### **Ementa:**

Origem das formações sociais humanas. O conceito de sociedades e civilizações clássicas. Egito e Mesopotâmia. Estruturas econômicas, sociais e políticas, cultura e arte. Origens do pensamento grego. As práticas religiosas no Mediterrâneo e no Oriente (China, Índia, Japão). Trabalho e escravidão antiga. Expansão e crise do Império Romano.

**Bibliografia Básica:**

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Trabalho compulsório na Antiguidade**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FINLEY, M. I. **História Antiga: testemunhos e modelos**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GUARINELLO, Norberto. **Imperialismo greco-romano**. São Paulo: Ática, 1991.

**Bibliografia Complementar:**

CARDOSO, Ciro F. **Antiguidade oriental, política e religião**. São Paulo: Contexto, 1970.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PINSKY, Jaime. **100 textos de História Antiga**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 1991.

ROSTOVTEFF M. **História de Roma**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1983.

VERNANT, Jean Pierri. **As origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

## **2.2. RELAÇÕES DE PODER, TRABALHO E CULTURA NO MUNDO MEDIEVAL**

**Ementa:**

O Feudalismo, suas estruturas sociais, políticas e econômicas (modo de produção feudal). Feudalismo na França, Inglaterra e Península Ibérica. Religião e representações religiosas do poder e da sociedade. A revolução agrícola e o crescimento das cidades. As Cruzadas e o grande comércio mediterrâneo: a burguesia comercial e artesanal. A arte românica e gótica. Monarquias feudais.

**Bibliografia Básica**

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FRANCO Jr, Hilário. **A Idade Média: O Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LE GOFF, Jacques. **Por um outro conceito de Idade Média**. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

**Bibliografia Complementar:**

ARIÉS, Philippe & DUBY, George. **História da Vida Privada**. V.1. Do Império

Romano ao ano 1000. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

DUBY, Georges. **As três ordens ou o imaginário do feudalismo**. Lisboa: Estampa, 1994.

PINSKY, Jaime. **Modo de Produção Feudal**. São Paulo: Global, 1982.

WOLFF, Phillipe. **Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

### **2.3. HISTÓRIA DAS SOCIEDADES AFRICANAS**

#### **Ementa:**

Metodologia de pesquisa e antecedentes históricos do continente africano. O lugar da História nas sociedades africanas. A África e o ensino de História. Estados e sociedades no continente africano entre os séculos VII e XVI. A África Saariana, a África Subsaariana, a África Ocidental, a África Central, a África Meridional e Madagascar. Conquista islâmica, comércio e escravidão.

#### **Bibliografia Básica:**

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. 2. vol., Lisboa: Europa-América, 1991.

MACEDO, José Rivair Macedo. **História da África**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra. História e civilizações**. São Paulo/Salvador: EdUFBA, Casa das Áfricas, 2011.

#### **Bibliografia Complementar:**

HAMPATE BA, Amadou. A tradição viva. **História Geral da África**. Vol. 1. Brasília: MEC/UNESCO, 2010, pp. 167 – 210. Disponível em: < [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general\\_history\\_of\\_africa\\_collection\\_in\\_portuguese\\_pdf\\_only/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese_pdf_only/)>. Acesso em: 07 jul.2017.

KI-ZERBO, Joseph. (Org). **História Geral da África**. 7 vol., Brasília: MEC/UNESCO, 2010. Disponível em: < [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general\\_history\\_of\\_africa\\_collection\\_in\\_portuguese\\_pdf\\_only/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese_pdf_only/)>. Acesso em: 07 jul.2017.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2004.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SILVA, Alberto da Costa. **A manilha e o libambo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

## 2.4. ÁFRICA COLONIAL E PÓS-COLONIAL

### **Ementa:**

O impacto do imperialismo no continente africano. A diáspora africana. A expansão europeia no continente entre os séculos XIX e XX. A África no período entre-guerras. O impacto da segunda Guerra na região. O contexto mundial do pós-guerra no continente africano. O neocolonialismo na África: dominação e resistência. Os movimentos de libertação nacional. A importância cultural, econômica, política e social da África no contexto mundial. Os desafios contemporâneos: conflitos étnicos, *apartheid* e direitos humanos.

### **Bibliografia Básica:**

KI-ZERBO, Joseph. (Org). **História Geral da África**. 7 vol. Brasília: MEC/UNESCO, 2010. Disponível em: < [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general\\_history\\_of\\_africa\\_collection\\_in\\_portuguese\\_pdf\\_only/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese_pdf_only/)>. Acesso em: 07 jul.2017.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro/São Paulo: Universidade Cândido Mendez/Editora 34, 2001.

HERNANDEZ, Leila. **A África na sala de aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

### **Bibliografia Complementar:**

BRAUNSCHWIG, Henri. **A partilha da África Negra**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FURTADO, Junia F. (Org.). **Sons, Formas, Cores e Movimentos na Modernidade Atlântica: Europa, Américas e África**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FAPEMIG: PPGH-UFGM, 2008.

SILVA, Alberto da Costa. **Um rio chamado Atlântico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra. História e civilizações**. vol. 02. São Paulo/Salvador: EdUFBA, Casa das Áfricas, 2011.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico**. Rio de Janeiro/São Paulo: Campus Elsevier, 2003.

## 2.5. TEMPOS MODERNOS I

### **Ementa:**

Gestação e problematização do conceito de Moderno e Modernidade. Análise da construção da Cultural humanista. Análise dos Renascimentos, dos movimentos da Reforma e Contra- Reforma e da atuação das mulheres no mundo moderno.

### **Bibliografia Básica:**

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres**: do Renascimento à idade Moderna. Porto: Afrontamento, 1991. Vol.3.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M.; FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos Modernos**: ensaios de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

### **Bibliografia Complementar:**

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. (Vol. I e II) Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto e PUC-Rio, 2006.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Lisboa: Difel, 1990.

POGGI, G. **A evolução do Estado Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

## 2.6. TEMPOS MODERNOS II

### **Ementa:**

Análise das Revoluções inglesas. Problematização do processo de construção da cultura de corte e das monarquias absolutistas. Análise da história e da historiografia da revolução francesa e da revolução industrial. Análise do processo de construção dos nacionalismos.

### **Bibliografia básica:**

ELIAS, Nobert. **A sociedade de corte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001,

HOBBSAWN, Eric J. **A Era das Revoluções (1748-1848)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

VOVELLE, Michel. **Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 2012.

### **Bibliografia Complementar:**

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JOUVENEL, Bertrand de. **As origens do Estado Moderno. Uma história das ideias políticas no século XIX.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade.** Lisboa: Difel, 1990.

RODRIGUES, Antônio Edmilson M. e FALCON, Francisco José Calazans. **Tempos Modernos: ensaios de história cultural.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

POGGI, G. **A evolução do Estado Moderno.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

## 2.7. TEMPOS CONTEMPORÂNEOS – I

### **Ementa:**

Conceitos Revolução, Imperialismo, Ideologia, Classes Sociais. Revoluções Técnico-Industriais Químicas. História Política e Econômica. Revolução Francesa. Revoluções Liberal-Burguesas Século XIX. Expansão Imperialista e partilha da África e Ásia. Conflitos internacionais. Modernismos. Partidos Políticos. Movimento Operário. Crises Econômicas.

### **Bibliografia Básica:**

ARENDDT, Hannah. **Sobre a Revolução.** Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

BAYLY, Christopher Alan. **El nacimiento del Mundo Moderno: 1780-1914.** Madrid: Siglo XXI, 2010.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções: 1789-1848.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875-1914.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

### **Bibliografia Complementar:**

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LÊNIN. **O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo.** Lisboa: Edições Avante, 1975.

MAGDOFF, Harry. **Imperialismo: da Era Colonial ao Presente.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

## 2.8. TEMPOS CONTEMPORÂNEOS – II

### **Ementa:**

Revolução Soviética. Fascismo e Nacional-Socialismo. Revoluções socialistas após o fim da II Guerra Mundial. Guerra Fria: EUA-URSS. Movimentos de Libertação

Nacional: Ásia e África. Os múltiplos impactos de 1968 e dos enunciados pós-modernos. Blocos Econômicos Capitalistas. Fim do Bloco Socialista.

### **Bibliografia Básica:**

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo:** anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos:** o breve século XX. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo.** São Paulo: Ática, 1996.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A aventura socialista no século XX.** São Paulo: Atual, 1999.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura.** Bauru: Edusc, 2000.

### **Bibliografia complementar:**

ANDERSON, Perry. **A crise da crise do marxismo:** introdução a um debate contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX:** dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Unesp, 1996.

BLACKBURN, Robin. (Org.). **Depois da queda:** o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

LÖWY, Michael. (Org.). **Revoluções.** São Paulo: Boitempo, 2009.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (Org.) **História da vida privada.** Da primeira guerra aos nossos dias. V, 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

## **2.9. HISTÓRIA DA ÁSIA CONTEMPORÂNEA**

### **Ementa:**

A Ásia na fase pré-imperialista: suas estruturas culturais, políticas e socioeconômicas. A expansão europeia no continente entre os séculos XIX e XX. O impacto do Imperialismo no continente. Ásia no período entre-guerras. A segunda Guerra e o contexto mundial do pós-guerra no continente. O neocolonialismo na região e os movimentos de libertação nacional. As estruturas socioeconômicas asiáticas inseridas no sistema internacional pós-Guerra Fria. A descolonização da Ásia. Questões da Ásia contemporânea: cultura, economia, política e sociedade.

### **Bibliografia Básica:**

POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.

CIÊNCIAS & LETRAS. Descolonização da Ásia e da África. **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras: FAPA**. n. 33, Ed. Especial, Porto Alegre: 2003.

VIZENTINI, Paulo Fagundes; RODRIGUES, Gabriela. **O Dragão Chinês e os Tigres Asiáticos**. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

**Bibliografia Complementar:**

AMIN, Samir. **O desenvolvimento desigual**: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

CHESNEAUX, Jean. **A Ásia oriental nos séculos XIX e XX**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PANIKKAR, K.M. **A dominação ocidental na Ásia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KHOI, Le Than. Algumas características dos movimentos nacionais no Sudeste Asiático. In: SANTIAGO, Theo. **Descolonização**. Rio de Janeiro, 1977.

SAID, Edward. **Orientalismo. O oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo, 1990.

### **3. HISTÓRIA DAS AMÉRICAS**

#### **3.1. SOCIEDADES AUTOCTÓNES DAS AMÉRICAS**

**Ementa:**

A diversidade cultural dos povos autóctones e sua organização política, econômica e cultural nos Andes, Meso-américa e América do Norte. Tradições históricas desde os povos originários da América.

**Bibliografia Básica:**

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BETHELL, Leslie (ed.). **História de America Latina**, 1. Barcelona: Editorial Crítica, 1990.

BLANCHETTE, Thaddeus Gregory. **Cidadãos Selvagens**. Antropologia Aplicada e Administração Indígena nos Estados Unidos, 1880-1940. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FAVRE, Henri. **A civilização inca**. Trad. Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.



FERNANDES, João Azevedo. **Selvagens Bebedeiras: álcool, embriaguez e contatos culturais no Brasil Colonial (séculos XVI-XVII)**. São Paulo: Alameda, 2011.

FERNANDES, João Azevedo. **De cunhã a mameluca: a mulher tupinambá e o nascimento do Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

FERREIRA, Jorge. **Incas e astecas: culturas pré-colombianas**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FUNARI, Pedro Paulo & NOELLI, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GENDROP, Paul. **A Civilização Maia**. Trad. Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LEAKEY, Richard E. **A origem da espécie humana**. Trad. Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Tempo, espaço e passado na mesoamérica: o calendário e a cosmogonia nos códices e textos nahuas**. São Paulo: Alameda, 2009.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. Além do eterno retorno: uma introdução às concepções de tempos dos indígenas da Mesoamérica. *Revista USP*, São Paulo, nº 81, p. 82-93, março/maio de 2009.

SILVA, Aracy Lopes da. (Org.). **A questão indígena na sala de aula**. Subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

TELLES, Norma. A Imagem do Índio no Livro Didático: Equivocada, Enganadora. In.: SILVA, Aracy Lopes da. (Org.). **A questão indígena na sala de aula**. Subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

### **Bibliografia Complementar:**

BOUYSSSE-CASSAGNE, Thérèse. Urco and Uma. Aymara concepts of space. In: MURRA, John & outros (ed.). **Anthropological history of Andean polities**. Londres: CUP & Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1986. pp. 201-227.

BRICKER, Victoria Reifler. **El cristo indígena, el rey nativo. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas**. Tradução de Cecilia Paschero. 1a. reimpressão, México: FCE, 1993 (Sección de Obras de Antropología).

BRODA, Johanna. Observación y cosmovisión en el mundo prehispánico. In: **Arqueología Mexicana. México antiguo: antología**. Dirección científica Joaquín García-

Bárcena e outros, 2ª. edição, México: Editorial Raíces & INAH & CONACULTA, vol. I, pp. 20-25, 1997.

BROTHERSTON, Gordon. **La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo**. Tradução de Teresa Ortega Guerrero e Mónica Utrilla, México: FCE, 1997 (Sección de Obras de História).

\_\_\_\_\_. La visión americana de la conquista. In: PIZARRO, Ana. (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura - a situação colonial (vol. 1)**. Campinas: Editora da UNICAMP & São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1993.

\_\_\_\_\_. **Painted books from Mexico. Codices in UK collections and the world they represent**. Londres: British Museum Press, 1995.

BURGER, R. L. **Chavin and the origins of Andean Civilization**. Londres: Thames and Hudson, 1992.

CARNEIRO, Robert L. The chiefdom: precursor of the state. In: JONES, Grant D. & KAUTZ, Robert R (Org.). **The transition to statehood in the New World**. Londres e outras: CUP, 1981. pp. 37-75.

### 3.2 CONQUISTA E COLONIZAÇÃO DAS AMÉRICAS

#### **Ementa:**

A “invenção” da América. A colonização da América e a formação do mundo Atlântico. A colonização do imaginário: movimentos messiânicos indígenas e resistência. Formas de trabalho e sistema colonial: escravidão e trabalho forçado na Américas.

#### **Bibliografia Básica:**

BETHELL, Leslie. (Org). **História da América Latina**. Volume 1 e 2. São Paulo: Edusp, 2007.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo (2): as mestiçagens**, São Paulo: EDUSP, 2006.

O’GORMAN, Edmundo. **A invenção da América: Reflexão a Respeito da Estrutura Histórica do Novo Mundo e do Sentido do seu Devir**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992.

#### **Bibliografia Complementar:**

LEON-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América vista pelos índios**. Petrópolis: Vozes, 1984.

LOCKHART, James; SCHWARTZ, Stuart B. **A América Latina na época Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-**

1800. Rio de Janeiro: Elzevir, 2004.

VAINFAS, R. (Org). **América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A Questão do Outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### **3.3. INDEPENDÊNCIAS E FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS NAS AMÉRICAS**

#### **Ementa:**

As independências nacionais nas Américas. Estado e nação nas sociedades sul-americanas. A expansão territorial, imperialismo e formação da nação dos Estados Unidos.

#### **Bibliografia Básica:**

BETHELL, Leslie. (Org). **História da América Latina**. Volume 3, 4 e 5. São Paulo: Edusp, 2007.

MORSE, R. **O espelho de próspero**. Cultura e ideias nas Américas. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.

PRADO, Maria Lígia C. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: EDUSP, 1999.

#### **Bibliografia Complementar:**

AYERBE, Luiz Fernando. **Estados Unidos e América Latina: A Construção da Hegemonia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

Contexto, 2007.

GUZZELLI, Cesar Augusto Barcelos. **História da América Latina: cinco séculos**. Porto Alegre: EdUFRGS, 1996.

PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (Org.). **Nacionalismo no Novo Mundo: a Formação dos Estados-Nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MÚNERA, Alfonso. **Fronteiras Imaginadas**. Bogotá: Planeta, 2005.

### **3.4. TEMAS CONTEMPORÂNEOS DE HISTÓRIA DAS AMÉRICAS**

#### **Ementa:**

Identidades e Nacionalismos. Populismos e Desenvolvimento Econômico. Imperialismo e Revoluções na América Latina. Ditaduras e democratização. Movimentos Sociais. Dependência, Globalização e Neoliberalismo. Literatura entre a Tradição e a

Vanguarda.

**Bibliografia Básica:**

BETHELL, Leslie. (Org). **História da América Latina**. São Paulo: Edusp, 2007.

BETHEL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. (Org.). **América Latina: entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam e Moraes, Marcus Vinícius de. **História dos Estados Unidos: Das origens ao Século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

**Bibliografia Complementar:**

COGGIOLA, Osvaldo. **Governos Militares na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2001.

FERREIRA, Jorge. (Org). **O populismo e sua história: debate e crítica**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2010,

GEBRAN, Philomena; LEMOS, Maria T. T. B. (Org.). **América Latina: Cultura, Estado e Sociedade**. Rio de Janeiro: ANPHLAC, 1994.

**4. HISTÓRIA DO BRASIL.**

**4.1. HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA**

**Ementa:**

Conquista, governo e formação da elite colonial. Dinâmica econômico-social na colonização portuguesa do Brasil. Terra e Trabalho na América Portuguesa. Movimentos de resistência e participação na história por grupos sociais subalternos.

**Bibliografia Básica:**

COSTA, Emilia Viotti da. **Da Senzala à Colônia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**Bibliografia Complementar:**

RIBERO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARCZ, Lilian. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. (Org.). **O Brasil Colonial – vol. I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. (Org.). **O Brasil Colonial** – vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. (Org.). **O Brasil Colonial** – vol. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

#### **4.2. FORMAÇÃO DO ESTADO-NAÇÃO NO BRASIL**

##### **Ementa:**

Formação do Estado e da Nação Brasileira após a Independência. Sistema Escravista. Guerra do Paraguai. Trabalho livre. Fim da Escravidão e do Império. Formação do Estado Republicano. Operários e Camponeses. Crise da República Oligárquica. Militares e Política. Estado Novo: consolidação do getulismo.

##### **Bibliografia Básica:**

COSTA, Emilia Viotti da. **Da Monarquia a República**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República á Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

##### **Bibliografia Complementar:**

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. (Org.). **O Brasil Imperial**. Vol. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAIS, Fernando A. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque a Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

#### **4.3. HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

##### **Ementa:**

Identidade negra brasileira e democracia racial. Branquitude e branqueamento no Brasil. Congressos Afro-Brasileiros e Negros. Raça e racismo no Brasil. Religiões de matriz africana: unidade e diversidade. Quilombos e remanescentes de quilombos. Resistências históricas e movimentos sociais negros. Cultura e diversidade no Brasil. Ações Afirmativas e Lei 10.639/03.

### **Bibliografia Básica:**

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. **Psicologia Social do Racismo** – Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNANGA, Kabengele; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVEIRO, Valter Roberto. **Ações Afirmativas – entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília, INEP, 2003.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina. **O movimento negro brasileiro**. Escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

### **Bibliografia Complementar:**

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo; HUNTLEY, Lynn. (Org.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Estratégias e políticas de combate ao racismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. 3ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SOUZA, Marina de Mello. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

## **4.4. HISTÓRIA DO BRASIL CONTEMPORÂNEO**

### **Ementa:**

Debates e conceitos de Tempo Presente. Fim do Estado Novo. Experiência Democrática (1946-1964). Partidos Comunistas na ilegalidade. Desenvolvimentismo e Regionalização. Ditadura Militar-Civil (1964-1985). “Milagre Econômico”. Redemocratização. Trabalhadores e Movimentos Sociais Urbanos e Rurais. Dívida Externa. Neoliberalismo no Brasil. Rádio, TV, jornais e novas tecnologias de

comunicação.

### **Bibliografia Básica:**

FERREIRA, Jorge, REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). **A Formação das Tradições: nacionalismo, reformismo radical, 1945-1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Jorge; DELGADO Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais no fim do Século XX.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado.** Petrópolis: Vozes, 1987.

### **Bibliografia Complementar:**

SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea.** Vol. 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Contexto, 2015.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor.** São Paulo: Alameda, 2012.

SALLUM JUNIOR, Brasília. **O Impeachment de Fernando Collor.** São Paulo: Editora 34, 2015.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. **Crises políticas e capitalismo neoliberal no Brasil.** Curitiba: Editora CRV, 2015.

## **5. HISTÓRIA DA AMAZÔNIA.**

### **5.1. HISTÓRIA DO SUL E SUDESTE DO PARÁ**

#### **Ementa:**

Os povos indígenas no vale do Araguaia, Tocantins, Itacaiúnas e Xingu. Povoamentos não indígenas. Relações e conflitos interétnicos. Migrações. Ciclos Econômicos. A Guerrilha do Araguaia. Colonização da Transamazônica. Grandes Projetos. Conflitos Agrários e Violência no Campo. Trabalho Escravo Contemporâneo. Questões Socioambientais. Formação das Cidades. Movimentos Sociais do Campo e da Cidade.

#### **Bibliografia Básica:**

EMMI, Marília. **A Oligarquia do Tocantins e o domínio dos castanhais.** Belém: CFCH/NAEA/UFPA, 1987.

PETIT, Pere. **Chão de Promessas: elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós-1964.** Belém: Paka-Tatu, 2003.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Do posseiro ao sem-terra: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará.** Recife: editora UFPE, 2015.

**Bibliografia complementar:**

AUDRIN, Frei José Maria. **Entre Sertanejos e Índios do Norte**. Rio de Janeiro: Púgil, 1996.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando a Fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia**. Belém: ADUFPA, 2004. 4v.

IANNI, Otávio. **A luta pela terra: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1978.

LARAIA, Roque de Barros; DA MATTA, Roberto. **Índios e Castanheiros: a empresa extrativa e os índios no médio Tocantins**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas**. Goiânia: Editora da UFG, 2003.

FIGUEIRA, Ricardo Rezende. **Pisando fora da própria sobra: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

**5.2. HISTÓRIA SOCIAL E ECONÔMICA DA AMAZÔNIA****Ementa:**

Estudo da formação social e econômica da amazônica, mapeando organizações econômicas, políticas e sociais no processo de formação histórica da região. Experiências e vivências dos diferentes sujeitos históricos em sua dinâmica no tempo e espaço, por meio dos diálogos entre as produções, abordagens, representações e interpretações das lutas e resistências de seus diferentes sujeitos. Natureza, campo e cidade, projetos de colonização, projetos de Integração nacional e projetos de infraestrutura e desenvolvimentismo. Processos de migração, ocupação, conflitos fundiários, movimentos sociais e questões socioambientais.

**Bibliografia Básica:**

CHAMBOULEYRON, Rafael. **Povoamento, ocupação e agricultura na Amazônia colonial (1640-1706)**. Belém: Acaí/PPHIST/CMA, 2010.

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2004.

COSTA, Francisco de Assis. **Elementos para uma economia política da Amazônia: historicidade, territorialidade, diversidade, sustentabilidade**. 1. ed. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2012. v. 1. 468p.

**Bibliografia Complementar:**



SOUZA JUNIOR, José Alves de. **Tramas do Cotidiano. Religião, Política, Guerra e Negócios no Grão-Pará do Setecentos.** 987. ed. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2012. v. 1. 356p.

SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas produzindo a Belle Époque.** Belém: Pakatatu, 2002.

CASTRO, Edna; CAMPOS, Índio. (Org.). **Formação socioeconômica da Amazônia.** 1. ed. Belém: Editora NAEA/UFPA, 2016. v. 1.

CASTRO, Edna.(Org.). **Cidades na Floresta.** 1. ed. São Paulo/Belém: Annablume/NAEA-UFPA, 2009.

PETIT, Pere. **Chão de Promessas:** elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós-1964. Belém: Paka-Tatu, 2003.

### **5.3. HISTÓRIA INDÍGENA E DO INDIGENISMO NA AMAZÔNIA**

#### **Ementa:**

Formação de um campo de estudos. Políticas indigenistas na Amazônia portuguesa e no Brasil imperial e republicano. Políticas indigenistas e sua relação com as questões ambientais no passado e no presente; Trabalho, territorialidade, meio-ambiente e etnicidade. Papel das populações indígenas na história e sua relação com o meio-ambiente. As populações indígenas na e em sala de aula. Ensino de história e populações indígenas.

#### **Bibliografia Básica:**

CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). **História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DOMINGUES, Ângela. **Quando os índios eram vassallos.** Colonização e relações de poder no norte do Brasil na segunda metade do século XVIII. Lisboa: CNCDP, 2000.

MONTEIRO, John M. **Tupis, tapuias e historiadores.** Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Campinas: Tese de Livre Docência/UNICAMP, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. **A temática indígena na escola.** Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros:** o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII). Manaus: Editora Valer, 2009.

#### **Bibliografia Complementar:**

GARFIELD, Seth. **A luta indígena no coração do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2011.

HEMMING, John. **Ouro Vermelho**: a conquista dos índios brasileiros. São Paulo: Edusp, 2007.

LIMA, Antônio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz**: poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1995.

KODAMA, Kaori. **Os índios no Império do Brasil**: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; São Paulo: EDUSP, 2009.

PORRO, Antônio. **As crônicas do Rio Amazonas**: tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

#### **5.4. HISTÓRIA, CULTURA E MEIO AMBIENTE**

##### **Ementa:**

Transformações no ambiente e ecossistemas ecológicos. Cultura, meio ambiente e literatura da Amazônia. Representações, trocas culturais e simbolismos. A Coroa o Império e o espaços amazônicos. Fronteiras e territorialidades. Belle Époque. Cultura e mundos do trabalho. Rituais, simbolismo e identidade: história, literatura e memória. Religião e religiosidades amazônicas: pajelança cabocla, afro-amazônia caribenha e saberes populares. Cultura oral, escrita: erudito e popular.

##### **Bibliografia Básica:**

ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida R. (Org.). **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: UNESP, 2002.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A Cidade Sebastiana**: Era da borracha, memória e melancolia numa capital periférica da modernidade. Belém: Edições do Autor, 2010.

HARDMAN, Francisco F. **Trem Fantasma**: A Modernidade na Selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PORRO, Antônio. **O povo das águas**: ensaios de etno-história amazônica. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PRIORE, Mary del; GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Os senhores dos rios**. Amazônia, margens e histórias. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

##### **Bibliografia Complementar:**

BOLLE, Willi; CASTRO, Edna; VEJMEKKA, Marcel. (Org.). **Amazônia**: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Editora Globo, 2010.

MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio**: caminhos, práticas e imagens da "Comissão Rondon". São Paulo: EDUC, 1998.

MELLO, Alex Fiúza de. (Org.). **O Futuro da Amazônia**: dilemas, oportunidades e desafios no limiar do Século XXI. Belém: Editora da UFPA, 2002.

QUEIXALÓS, F.; RENAUT-LESCURE, O. (Org.). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000.

REIS, Arthur C. Ferreira. **Limites e demarcações na Amazônia Brasileira**. Belém: Secretaria do Estado da Cultura, 1993, 2 v.

## **6. FORMAÇÃO BÁSICA DA LICENCIATURA**

### **6.1. DIDÁTICA E EDUCAÇÃO HISTÓRICA**

#### **Ementa:**

Educação histórica como forma de pensar a relação do ensino com a produção de conhecimento historiográfico, articulado na ação efetiva entre o conhecimento históricos como a ciência especializada. O aprendizado histórico a partir das experiências e identidades dos sujeitos em seu contexto sócio cultural, como um processo para ensinar e aprender História no cotidiano e da tomada de consciência historiográfica, como elemento essencial na formação do aluno de História.

#### **Bibliografia Básica:**

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

RÜSEN, Jörn. **História viva**: Teoria da História III: formação e funções do conhecimento histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SCHMIDT, M. A; BARCA, I; MARTINS, E. R. (Org). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora da UFPR, 2010.

#### **Bibliografia Complementar:**

GUAZELLI, César Augusto B. **Questões de teoria e metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da UFGGS, 2000.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência da história. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensina História no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas/SP: Papirus, 2007.

SCHIMIDT, Maria A; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: UFPR, 2011.

URBAN, Ana Cláudia. **Didática da História**: contribuições para formação de professores. Curitiba-PR: Juruá, 2011.

## 6.2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

### **Ementa:**

Compreender a educação como um projeto político e histórico. Analisar a construção do desenvolvimento da educação nos tempos da experiência colonial por meio da ação educacional dos jesuítas na América Portuguesa. Analisar as políticas educacionais pombalinas. Escola pública brasileira: constituição sócio-histórica. Movimentos sociais e educação.

### **Bibliografia Básica:**

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

### **Bibliografia Complementar:**

AZEVEDO, Fernando de. **A transmissão da cultura**. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cyntia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). **História social da infância no Brasil**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: Vozes, 2003.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **História e memória da educação no Brasil** (vol. I – séculos XVI-XVIII). Petrópolis: Vozes, 2004.

## 6.3. LIBRAS

### **Ementa:**

Estudos linguísticos da LIBRAS. Estudos sociolinguísticos da LIBRAS; História da educação de surdos no Brasil; Educação inclusiva para surdos no Brasil. Métodos para

ensino aos surdos. Aquisição da escrita de sinais por crianças surdas. Ensino aprendizagem e leitura da escrita de sinais (sign writing) para surdos. Modelo bilíngue para surdos. A aquisição da linguagem oral e escrita para surdos. Ensino de língua materna para surdos. O processo de socialização entre surdos e ouvintes. O português Falado Complementado (Cued Speech) para surdos. Ensino de Libras e a escrita de sinais (Sign Writing) para ouvintes. A construção da identidade nos surdos. A surdez e a diversidade de códigos linguísticos. Aspectos históricos, linguísticos, educacionais e sociais da surdez.

### **Bibliografia Básica:**

BOTELHO, Paula. Linguagem e letramento na educação dos surdos: **Ideologias e práticas pedagógicas**. 1. Ed., 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. **LIBRAS em contexto**: curso básico. Brasília: Programa Nacional de Apoio á Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2006.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2003.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodemir. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação do Surdo no Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

### **Bibliografia Complementar:**

ARANHA, Maria Salete Fábio. (Org.). **Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos surdos**. SEESP/MEC. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. **O Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Ronice M. Quadros. (Org). Brasília: Ministério de Educação 2006.

CAPOVILLA, Fernando César; REPHAL, Walkiria Duarte. (Org.). **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume 1: Sinais de A a Z /; (Ilustrações Silvana marques) – 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

REILY, L. **Escola Inclusiva**: Linguagem e Mediação. Campinas/SP. Papyrus, 2004.

SKLIAR, Carlos. (Org). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: mediação, 1998.

## **6.4. PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM**

**Ementa:**

Matrizes teóricas e conceituais da psicologia da aprendizagem. Processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. O desenvolvimento da personalidade nos seus aspectos afetivo, cognitivo, social e mental da criança e do adolescente. A contribuição das teorias do desenvolvimento e aprendizagem ao ensino-aprendizagem.

**Bibliografia Básica:**

ALENCAR, Eunice S. (Org.). **Novas Contribuições da Psicologia aos processos de Ensino e Aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 1992.

BIAGIO, Ângela M. Brasil. **Psicologia do Desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1975.

ENDERLE, Carmem. **Psicologia da Adolescência: uma abordagem pluridimensional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

**Bibliografia Complementar:**

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BEARD, R. M. **Como a criança pensa**. São Paulo: Ibrasa, 1973.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BIGGE, Morris L. **Teorias da Aprendizagem para Professores**. São Paulo: EPU, 1977.

**7. PRÁTICA CURRICULAR CONTINUADA (PCC)****7.1. PCC I - HISTÓRIA E ENSINO: ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E REGIONAL****Ementa:**

Analisar os principais debates envolvendo as discussões sobre ensino de história local e regional. Debater as concepções epistemológicas acerca do que se entende por História Local e Regional e suas implicações com o currículo de história. Também abordar-se-á as estratégias de Ensino de História Local e Regional no diálogo com a micro-história e suas propostas de redução na escala de observação. Ainda se analisará as questões entre o sujeito social e o Local, o Local e os arquivos e documentos, o Local e as identidades culturais. Bem como se problematizará os desafios e possibilidades de uso do Local

para o ensino de história, que não raro, se limita à compreensão do Local apenas em suas dimensões físicas/espaciais. Desenvolver experimentos in loco do ensino de história local e ou regional problematizando os desafios e explorando as possibilidades.

#### **Bibliografia Básica:**

ALMEIDA, Vasni et al. (Org.). **História e narrativas:** regionalidades, ensino e arte. Palmas: Nagô Editora, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Cotidiano e história local. In: **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques. (Org.) **Jogos de escalas. A experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1988.

#### **Bibliografia Complementar:**

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2006.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros e MAGALHÃES, Marcelo de Souza. (Org). **Ensino de História:** sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de História: entre história e memória. **Revista do Núcleo de Estudos de Currículo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ**, 2012.

NORA, Pierre. Entre Memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez 1993.

RECKZIEGEL, A. L. S. História regional: dimensões teórico-conceituais. **História Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 15-22, jun. 1999. 1, p. 15-22, jun. 1999.

## **7.2. PPC II – HISTÓRIA E ENSINO: LINGUAGENS: LITERATURA, ORALIDADES, NOVAS TECNOLOGIAS E MÍDIAS**

#### **Ementa:**

Reflexão teórica e metodológica sobre História, Literatura, Oralidade, novas Tecnologia e Mídias. Produção de material didático. Formulação de projetos de intervenção de aprendizagem.

**Bibliografia Básica:**

ABREU, Marta; SOIHET R.; GONTIJO, R. (Org.). **Cultura Política e Leituras do passado:** Historiografia e Ensino de História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes, FRANCO, Renato. **Aprendendo História:** reflexões e ensino. Rio de Janeiro: FGV e Editora do Brasil, 2009.

LOPES, Antônio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e linguagens:** textos, imagem, oralidade e representações. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa: 7 letras, 2006.

**Bibliografia Complementar:**

BIANCO, Bela Feldman. **Desafios da imagem.** São Paulo. Papyrus, 2001.

MAGALHÃES, Marcelo et al. (Org.). **Ensino de História:** usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes; CIAMBARELLA, Alexssandra. (Org.). **Ensino de História:** usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

PINTO, Júlio Pimentel, TURAZZI, Maria Inez. **Ensino de História:** diálogos com a literatura e a fotografia. São Paulo: Moderna, 2012.



### **7.3. PCC III – HISTÓRIA E ENSINO: PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL**

#### **Ementa:**

Problematizar a construção política, histórica e conceitual dos patrimônios. Analisar as relações que envolvem ensino de história, patrimônio e cotidiano escolar. Analisar as relações entre patrimônio, cotidiano escolar e currículo; patrimônio, cotidiano escolar, memória e narrativa; patrimônio, cotidiano escolar, arquivo, tempo e história. Desenvolver experimentos in loco sobre ensino de história e patrimônio material e imaterial, problematizando os desafios e explorando as possibilidades.

#### **Bibliografia Básica:**

ABREU, R & CHAGAS, M. (Org). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina. 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed Unicamp, 1990.

OLIVEIRA, Margarida Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. (Org.). **Ensino de História**: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços. Natal: EDFURN, 2008

#### **Bibliografia Complementar:**

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola: 2011.

MONTEIRO, Ana Maria, et al. (Org). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo; Brasiliense, 2008.

CHAVES, Elisgardenia Oliveira. Educação Patrimonial e ensino de História. **História e Ensino**, Londrina, V. 19, Nº 02, 2013.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de história e educação para o patrimônio. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 47, 2008.

### **7.4. PCC IV – HISTÓRIA E ENSINO: TEXTO DIDÁTICO, PRODUÇÃO E USO**

#### **Ementa:**

Análise do processo de construção do material didático de história para a educação básica e suas complexas relações com o processo de formação docente inicial. Problematizará as relações entre livro didático e mercado editorial, para compreender as possibilidades e limites na produção dos livros didáticos nas disputas que envolvem

Estado, mercado e sociedade. Também promoverá debates e experiências sobre as possibilidades de usos do livro didático no exercício da docência de professores e professoras da em formação. Desenvolver atividades em sala de aula para problematizar os desafios e explorar as possibilidades de usos do livro didático como instrumento de pesquisa no cotidiano nos professores da educação básica.

**Bibliografia Básica:**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Materiais didáticos: concepções e usos. In: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA, Isabel e MARTINS, Estevão de Rezende. (Org). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

ZAMBONI, E.; SANTORO, C. H. **O que sabemos sobre o Livro Didático**. Campinas: UNICAMP, 1989.

**Bibliografia Complementar:**

ABREU, Marta; SOIHET R.; GONTIJO, R. (Org.). **Cultura Política e Leituras do passado: Historiografia e Ensino de História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **Apresentação: o mercado de livros didáticos no Brasil**. In: O mercado do livro didático no Brasil do século XXI: a entrada do capital espanhol na educação nacional. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes e FRANCO, Renato. Os desafios do ensino de história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FVG, N° 41, 2008.

FONSECA, Selva. Guimarães. **Prática e Didática de História**. Campinas: Ed. Papirus, 1993.

SANTOS, J. S.; ZAMBONI, E. (Org.). **Potencialidades investigativas da educação**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2010.

**7.5. PCC V – HISTÓRIAE ENSINO: ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E EJA**

**Ementa:**

Analisar as principais discussões que problematizam o ensino de história e suas relações com o ensino fundamental, médio e EJA. Analisar os debates que analisam o ensino de história e o currículo para a educação básica e o EJA. Debater e problematizar as relações sobre o ensino de história no que tange à seleção dos conteúdos, aprendizagem, avaliação e o desenvolvimento de estratégias de ensino em sala de aula. Desenvolver

experimentos em sala de aula para problematizar os desafios e explorando as possibilidades acerca do ensino de História nos seguimentos Fundamental, Médio e EJA.

#### **Bibliografia Básica:**

ABREU, Marta; SOIHET R.; GONTIJO, R. (Org.). **Cultura Política e Leituras do passado:** Historiografia e Ensino de História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta à várias mãos:** a experiência da pesquisa no trabalho do educador. SP: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Margarida D. de; CAINELLI, Marlene R.; OLIVEIRA, Almir F. B. de. (Org.). **Ensino de História:** múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços. Natal: EDFURN, 2008.

#### **Bibliografia Complementar:**

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; COELHO, Mauro Cezar. (Org.). **Raça, cor e diferença:** a escola e a diversidade. 2ª. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

FONSECA, Selva. Guimarães. **Prática e Didática de História.** Campinas: Ed. Papirus, 1993.

SANTOS, J. S.; ZAMBONI, E. (Org.). **Potencialidades investigativas da educação.** Goiânia: Ed.PUC Goiás, 2010.

SILVA, Marcos. Antônio da. **História – O Prazer em Ensino e Pesquisa.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

MATTOS, Ilmar Rohloff de (Org.). **A História do Ensino de História do Brasil.** Rio de Janeiro: Access, 1998.

### **7.4. PCC VI – HISTÓRIA E ENSINO: RELAÇÕES DE GÊNERO**

#### **Ementa:**

Analisar os principais debates envolvendo as discussões sobre ensino de história e relações de gênero. Problematizar o ensino de história, as relações de gênero e diretrizes curriculares. Estudar o ensino de história as relações de gênero e as representações de gênero nos livros didáticos. Analisar o ensino de história e as relações de gênero na relação com a formação docente. Desenvolver experimentos de pesquisa em sala para problematizar as relações de gênero com o ensino de história.

#### **Bibliografia Básica:**

ARILHA, Margareth. **Homens e masculinidades.** São Paulo: ECOS; Editora 34, 1998.

Seiva. LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2.a ed., Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

SILVA, T. T., da. (Org.) **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

**Bibliografia Complementar:**

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. 11.a ed., Rio de Janeiro, Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1994.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, A. M., e VIEIRA, J. S. (Org.) **Trabalho docente: formação e identidades**. Pelotas, 2002.

SANTOS, J. S.; ZAMBONI, E. (Org.). **Potencialidades investigativas da educação**. Goiânia: Ed.PUC Goiás, 2010.

**7.7. PCC VII – HISTÓRIA E ENSINO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**Ementa:**

Termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil. Os valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros e o ensino de História. O saber ancestral popular e o saber acadêmico como ferramentas de ensino. Ancestralidade e práticas religiosas de matrizes africanas. Proposta de ensino das relações étnico-raciais em espaços formais e não formais. Lei 11.645/08 e o ensino da história e da cultura indígena. Orientações acerca da utilização de fontes escritas, materiais, visuais e orais como metodologia para o ensino de História para as relações étnico-raciais.

**Bibliografia Básica:**

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. **Histórias do Movimento Negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

AMANCIO, Iris Maria da Costa. (Org.). **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA CAMINHOS ABERTOS PELA LEI FEDERAL Nº10.639/03. **Brasília: Coleção Educação Para todos**. SECAD/MEC, 2005.

**Bibliografia Complementar:**

GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

OLIVEIRA, Davi E. de. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retratos em branco e negro**. Jornais, Escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Cia das letras. 1987.

## **8. ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

### **8.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO I**

#### **Ementa:**

O Estágio Supervisionado tem como objeto a observação da realidade do ensino e aprendizado em sala de aula, buscando compreender a cultura escolar existente. A disciplina de Estágio Supervisionado I realizará reflexões teóricas sobre o papel do ensino de História no sistema escolar, tendo como referência a escola como objeto de pesquisa para a elaboração de estratégias e projetos nas escolas estagiadas do ensino Fundamental, Médio e Eja. Visitas monitoras em escola da rede pública municipal e estadual, escolas indígenas e escolas alternativas/itinerantes de educação popular.

#### **Bibliografia Básica:**

ABREU, Marta; SOIHET, Raquel. **Ensino de História**: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FAPERJ, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVIA, Cristini Baretta da; ROSSATO, Luciana; DELGADO, Andréa Ferreira. (Org). **Experiências de ensino de História no Estágio Supervisionado**. Florianópolis: Udesc, 2011.

#### **Bibliografia Complementar:**

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas/SP: Papirus, 2004.

FONSECA, Thaís Nivia de Lima. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: 2003.

NUNES, Silma do Carmo. **Concepções de mundo no ensino de História**. Campinas: Papirus, 1996.

SILVA, Marcos. Antônio da. **História – O Prazer em Ensino e Pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

VIEIRA, Maria do Pilar et al. (Org.). **Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

## 8.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

### **Ementa:**

Na Estágio Supervisionado II os licenciados em História deverão compreender os processos de organização e gestão escolar, com atividades direcionadas à análise do Espaço Escolar. Para tanto as ações serão direcionadas no sentido de fazer um mapeamento da estrutura do espaço escolar e os seus usos. O uso do Laboratório de Extensão, Ensino e Pesquisa em História (LEEPH) para realização de oficinas de prática de ensino e pesquisa, com o intuito de produzir materiais didáticos, estratégias de ensino de conteúdos históricos e inovação de práticas em sala de aula.

### **Bibliografia Básica:**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, Marcos; SELVA, Guimarães Fonseca. **Ensinar história no século XXI: em busca do tempo ensinado**. São Paulo: Papirus, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

### **Bibliografia Complementar:**

ABREU, Marta; SOIHET, Raquel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/FAPERJ, 2003.

CARBINI, Conceição e outras. (Org.). **O Ensino de História: revisão urgente**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

KARNAL, Leandro. (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

SHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

### 8.3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO III

#### **Ementa:**

Nesta fase do Estágio Supervisionado, além de problematizar conteúdos e práticas em sala de aula, o estagiário deve observar as aulas ministradas pelo docente de História na escola estagiada, gestão da sala de aula, com suas metodologias e estratégias aplicadas em sala de aula, bem como os conceitos e recursos didáticos utilizados para desenvolver suas atividades acadêmicas. O estagiário deverá auxiliar o professor da escola estagiada com atividades de regências, na organização e realização de oficinas e na elaboração de material e subsídios didáticos conforme previsto em seu plano de aula. O Estagiário deverá participar efetivamente da organização de Encontros de professores e pesquisadores de História da Região do Sul do Pará, promovido Núcleo de Pesquisa: Interpretações do Tempo: ensino, memória, narrativa e política (Itemnpo) do curso de História da Unifesspa.

#### **Bibliografia Básica:**

GOMES, Marineide de Oliveira. (Org). **Estágios na formação de professores**. São Paulo: Loyola, 2013.

KARNAL, Leandro. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Margarida Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. (Org.). **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: EDFURN, 2008.

#### **Bibliografia Complementar:**

FERREIRA, Marieta de Moraes e FRANCO, Renato. Os desafios do ensino de história. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FVG, N° 41, 2008.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

RICCI, Cláudia Sapag. **Da intenção ao Gesto**. SP., ed. Annablume, 1999.

SHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

### 8.4 ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV

#### **Ementa:**

Nessa fase final da execução do projeto de Estágio inscrito no Projeto Político Pedagógico do curso de História da Unifesspa, os estagiários em processo de formativo deverão apresentar os resultados do planejamento do Estágio Supervisionado com seus projetos de intervenção, com as ações, objetivos – levando em conta as experiências desenvolvidas ao longo de todas as fases anteriores do estágio supervisionado, em formato de relatórios final com introdução, desenvolvimento e considerações finais. O discente deve cumprir todas as formalidades com formulários preenchidos, com as devidas avaliações dos planos de aula, materiais didáticos produzidos e propostas de ensino e pesquisa em História efetivadas nas unidades escolares. Os relatórios entregues serão arquivados no LEEPH, como acervo de fontes-documentos para elaboração de artigos e de projetos de pesquisa monográfica no campo de Ensino de História e História local/regional.

#### **Bibliografia Básica:**

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.  
OLIVEIRA, Margarida Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. (Org.). **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal: EDFURN, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

#### **Bibliografia Complementar:**

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a Educação**. São Paulo: Duas Cidades/editora 34, 2002.

MONTEIRO, Ana Maria, et al. (Org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GUIMARÃES, Selva. Livros Didáticos de História. In: **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido e GHEDIN, Evandro. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Cristiani Bereta da; DELGADO, Andréa Ferreira; OTTO, Clarícia. (Org.). **Experiência de Ensino de História no Estágio Supervisionado**. Florianópolis-SC: Ed.Udesc, 2011.

## **9. METODOLOGIA E PESQUISA EM HISTÓRIA E EM ENSINO DE HISTÓRIA**



## 9.1 METODOLOGIA DO PROJETO DE PESQUISA

### **Ementa:**

O estatuto epistemológico das ciências humanas e sociais. A Hermenêutica. A atividade humana do conhecer e a atividade humana transformadora. A pesquisa como princípio educativo. Metodologias de pesquisa participante e de pesquisa-ação. O planejamento da pesquisa e sua importância; Métodos e técnicas de pesquisa; Elaboração de projetos e relatórios de pesquisa.

### **Bibliografia Básica:**

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História:** da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho Científico.** São Paulo: Cortez editora, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2011.

### **Bibliografia Complementar:**

HAGUETTE, Maria Tereza. Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia.** Petrópolis: Vozes, 1990.

JAPIASSU. H. Questões epistemológicas. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1981. PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

GATTI, Bernardete A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil.** Brasília: Plano, 2002.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Guia do Trabalho Científico:** do projeto a redação final. São Paulo: Contexto, 2011.

## 9.2. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM HISTÓRIA

### **Ementa:**

O aluno deve refletir sobre o projeto de pesquisa com as linhas de pesquisa do PPC do curso de História da Unifesspa. A pesquisa histórica enquanto processo e prática, discutindo os procedimentos do historiador na construção do objeto, no tratamento do material documental, na identificação de problemáticas e no planejamento da pesquisa.

### **Bibliografia Básica:**

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História.** Petrópolis, RJ:

Vozes, 2012

LUCAS, Tania Regina de PINSKI, Carla Bassanezi. **O historiador e suas fontes**. Contexto, 2009.

VIEIRA, Maria do Pilar e outras. (Org.) **Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

### **Bibliografia Complementar:**

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARÓSTEGUI, Júlio. **A pesquisa histórica**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. São Paulo: Contexto, 2010.

FENELON, Déa et al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira. **História & documentos e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

## **9.3 MONOGRAFIA I**

### **Ementa:**

Leitura, análise e acompanhamento dos projetos de pesquisa por linha de pesquisa. Encaminhamento metodológico específico para cada projeto. Leituras e acompanhamento bibliográfico de cada projeto de pesquisa. Metodologia para elaboração de relatório de pesquisa.

### **Bibliografia Básica:**

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2003.

### **Bibliografia Complementar:**

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2011.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2010.

#### 9.4. MONOGRAFIA II

##### **Ementa:**

Leitura, análise e acompanhamento dos projetos de pesquisa por linha de pesquisa. Encaminhamento metodológico específico para cada projeto. Leituras e acompanhamento bibliográfico de cada projeto de pesquisa. Metodologia para elaboração da redação final da monografia de graduação.

##### **Bibliografia Básica:**

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. **Planejamento de Pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2003.

##### **Bibliografia Complementar:**

PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2011.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. São Paulo: Atlas, 2010.

#### 10. EMENTÁRIO DAS OPTATIVAS

##### 10.1. AÇÕES AFIRMATIVAS E EDUCAÇÃO

##### **Ementa:**

Ações Afirmativas. As Leis 10.639/03 e 11.645/08. História e Cultura Afro-Brasileira e os Povos Indígenas do Brasil. Relações das ações afirmativas com as demandas do ensino de história instaurados a partir da promulgação dos referidos decretos.

#### **Bibliografia Básica:**

BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al. **Povos Indígenas e Educação**. Medição, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação Anti-racista Caminhos Abertos pela Lei Federal nº10.639/03**. Brasília: Coleção Educação Para todos. SECAD/MEC, 2005.

SILVA, Cidinha. **Ações Afirmativas em educação**. Experiências brasileiras. São Paulo: Selo Negro, 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves; SILVEIRO, Valter Roberto. **Ações Afirmativas – entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. Brasília, INEP, 2003.

SOUZA, Marina de Mello e Souza. **África e Brasil Africano**. São Paulo: Ática, 2012.

#### **Bibliografia Complementar:**

AMÂNCIO, Isis Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. **Literaturas Africanas e Afro-Brasileiras na Prática Pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BENTO, Maria Aparecida. **Branqueamento e Branquitude no Brasil. Psicologia Social do Racismo**. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 1.ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2002.

BONIN, Iara Tatiana. Povos indígenas na rede das temáticas escolares: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? **Currículo sem Fronteiras**. Volume 10, n. 1, pp.133-146, jan/jun 2010.

COELHO, Mauro Cezar; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. A diversidade na história ensinada nos livros didáticos: mudanças e permanências nas narrativas sobre a formação da nação. **Revista História e Diversidade**, vol. 6, 2015.p.6-21.

SOMERS, Patrícia; JONES, Catherine. Ações afirmativas na Educação Superior: o que acadêmicos brasileiros podem aprender da experiência americana. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 246-251, set./dez. 2009.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação Afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n.117. 2002, p.238.

## **10.2. HISTÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO**

**Ementa:**

Origens dos movimentos coletivos das populações negras no Brasil, antes e pós-abolição da escravidão. A afirmação identitária, as negociações com outros grupos da sociedade abrangente, os protagonismos individuais, as organizações coletivas, as estratégias de inserção social, as lutas por educação, os congressos negros e afro-brasileiros e as resistências dos movimentos negros desde o pós-abolição contra as desigualdades sociais e raciais.

**Bibliografia Básica:**

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araújo Pereira. (Org.). **Histórias do Movimento Negro no Brasil**. Depoimentos ao CPDDC. Rio de Janeiro: PALLAS, 2007.

DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flavio dos Santos. **Da nitidez e invisibilidade: Legados do pós-emancipação no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

GUIMARÃES, Sérgio Antônio. **Tirando a máscara**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Coleção Cultura e Identidade Brasileira, Autêntica, 2004.

SAMPAIO, Patrícia Melo. (Org.). **O fim do silêncio. Presença Negra na Amazônia**. Belém: Editora Açaí, 2011.

**Bibliografia Complementar:**

BERND, Zilá. **A questão da negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BARBOSA, Marcio. **Frente Negra Brasileira**, depoimentos. São Paulo: Quilomboje, 1998.

BASTIDE, Roger. **Brasil, Terra de Contrastes**. São Paulo: Difel, 1979.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar. **O Grupo Palmares (1971-1978): Um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. 195 f. Dissertação de Mestrado, 2006, PUCRS.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Revista Tempo**, n. 23, Rio de Janeiro, UFF, 2007., p. 108.

GOMES, Flavio dos Santos. **Negros e Política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.

MAIO, Marcos Chor. O projeto UNESCO e a agenda das Ciências Sociais no Brasil nos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1999, vol.14 n.41, p.141, São Paulo.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **O negro na sociedade brasileira**: resistência, participação, contribuição. Brasília: Fundação Cultural Palmares – MINC, V.1, 2004.

NASCIMENTO, Abdias. **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). **O Movimento Negro Brasileiro**: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte, Nandyala, 2009.

RAMOS, Guerreiro. O problema do Negro na Sociologia Brasileira. **Cadernos de Nosso Tempo**, 2 (2): 189-220, jan./jun. 1954.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. Rio de Janeiro, 2003. **Estudos Afro-Asiáticos**. Vol.25. nº 2 p.215-235.

SINGER, Paul.; BRANT, V.C. (Org.). **São Paulo**: o povo em movimento. Petrópolis: Vozes, 1980.

### **10.3. HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DAS GENTES DO MAR DO BRASIL**

#### **Ementa:**

Ações dos movimentos sociais das gentes do mar do Brasil no final do século XIX até o final da década de 1950. Resistências contra determinada ordem constituída a fim de se refletir sobre a amplitude do protagonismo social desses movimentos na luta por suas demandas. As ações coletivas e individuais de seus sujeitos em acontecimentos como os atos de desobediência contra a escravidão, as agências na revolta da chibata até as reivindicações por direitos como categoria socioprofissional no contexto do nacionalismo e do trabalhismo.

#### **Bibliografia Básica:**

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo, Ed. Ática, 1983.

GHON, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAESTRI, Mário. Cisnes Negros. **Uma história da Revolta da Chibata**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

MOREL, Edmar. **Vendaval da liberdade**. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1967.

SILVA, Luiz Geraldo. **A faina, a festa e o rito**. Uma etnografia histórica sobre as gentes do mar (séc. XVII ao XIX). Papirus: Campinas, 2001.

**Bibliografia Complementar:**

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres e Mares – Espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: Editora Annablume, 1994.

MORAES, Paulo Ricardo de. **A Revolta da Chibata**. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2010.

MOREL, Edmar. **A Revolta da Chibata**: Subsídios para a história da sublevação na esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910. Guanabara: Letras e Artes, 1963.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. Os jangadeiros de Vargas: reflexões acerca das viagens reivindicatórias de jangadeiros cearenses. In: **Simpósio Nacional de História**, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – São Paulo; ANPUH. p.1-11. 2014.

SANTOS, Márcia Juliana. Em cena: quatro homens numa jangada. A luta por direitos dos jangadeiros dos cearenses em 1941. **Projeto História**, São Paulo, n.39, jul/dez. 2009.

#### **10.4. HISTÓRIA, CIDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS**

**Ementa:**

Estudo e reflexão sobre o História, Cidade e Políticas Públicas na perspectiva do direito à cidade, situada como produção social e cultural de seus moradores. Problematizar as perspectivas e olhares sobre cidade em seus múltiplos ângulos, decifrando-os os processos de intervenções urbanísticas, de gestão e uso dos espaços públicos e privados, as tensões, lutas e as singularidades das práticas cotidianas urbanas.

**Bibliografia Básica:**

LIMA, Antônia Jesuítas de. (Org). **Cidades brasileiras**: atores, processos e gestão pública. Belo Horizonte, 2007.

FENELON, Déa (Org.). **Cidades**. São Paulo: Olho D'água, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

PECHMAN, Robert Moses. (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre, UFRGS, 1999.

**Bibliografia Complementar:**

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro: Sete letras, 1994.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.

KOWARICK, Lúcio. **As lutas sociais e a cidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

## **10.5. HISTÓRIA, CULTURA E RELIGIOSIDADE**

### **Ementa:**

Estudo do fenômeno religioso contemporâneo como um campo de saber, que é portador de sentidos e significados nas relações humanas e sociais. Em um processo de investigação sistemática, por meio da compreensão de suas manifestações, motivações, ações, intolerância e tolerância, conflitos e mediações, dentro do universo cultural religioso.

### **Bibliografia Básica:**

ALVES, Rubens A. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Cia das Letras: 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2001.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BROWN, Diana. **Umbanda e política**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1995.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras: 2000.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

COURTINE, Jean Francois. **A tragédia e o tempo da história**. São Paulo: Editora 34, 2006.

### **Bibliografia Complementar:**

AMBIRES, Juarez Donizete. **Os Jesuítas e a administração dos índios por particulares em São Paulo no último quartel do século XVII**. Dissertação de Mestrado, USP/FFLCH, 2000.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.



- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NOVAES, Adauto. (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**. Porte Alegre: Sulina, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARTIN, Jean-Baptiste. (Org.) **O conto, tradição oral e identidade cultural**. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

## 10.7. HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA - II

### Ementa:

Estudo e reflexão da produção historiográfica brasileira, situada nas principais tendências e correntes historiográficas. Problematização dos processos da escrita da história, rupturas e continuidades em seus diferentes contextos históricos. Estabelecendo um diálogo com as novas tendências da historiografia brasileira contemporânea.

### Bibliografia Básica:

- FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visões do Paraíso**. São Paulo: Nacional, 1969.
- PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1953.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagem a Fernando Henrique Cardoso**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 015.

### Bibliografia Complementar:

- FRAGOSO, João Luís. **Homens de grossa aventura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- MORAES, José G. Vinci de. **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- ODALIA, Nilo. **As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna**. São Paulo: Unesp, 1997.
- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia Brasileira. In: Zélia Lopes. (Org.). **A História em Debate**. São Paulo: Unesp, 1991.

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. São Paulo: Cia. Editorial Nacional, 1979.

## **10.8. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA ATLÂNTICA E A QUESTÃO DAS NARRATIVAS ESCRAVAS**

### **Ementa:**

A disciplina propõe introduzir algumas das questões que se tornaram tradicionais no campo da História Atlântica. A abordagem desses temas, contudo, serão por via de relatos pessoais de mulheres e homens que enfrentaram a Passagem do Meio (o navio negreiro) e/ou a escravidão nas Américas.

### **Bibliografia Básica:**

DAVIS, David Brion. **O Problema da Escravidão na Cultura Ocidental**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DRESCHER, Seymour. **Abolição: uma história da escravidão e do antiescravismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. A Sensualidade como Caminho. Notas sobre Diários e Viagens. **Revista USP**, São Paulo, v. 58, p. 134-148, 2003.

\_\_\_\_\_. A Literatura de Viagem como Fonte da História Social: Uma análise crítica Resenha do livro de Miriam Moreira Leite, Livros de Viagem. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 7, n.1-2, p. 238-240, 1999.

\_\_\_\_\_. Entre Dois Beneditos: Histórias de amas de leite no Ocaso da Escravidão. In: XAVIER, Giovana, FARIAS, Juliana Barreto e GOMES, Flávio dos Santos. (Org.). **Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação**. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2012.

### **Bibliografia Complementar:**

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação**. Bauru: Edusc, 1999.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos; CARVALHO, Marcus Joaquim Maciel de. **O Alufá Rufino. Tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro (1822 - 1853)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

REDIKER, Marcus. **O Navio Negroiro: Uma História Humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

## **10.9. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS**

### **Ementa:**

A disciplina propõe introduzir questões clássicas da historiografia dos Estados Unidos, dentre elas, a diversidade de organização socioeconômica das 13 colônias que comporão inicialmente o Estado Nacional; Alguns impactos da Revolução Americana em relação às colônias latino-americanas e caribenhas; A expansão territorial que tornará os Estados Unidos um país de dimensões continentais; A Guerra da Secessão e os ecos da escravidão africana (incluindo o período da reconstrução); A estruturação social da segregação no Sul e os movimentos sociais; A ascensão e reconhecimento dos Estados Unidos como potência internacional frente à sua participação na 1ª e na 2ª Guerras Mundiais; Temas do imperialismo estadunidense sobre a América Latina da Guerra Fria; Os movimentos dos direitos civis; e, por fim, alguns temas da história recente do país, bem como a discussão do seu novo papel internacional no período que segue o desmonte do bloco soviético.

### **Bibliografia Básica:**

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Abolicionismo. Estados Unidos e Brasil, Uma História Comparada (século XIX)**. São Paulo: Annablume, 2003.

BERLIN, Ira. **Gerações de Cativoiro: Uma História da Escravidão nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2006.

EISENBERG, Peter Louis. **A Guerra Civil Norte Americana**. 5ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

### **Bibliografia Complementar:**

FONER, Eric. **Nada Além da Liberdade: A Emancipação e seu Legado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GENOVESE, Eugene D. **O Mundo dos Senhores de Escravos: dois ensaios de interpretação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HORNE, Gerald. **O Sul Mais Distante: Os Estados Unidos, o Brasil e o Tráfico de Escravos Africanos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. **História dos Estados Unidos: Das Origens ao Século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

#### **10.10.TEMAS DE HISTÓRIA CARIBENHA**

##### **Ementa:**

A disciplina propõe introduzir aos alunos e alunas temas da História do Trabalho no Caribe a partir da perspectiva de estruturação colonial largamente baseada na mão de obra escrava de origem africana em ilhas e colônias ligadas a diferentes metrópoles europeias. Os temas de se iniciarão com as discussões indigenistas provocadas pelos desastres populações das primeiras incursões coloniais, majoritariamente espanholas, e seguirão com as similaridades e diferenças das ilhas maiores e menores na estruturação de escravocracias. Tratar-se-á, em seguida, dos impactos dos movimentos abolicionistas (em especial aqueles sediados no Reino Unido) para o encaminhamento do fechamento do tráfico de escravos a partir de 1808 (para grande parte das colônias) e com as diferentes realidades projetadas para o pós-abolição, largamente enfrentado nos 1840. Em perspectiva comparada, pensar-se-á os casos de exceção, como Cuba, frente às realidades de falta de mão de obra expressadas pelas elites locais e, a serem mitigadas, por trabalhadores não escravos provenientes em sua maioria da China e da Índia. Por fim, o caso da Revolução Haitiana também receberá especial atenção.

##### **Bibliografia Básica:**

BLACKBURN, Robin. **A Construção do Escravismo no Novo Mundo: Do Barroco ao Moderno 1492-1800**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

COSTA, Emília Viotti da. **Coroa de Glória, Lágrimas de Sangue: Rebelião dos Escravos em Demerara em 1823**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

GOMES, Flavio dos Santos. Africanos, tráfico atlântico y cimarrones en las fronteras entre la Guyana Francesa y la América portuguesa, siglo XVIII. **Fronteras de La História**, v. 16, p. 152-175, 2011.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Overture e a Revolução de São Domingo**. São Paulo: Boitempo, 2000.

KLEIN, Herbert S. **A Escravidão Africana na América Latina e**

**Caribe.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

**Bibliografia Complementar:**

- LAMPE, Armando. **História do Cristianismo do Caribe.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- WILLIAMS, Eric. **Capitalismo e Escravidão.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- LINEBAUGH, Peter e REDIKER, Marcus. **A Hidra de Muitas Cabeças: Marinheiros, escravos, plebeus e a História oculta do Atlântico Revolucionário.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MORENO FRAGINALIS, Manuel. **O Engenho: Complexo Econômico-Social Cubano do Açúcar.** São Paulo: Hucitec, 2 Volumes, 1988.
- SCOTT, Rebecca J. **Emancipação Escrava em Cuba: a transição para o trabalho livre 1860-1899.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- MINTZ, Sidney W. e PRICE, Richard. **O Nascimento da Cultura Afro-Americana: Uma perspectiva antropológica.** Rio de Janeiro: Pallas, Universidade Cândido Mendes, 2003.

**10.11. TÓPICO ESPECIAL EM DITADURA MILITAR: DIÁLOGOS HISTORIOGRÁFICOS E RELATOS DOCUMENTAIS**

**Ementa:**

O presente curso se propõe a fazer uma discussão com parte das recentes pesquisas historiográficas que tematizam a ditadura militar no Brasil e dessa forma ampliar os debates sob diferentes abordagens e objetos de investigação envolvendo a temática da ditadura militar. Propõe-se ainda promover um conjunto de discussão acerca de distintos relatos documentais envolvendo a experiência da ditatorial no Brasil, para pensar na diversidade de narrativas que envolvem a temática e assim também compreender a polissemia semântica e conceitual que envolve a ditadura militar.

**Bibliografia Básica:**

- FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Brasil Republicano.** O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 5. ed. v.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Além do golpe:** versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. **Como eles agiam:** Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, Metodologia, Memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

### **Bibliografia Complementar:**

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A modernização autoritária-conservadora nas universidades e as influências da cultura política. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTE, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

\_\_\_\_\_. **As universidades e o regime militar:** cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

\_\_\_\_\_. O anticomunismo militar. In: MARTINS FILHO, João Roberto. **O golpe de 1964 e o regime militar.** São Carlos, SP: EDUSC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Em guarda contra o perigo vermelho:** o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do regime militar brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

PEREIRA, Anthony W. **Ditadura e repressão:** o autoritarismo e o Estado de direito no Brasil, no Chile e na Argentina. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Org.). **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004).** Bauru, SP: EDUSC, 2004.

ROLLEMBERG, Denise. **Definir o conceito de resistência:** dilemas, reflexões, possibilidades. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

SILVA, Marcília Gama da. **Informação, repressão e memória:** a construção do estado de exceção no Brasil na perspectiva do Dops-PE (1964-1985). Recife: Editora UFPE, 2014.

## **10.12. TÓPICO ESPECIAL EM TEORIA DA HISTÓRIA: HISTÓRIA, NARRATIVAS E FONTES DOCUMENTAIS**

### **Ementa:**

O presente curso deseja promover um conjunto de debates problematizando as relações que envolvem a história, a narrativa e os documentos. Nesse sentido irá analisar o estatuto narrativo do fazer historiográfico, estudando o conjunto de procedimentos, de regras e normas que instituem uma dada inteligibilidade à narrativa historiográfica. Também irá estudar as concepções de fontes documentais para a pesquisa em história problematizando algumas relações entre documento e acontecimento.

### **Bibliografia Básica:**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: São Paulo: EDUSC, 2007.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 2007.

DOSSE, François. A narrativa. In: **A História**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

### **Bibliografia Complementar:**

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados, USP, 5(11) Jan/abril 1991.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

DELACROIX, Christian. DOSSE, François. GARCIA, Patrick. **Historicidades**. Buenos Aires: Waldhunter Editores, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

FARGE, Arlette. Do acontecimento. In: **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

\_\_\_\_\_. **Regimes de historicidades: presentismos e experiência do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. **Disputas a respeito da narrativa**. In: Evidência da história: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução: Claudia Barliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RÜSEN, Jörn. A constituição narrativa do sentido histórico. In: **Razão histórica. Teoria da História**: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: editora da UnB, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

\_\_\_\_\_. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

\_\_\_\_\_. et al. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

POUST, Antoine. **Os tempos da História**. In: Doze lições sobre a História. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Criação de enredos e narratividades**. Doze lições sobre a história. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história & Foucault revoluciona a história**. Brasília: editora da UnB, 2014.

### **10.13. TÓPICO ESPECIAL EM TEORIA DA HISTÓRIA: HISTÓRIA, TEMPO E NARRATIVA**

#### **Ementa**

A história como experiência se constitui no e pelo tempo. Entretanto, o que é o tempo? Como ele se apresenta nas experiências humanas e como analisa-lo nas pesquisas historiográficas? O presente curso deseja promover um conjunto de debates e experimentos de escrita problematizando como o tempo se configura por meio de diferentes narrativas e se “dar a ler”. Nessa dimensão, o tempo ganha existência à medida que é narrado, como defende Paul Ricouer. Portanto, o curso deseja estudar como o tempo e a narrativa se constituem em elementos fundantes do fazer historiográfico.



**Bibliografia Básica:**

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Portugal: Difel, 2007.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, USP, 5(11) Jan/abril 1991.

DELACROIX, Christian. DOSSE, François. GARCIA, Patrick. **Historicidades**. Buenos Aires: Waldhunter Editores, 2010.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

\_\_\_\_\_. Disputas a respeito da narrativa. In: **Evidência da História**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

\_\_\_\_\_. et al. **O conceito de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

POUST, Antoine. Os tempos da história. In: **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. Criação de enredos e narratividades. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História & Foucault revoluciona a História**. Brasília: editora da UnB, 2014.

**Bibliografia Complementar:**

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HARTOG, François. **Regimes de historicidades**: presentismos e experiência do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução: Cláudia Barliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

#### **10.14. TÓPICO ESPECIAL EM TEORIA DA HISTÓRIA: INTRODUÇÃO À MICRO-HISTÓRIA**

**Ementa:**

Do ponto de vista teórico e historiográfico, o curso pretende ser uma introdução aos autores, aos temas de pesquisa e às discussões teóricas colocadas em circulação pelo debate (sobretudo italiano, mas não exclusivamente) sobre a Micro-História, através da leitura de trabalhos de pesquisa histórica inspirados por ele. Do ponto de vista metodológico, além da discussão dos textos, o curso deverá funcionar como uma oficina de pesquisa, discutindo as possibilidades de emprego dos procedimentos micro-analíticos para a pesquisa com fontes históricas.

**Bibliografia Básica:**

BOUTIER Jean & JULIA, Dominique. (Org.). **Passados recompostos**. Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1998.

DAVIS, Natalie Z. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

\_\_\_\_\_. Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro do século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. Carlo. Conversar com Orion, **Esboços**, nº 14 (vol. 12), 2005, pp. 163-170.

\_\_\_\_\_. Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, ficcional. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEPETIT, Bernard; SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Por uma história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1990.

\_\_\_\_\_. Giovanni. **A herança imaterial**. Carreira de um exorcista no século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. Giovanni. Os perigos do geertzismo, **História Social**, Nº 6, 1999, pp. 137-146.

LIMA, Henrique Espada. **A Micro-História italiana**. Escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/DIFEL, 1990.

RAVEL, Jacques. (Org.) **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FVG, 1998.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

XAVIER, Regina Célia Lima. **A conquista da liberdade**. Libertos em Campinas na segunda metade do século XIX. Campinas: CMU, 1996.

**Bibliografia Complementar:**

BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **A fabricação do rei**: a constituição da imagem pública de Luís XIV. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. História como alegoria. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, vol. 9, n. 25, 1995, p. 197-212.

\_\_\_\_\_. Culturas populares e culturas de elite. **Diálogos**, Maringá, UEM, vol. 1, n. 1, 1997, p. 1-10.

\_\_\_\_\_. Gilberto Freyre e a nova história. **Tempo Social**, São Paulo, USP, vol. 9, n. 2, out. 1997, p. 1-12.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural?** Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. Cultural History as Polyphonic History. **ARBOR – Ciencia, Pensamiento y Cultura**, Madrid, CSIC, vol. CLXXXVI, n. 743, mai./ jun. 2010, p. 479-486.

CADIOU, François; COULOMB, Clarisse; LEMONDE, Anne & SANTAMARIA, Yves. **Como se faz a História**: historiografia, método e pesquisa. Tradução de Giselle Unti. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARDOZO, José Carlos da Silva. Reflexões sobre a abordagem macro e micro na História. **Mneme – Revista de Humanidades**, Caicó, CERES-UFRN, vol. 11, n. 28, ago./ dez. 2010, p. 31-46.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Algés: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. **A História ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, Arrisete Cleide de Lemos. **Uma biografia Micro-Histórica**: interpretação hermenêutica na obra O queijo e os vermes – o cotidiano e as ideias de um moleiro

perseguido pela Inquisição, 1976, de Carlo Ginzburg. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

COUTINHO, Sérgio Ricardo. Por uma Micro-História pós-metafísica: as possibilidades do agir comunicativo em estudos de ‘história ao rés-do-chão’. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, UFG, n. 5, jun. 2011, p. 83-117.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Tradução de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELLIS, Julie Dyess. **Microhistory**: the scent of human flesh. Thesis (Master of Arts – History). Health Sciences Center; Texas Tech University. Lubbock (TX), USA, 1996.

FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, vol. 11, n. 32, maio/ago. 2006, p. 328-375.

FARINATTI, Luís Augusto. Construção de séries e microanálise: notas sobre o tratamento de fontes para a história social. **Anos 90**, Porto Alegre, UFRGS, vol. 15, n. 28, jul. 2008, p. 57-72.

FERRIS, David S. **The Cambridge Companion to Walter Benjamin**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História**: como os historiadores mapeiam o passado. Tradução de Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Relações de força**: história, retórica, prova. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. Latitudes, escravos e a Bíblia: um experimento em micro-história. **ArtCultura – Revista de História, Cultura e Arte**, Uberlândia, UFU, vol. 9, n. 15, jul./dez. 2007, p. 85-98.

GRUZINSKI, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a ‘história cultural’ no novo milênio. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, vol. 17, n. 49, set./dez. 2003, p. 321-342.

LIMA, Henrique Espada. Micro-História. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2012, p. 207- 223.

LÓPEZ, Javier Ocampo. La microhistoria en la historiografía general. **Revista de História Regional y Local**, Medellín, UNC, vol. 1, n. 1, jun. 2009, p. 202- 228.

MEDICK, Hans. Quo vadis Antropologia Histórica? A pesquisa histórica entre a Ciência Histórica da Cultura e a Micro-História. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, UCS, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2003, p. 199-216.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria de Carvalho. (Org.). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes; CASTRO, Celso. (Org.). **Conversando com ...** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

REVEL, Jacques. (Org.). **Jogos de Escalas: a experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998 [1996].

\_\_\_\_\_. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 15, n. 45, set./dez. 2010, p. 434-444.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Org.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Micro-História italiana: modo de uso**. Tradução de Jurandir Malerba. Londrina: Eduel, 2012.

SERNA, Justo; PONS, Anaclet. **La Historia Cultural: autores, obras, lugares**. Barcelona: Akal, 2005.

TOMICCH, Dale. A ordem do tempo histórico: a Longue Durée e a Micro-História. *Almanack*, Guarulhos, UNIFESP, n. 2, dez. 2011, p. 38-51.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

\_\_\_\_\_. História Cultural e Historiografia Brasileira. **História: Questões & Debates**, Curitiba, UFPR, n. 50, jan./jun. 2009, p. 217-235.

VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do olhar. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, UFU, vol. 3, n. 3, jul./ set. 2006, p. 1-14.

## **10.15. TÓPICOS ESPECIAIS EM PODER E SOCIEDADE NA ÉPOCA MODERNA: A PENÍNSULA IBÉRICA**

**Ementa:**

O curso discute a formação do Estado Moderno na Península Ibérica e o papel da realeza, analisando a construção da imagem do poder monárquico, tanto na época, como na historiografia sobre o período, centrado na reflexão sobre a cultura política expressa na relação entre o poder das monarquias e as culturas letrada e popular. Os elementos constitutivos do processo - tensão entre centralismo e particularismos nos reinos ibéricos; expansão e conquistas ultramarinas; tentativas de unificação dos reinos e das coroas; organização e prática dos impérios; hierarquias e dinâmicas da sociedade; religião, relação entre fé e razão de Estado; cultura política e representações das realezas ibéricas - são abordados em perspectiva cronológica, com base no estudo de fontes primárias e bibliografia.

**Bibliografia Básica:**

AGNOLIN, Adone. **Jesuítas e Selvagens:** a Negociação da Fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (séc. XVI-XVII). São Paulo, Humanitas/FAPESP, 2007.

ALMEIDA, Joana Estorninho. **A forja dos homens:** estudos jurídicos e lugares de poder no séc. XVII. Lisboa: ICS, 2004.

ARRUDA, José Jobson; FONSECA, Luis Adão da. (Org.). **Brasil – Portugal:** História, agenda para o milênio. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: FAPESP; Portugal, PT: ICCTI, 2001.

AZEVEDO, João Lúcio de. **O Marquês de Pombal e sua época.** São Paulo: Alameda, 2004.

BARBOZA FILHO, R. **Tradição e artifício.** Iberismo e Barroco na formação americana. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000.

BETTENCOURT, F. **História das Inquisições.** Portugal, Espanha e Itália. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BICALHO, Maria Fernanda; FERLINI, Vera Lúcia Amaral. (Org.). **Modos de governar:** ideias e práticas políticas no Império Português, séculos XVI e XIX. 2ª edição. São Paulo: Alameda, 2005.

BOXER, C. **O Império Marítimo português.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1984.

BUESCU, M. C. A casa e a encenação do Mundo: os fidalgos da casa mourisca, de Júlio Diniz. In: SILVEIRA, J. R. (Org.). **Escrever a casa portuguesa.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

- CASALILLA, B. Y. Mal avenidos pero juntos. Corona y oligarquias urbanas in Castilha em El siglo XVI. In: **Vivir El Siglo de Oro**. Poder, cultura e Historia en la Época Moderna. Salamanca: Universidad de Salamanca.
- COSSIO, A. M. C. **El arte del Renacimiento español**. Madrid: Encuentro, 2007.
- CUNHA, M. S. **A Casa de Bragança (1560-1640)**: Práticas senhoriais e redes clientelares. Lisboa: Estampa, 2000.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. V.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELLIOT, J. H. **España y su mundo**. Alianza: Madris, 1990.
- FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina**: Política Econômica e Monarquia Ilustrada. São Paulo: Ática, 1982.
- \_\_\_\_\_. As práticas do reformismo ilustrado pombalino no campo jurídico. In: História - Memória - Nação. **Revista de História das Ideias**. (18). Instituto de História e Teoria das Ideias. Faculdade de Coimbra. Coimbra, 1996, p. 511-527.
- GODINHO, V. M. **Estrutura da antiga sociedade portuguesa**. Lisboa: Arcádia.
- GOMES, R. C. A curialização da nobreza. In: CURTO, Diogo Ramada. **O tempo de Vasco da Gama**. Lisboa: Difel.
- GRUSS, A. R. **Humanismo y Renacimiento em la literatura española**. Madri: Síntesis, 2007.
- HERCULANO, Alexandre. **História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal**. Tomo I. Lisboa: Bertrand; Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/d. 2.
- HESPANHA, António Manuel. **As vésperas do Leviathan**: instituições e poder político em Portugal – séc. XVIII. Coimbra: Almedina, 1984.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Poder e instituições na Europa do Antigo Regime**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.
- KAMEN, H. **La inquisición española**. Barcelona; México D. C. Grijalbo, 1972.
- MARAVALL, J. A. **A cultura do Barroco**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- \_\_\_\_\_. A comédia espanhola e a estratificação social da época barroca. In: **Problemas de estratificação social**. Actas do Colóquio Internacional (1966). Lisboa: Martins Fontes.
- MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal**. Paradoxos do Iluminismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MAYER, A. **A Força da Tradição**. A persistência do Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- PÉREZ, J. **Filipe II e seu Império**. Lisboa: Verbo, 2007.

SERRÃO, J. V. **O Século de Ouro**. Lisboa: Verbo, 1978.

MEGIANI, Ana Paula Torres. **O rei ausente: festas e cultura política nas visitas dos Felipes a Portugal (1581 e 1619)**. São Paulo: Alameda, 2004.

MONTEIRO, N. G. **O Crepúsculo dos Grandes**. A casa e o patrimônio da aristocracia em Portugal (1750-1832). Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2003.

MORENO, H. B. **Marginalidade e conflitos sociais em Portugal nos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença.

OLIVAL, F. Juristas e mercadores à conquista das honras. In: **Encontro sobre as transformações da sociedade portuguesa**. Fundação Casas de Fronteira e Alorna, 1996.

SARAIVA, A. J. **Inquisição e cristãos novos**. Lisboa: Estampa, 1985.

SÉRGIO, António. **Breve interpretação da história de Portugal**. 3ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1974.

SÉRGIO, António. **Introdução geográfico-sociológica à história de Portugal**. 3ª edição. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976.

SHAUB, J-F. **Portugal na monarquia hispânica (1580-1640)**. Lisboa, Livros Horizonte.

SICROFF, A. **Los estatutos de limpieza de sangre: controversias entre los siglos XV y XVII**. Madrid: Taurus Ediciones, 1985.

SILVEIRA, J. F. A Casa Portuguesa: uma forma de escrever Portugal. In: SILVEIRA, J. F. (Org). **Escrever a casa portuguesa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

VALADARES, R. **A Independência de Portugal**. Guerra de Restauração (1640-1680). Lisboa: A Esfera dos Livros, 2006.

#### **Bibliografia Complementar:**

BERCÉ, Ives-Marie. **O Rei Oculto. Salvadores e impostores**. Mitos políticos populares na Europa Moderna. Trad. Bauru/São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial do Estado, 2003.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições – Portugal, Espanha e Itália, séculos XV-XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

BETHENCOURT, Francisco; CURTO, Diogo R. **A Memória da Nação**. Lisboa: Sá da Costa, 1991.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes D. **Um espaço, duas monarquias**. Interrelações na Península Ibérica no tempo de Calor V. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa/ HUGIN, 2001.



- BOXER, Charles R. **O Império colonial português**. Trad. Lisboa: Edições 70, 1977.
- \_\_\_\_\_. **A Igreja e a Expansão Ibérica (1440-1770)**. Trad. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BOUZA-ÁLVAREZ, Fernando. **Portugal no tempo dos Filipes**. Poderes e Representações. 1580-1640. Lisboa: Cosmos, 2000.
- \_\_\_\_\_. Fernando. **Palabra e imagen en la Corte**. Cultura oral y visual de la nobleza em el Siglo de Oro. Madrid: Abada, 2003.
- \_\_\_\_\_. Fernando. **Corre manuscrito**. Una historia cultural del Siglo del Oro. Madrid: Marcial Pons, 2001.
- CARDAILLAC, Louis. (Org.). **Toledo, séculos XII-XIII**. Trad. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- CARDIM, Pedro. **Cortes e cultura política no Portugal do Antigo Regime**. Lisboa: Cosmos, 1998.
- CARO BAROJA, Julio. **Los judíos en la España moderna y contemporánea**. 3ª ed. Madrid: Istmo, 1986.
- CENTENO, Yvette. (Org.). **Portugal: mitos revisitados**. Lisboa: Salamandra, 1993.
- CIPOLLA, Carlo. (Org.). **La decadencia económica de los imperios**. 5ª reimpr., Madrid: Alianza Editorial, 1989.
- CORTESÃO, Jaime. **Os descobrimentos portugueses**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.
- DIAS, J. S. da Silva. **Os descobrimentos e a problemática cultural do século XVI**. 3ª ed. Lisboa: Presença, 1988.
- FRANÇA, Eduardo d'Oliveira. **O poder real em Portugal e as origens do Absolutismo**. São Paulo: USP, 1946.
- \_\_\_\_\_. Eduardo d'Oliveira. **Portugal na Época da Restauração**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- FRANÇA, Susani Silveira Lemos. **Os reinos dos cronistas medievais (século XV)**. São Paulo: Annablume. 2006.
- FRANCO Jr., Hilário. **Feudo-clericalismo na Castela medieval**. São Paulo: HUCITEC.
- GODINHO, Vitorino Magalhães. **Ensaio II**. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura na antiga sociedade portuguesa**. Lisboa: Arcádia, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Os descobrimentos e a economia mundial**. 2ª ed. Lisboa: Presença, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Mito e mercadoria, utopia e prática de navegar**. Séculos XIII-XVIII, Lisboa: DIFEL, 1990.

- HERMANN, Jacqueline. **No Reino do Desejado**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- ÁVILA, Afonso. **O lúdico e as projeções do mundo barroco**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- BOUZA, Fernando. **El libro y el cetro**. Madrid: IHLL, 2005.
- KANTOR, Íris. **Esquecidos e Renascidos**. São Paulo: Hiucitec, 2004.
- HANSEN, João Adolfo. **Alegoria**. São Paulo: Hedra/Editora da Unicamp, 2006.
- LARA, Silvia Hunold. **Fragmentos setecentistas**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- MARCOS, David Martín. **Península de recelos**. Madrid: Marcial Pons, 2014.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. São Paulo: Edusc, 2004.
- MONTEIRO, Rodrigo Bentes. **O rei no espelho: a Monarquia portuguesa e a colonização da América (1640-1720)**. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- PALOMO, Federico. (Org.). **La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en los imperios ibéricos de la Edad Moderna**, monográfico de Cuadernos de Historia Moderna. Anejos, 13 (2014).
- ROMEIRO, Adriana. **Pauistas e emboabas no coração das Minas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SOUZA, Laura de Mello e. (Org.). **Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve em 1720**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.

## **10. 16. TÓPICOS ESPECIAIS EM ETNOLOGIA INDÍGENA**

### **Ementa:**

Temáticas e perspectivas teórico-metodológicas em etnologia indígena com ênfase nas sociedades indígenas que estão do Brasil, de maneira especial naquelas situadas na Amazônia. Heterogeneidade sociocultural e linguística. Estudo de aspectos cosmológicos, políticos, rituais. Relações interétnicas. Aspectos históricos, sociais, econômicos, ambientais e políticos relacionados a questão indígena no Brasil.

### **Bibliografia Básica:**

- ALBERT, B.; RAMOS, A. (Org.). **Pacificando o Branco: cosmologias do contato no Norte-Amazonico**. São Paulo: Unesp, 2002.
- BARTH, Frederik [1989]. Os grupos étnicos e suas fronteiras; A análise da cultura nas sociedades complexas; Entrevista In:TOMBE, Lask. (Org). **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

CARNEIRO DA CUNHA, M; VIVEIROS DE CASTRO, E. **Amazônia, Etnologia e História Indígena**. São Paulo: Núcleo de História e Indigenismo da USP: FAPESP, 1993.

DAVIS, Shelton H. **Vítimas do Milagre**. O desenvolvimento e os Índios do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis**. História, guerra e xamanismo na Amazônia. São Paulo: EDUSP, 2014.

FERRAZ, Iara. **De Gaviões à Comunidade Parkatêjê**: uma reflexão sobre processos de reorganização social. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

GORDON, César. **Economia Selvagem**. São Paulo: Unesp, ISA/NUTI, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1962.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **A viagem da volta**: etnicidade, política, e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999, p. 11-37.

RAMOS, Alcida Rita. **Hierarquia e simbiose**: relações intertribais no Brasil. São Paulo: HUCITEC; 1980.

#### **Bibliografia Complementar:**

SEEGER, A.; DA MATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. (Org.) **Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

SZTUTMAN, Renato. **O Profeta e o Principal**: a ação política ameríndia e os seus personagens. São Paulo: EDUSP, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

### **10.17. TÓPICOS ESPECIAIS EM ANTROPOLOGIA**

#### **Ementa:**

Aspectos teórico-metodológicos: a constituição da Antropologia como disciplina, o campo de estudo, principais correntes teóricas, trabalho de campo e observação participante, a escrita etnográfica. O etnocentrismo e o relativismo cultural. A relação da Antropologia com a História e com a Educação.

#### **Bibliografia Básica:**

BENEDICT, Ruth. 1934. **O crisântemo e a espada**. SP, Editora Perspectiva, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006

CASTRO, Celso. 2005. **Evolucionismo Cultural**. Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Franz Boas. Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DA MATTA, Roberto. 1983. **Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOLDMAN, Marcio. **Alguma Antropologia**. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1999.

GLUCKMAN, Max. Rituais de rebelião no sudeste da África. In: **Cadernos de Antropologia**, n.4, Brasília, Universidade de Brasília, 1974

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975.

\_\_\_\_\_. **O Cru e o Cozido**. Tradução Beatriz Perrone Moisés, São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

\_\_\_\_\_. Raça e História. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

#### **Bibliografia Complementar:**

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, Abril, 1922.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Chicago: Univ. of Chicago Press.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. Tradução Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

### **10.18. TÓPICO ESPECIAL EM HISTÓRIA E BIOGRAFIA**

#### **Ementa:**

Biografia e História. Escrita Biográfica. Memória, narrativa e testemunho. Memória e Esquecimento. Autobiografia e trajetórias de vida. História e escrita de si.

**Bibliografia Básica:**

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas, da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

AVELAR, Alexandre Sá e SCHMIDT, Benito. (Org.). **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**, São Paulo, Letra e Voz, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Lisboa: Relógio D'Água Ed., 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real**. 1ª ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009.

FRANÇOIS Dosse. **O desafio biográfico. Escrever uma vida**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAY, Peter. **O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud**. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMES, Angela de Castro. (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004.

\_\_\_\_\_; SCHMIDT, Benito Bisso. (Org.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro/Porto Alegre, Ed. FGV/Ed. UFRGS, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Ed. da Unicamp, Campinas, 1982.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

\_\_\_\_\_. A biografia como problema. In: J. REVEL. (Org.). **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Ed. Contexto, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, CPDOC, p.3-15. 1989.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SILVA, Wilton C. L. **A construção biográfica de Clóvis Beviláquia: memórias de admiração e de estigmas**. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2016.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias ... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 19, 1997.

\_\_\_\_\_. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

#### **Bibliografia Complementar:**

AVELAR, Alexandre de Sá. A retomada da biografia histórica. **Oralidades**. São Paulo, USP, n.2, jul/dez.2007, p.45-60.

\_\_\_\_\_. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. **Dimensões**, vol. 24, p. 157-172, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Queroz/Edusp, 1987.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**. Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo. Diário de uma Favelada**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1963. (1ª Edição: 1960). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/52179040/QUARTO-DE-DESPEJO>.

LEVI, G. Os usos da biografia. In: M.M. FERREIRA e J. AMADO (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HOBBSAWN, Eric. A volta da narrativa. In: E. Hobsbawn (Org.). **Sobre história**. Ensaio. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, CPDOC, p.200-212. 1992.

SCHMIDT, Benito. (Org.). **O biográfico. Perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2000.

## 10.19. TÓPICO ESPECIAL EM HISTÓRIA DA ARTE

### **Ementa:**

Conceito de arte e debate historiográfico. Povos Pré-Históricos e primitivos. América Antiga. História da Arte na Antiguidade Oriental. História da Arte Greco-Romano. Arte no Medievo Europeu. Concepções e estilos artísticos nos séculos XIV a XVIII na Europa moderna. Expressões e movimentos artísticos pós Revolução Francesa na Europa. Arte Moderna e Contemporânea. História da Arte no Brasil.

### **Bibliografia Básica:**

ALVIN, Sandra. **Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro**. 2v. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever. A arte holandesa no século XVII**. Tradução de Antonio de P. Danesi. São Paulo: EDUSP, 1999.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**. Uma história concisa. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. 5ªed. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo, 2012.

BAXANDALL, Michael. **O olhar renascente – Pintura e experiência social na Itália da renascença**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. (Org). **Ensino de Arte**. 1ª ed. Perspectiva, 2014.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. 2v. Rio de Janeiro: Record, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica. Arte e Política**. Obras escolhidas, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Col. Primeiros Passos).

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Prefácio de Stéphane Huchet. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1998.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 1ª ed. São Paulo, Editora LTC, 2000.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte**. 2ª ed. São Paulo, Martins Editora, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. 4ª ed. Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. 4ª ed. Perspectiva, São Paulo, 2004.

RODAN, August. **A arte**. 1ª ed. Intermezzo Editorial. São Paulo, 2016.

ZANINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**. V.1. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles e Fundação Djalma Guimarães, 1983.

WÖLLFLIN, H. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**. 3ª ed, São Paulo, Martins Editora, 2001.

### **Bibliografia Complementar:**

ALUIZE, Marcio André da Silva. **Ensino de História e a Arte**. 1ª ed. Paco Editora, São Paulo, 2016.

DUBY, G. **A Europa na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre a arte**: os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2011.

GIANNETTI, Ricardo. **Ensaio para uma história da arte de Minas Gerais no século XIX**. 1ª ed. Editora Autêntica, São Paulo, 2015.

JANSON, H. W. & JANSON, Anthony F. **Iniciação à História da Arte**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PEREIRA, Sonia Gomes. **Arte Brasileira no século XIX**. 1ª ed. Editora C/ Arte, São Paulo, 2016.

PROENÇA, Graça. **História da arte**. Rio de Janeiro: Ática, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. 16ª ed. São Paulo: Ed. Atual, 1994.

STANGOS, Nikos. **Conceitos da arte moderna**. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 2000.

## **10.20 TÓPICO ESPECIAL EM ANTIGUIDADE CLÁSSICA: GRÉCIA E ROMA**

### **Ementa:**

História da Antiguidade. História Antiga e Memória Social. Fontes documentais na Antiguidade Clássica. História da Civilização Grega. História da Civilização Romana. Arte Greco-Romana.

### **Bibliografia Básica:**



- ALFÖLDY, Géza. **A História Social de Roma**. 1ª ed. Tradução Maria do Carmo Cary. Lisboa. Editorial Presença, 1989.
- CABANES, Pierre. **Introdução à História da Antiguidade**. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- GARLAN, Yvon. **Guerra e economia na Grécia Antiga**. Tradução Cláudio Cesar Santoro. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- GRIMAL, Pierre. **A civilização Romana**. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009.
- FERREIRA, José Ribeiro. **A Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.
- GIARDINA, Andrea, et al. (Org). **O Homem Romano**. 1ª ed. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Editorial Presença, Lisboa, 1992.
- GUARINELLO, Roberto Luiz. **História Antiga**. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2006.
- HARTOG, F. **História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- LEFÉVRE, François. **História do Mundo Grego Antigo**. Tradução de Rosemary Costhek Abilio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- MARTIN, Thomas R. **Roma Antiga: de Rômulo a Justiniano**. Tradução Iuri Abreu. 1ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.
- MASSEY, Michael. **As Mulheres na Grécia e Roma Antigas**. Tradução de Maria Cândida Cadavez. Publicações Europa-América, 1988.
- MOMIGLIANO, A. **As raízes da Historiografia moderna**. Bauru: Edusc, 2004.
- PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental: uma história concisa**. Tradução de Walternsir Dutra e Silavana Viera. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- SAID, Edward. **Orientalismo. O oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TOYNBEE, A.J. **A herança dos Gregos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- VERNAT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET. **Mito e Tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- VEYNE, Paul. **Pão e Circo**. 1ª ed. Tradução de Lineimar Pereira Martins. São Paulo; Editora Unesp, 2015.
- VIDA-NAQUET, Pierre. **Os gregos, os historiadores, a democracia: o grande desvio**. Tradução Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Mundo de Homero**. Trad. Jônata Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

WOOLF, Greg. **Roma: a história de um Império**. Trad. Mário Molina. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

### **Bibliografia Complementar:**

CARDOSO, Ciro F. **Antiguidade oriental, política e religião**. São Paulo: Contexto, 1970.

FINLEY, M. I. **História Antiga: problemas metodológicos**. Barcelona: Crítica, 1986.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. **O mundo antigo: economia e sociedade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega**. 5ª ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

GUARINELLO, Norberto. **Imperialismo greco-romano**. São Paulo: Ática, 1991.

MENDES, Norma Musco. **Sistema político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PINSKY, Jaime. **100 textos de História Antiga**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 1991.

ROSTOVTEFF M. **História de Roma**. 5ª ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

\_\_\_\_\_. **História da Grécia**. 3ª ed. Trad. Edmond Jorge. Editora Guanabara, 1986.

VERNANT, Jean Pierrri. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

## **10.21 TÓPICOS ESPECIAIS EM ENSINO DE HISTÓRIA**

### **Ementa:**

Formação do profissional do ensino proporcionando a reflexão sobre a atuação do professor em sala de aula estabelecendo as relações entre os de produção, de modo a fundamentar práticas formais e informais de ensino. Fundamentos da produção historiográfica e os da história ensinada. Abordar no âmbito dos diferentes contextos em que as instituições escolares, os currículos, os programas, o corpo docente, as avaliações institucionais, o uso da tecnologia no ensino e o material didático atuaram e atuam no

processo educativo brasileiro. O curso propõe uma reflexão sobre o pensamento histórico nas suas múltiplas articulações e lugares.

### **Bibliografia Básica:**

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. (Org.). **Ensino de História:** conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABUD, Kátia Maria, SILVA, André Chaves de Melo, ALVES, Ronaldo Cardoso. (Org.). **Ensino de História.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In. GONÇALVES, Márcia de Almeida et al. (Org.). **Qual o valor da História Hoje?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21 – 39.

BALDIN, Nelma. **A História dentro e fora da escola.** Florianópolis: Ed. da EFSC, 1989.

BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de aula.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.

CABRINI, Conceição et al. **O ensino de história:** revisão urgente. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDAU, Vera e outros. **Mistério:** construção cotidiana. 4a ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Tecendo a cidadania:** oficinas pedagógicas de direitos humanos. Petrópolis: Vozes, 1996.

CANDAU, Vera. **Oficinas pedagógicas de direitos humanos.** Petrópolis: Vozes, 1995.

CARRETERO, Mario. **Construir e ensinar as Ciências Sociais e a História.** Trad. Batriz Affonso Neves. Porto Alegre, Artes Médicas do Sul, 1997.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica.** Rio de Janeiro: FGV, 2011.

\_\_\_\_\_. **O ensino de História e a consciência histórica:** implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves e FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de história. **Revista História Hoje**, v.2, nº 4, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes, FRANCO, Renato. **Aprendendo História:** reflexões e ensino. Rio de Janeiro: FGV e Editora do Brasil, 2009

GUIMARÃES, Selva. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas-SP, 2012.

MAGALHÃES, Marcelo et al. (Org.). **Ensino de história: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria. Formação de professores: entre demandas e projetos. **Revista História Hoje**. Vol. 2, nº 3, p. 19-42, 2013.

\_\_\_\_\_. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

OLIVEIRA, Margarida Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal, RN, EdUFRN, 2008.

RICCI, Cláudia Sapag. Historiografia e ensino de história: saberes e fazeres na sala de aula. In: OLIVEIRA, Margarida Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Felix Batista de. **Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços**. Natal, RN, EdUFRN, 2008.

SILVA, Marcos e GUIMARÃES, Selva. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas-SP: Papirus, 2012.

SCHIMIDT, Maria A. E CAINELI Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHIMIDT, Maria Auxiladora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba, Ed. UFPR, 2011.

PINSKY, Bassanezi. (Org.). **Novos temas nas aulas de História**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

RODRIGUES, Rogério Rosa. (Org.). **Possibilidades de pesquisa em História**. São Paulo: Contexto: 2017.

### **Bibliografia Complementar:**

COOL, César e outros. **O construtivismo em sala de aula**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Fundamentos, 132).

DAVIES, Nicholas. (Org.) **Para além dos conteúdos do ensino de História**. Niterói, EdUFF, 2000.

DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

## **10.21. TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA DO BRASIL**

### **Ementa:**

A disciplina tem por intenção aprofundar temáticas específicas sobre a história do Brasil em diversas temporalidades e temáticas (Colônia, Império e República), bem como em diversos recortes geográficos e regionais, explorando, se necessário, as conexões atlânticas e globais.

### **Bibliografia Básica:**

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de história colonial**. São Paulo: Edusp, 1982.  
AXT, Gunter; SCHULLER, Fernando. (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Primeira Parte, tomo I, [1836], p. 10 a 21.

BRANDÃO, Gildo Marçal. Populações meridionais do Brasil. In: MOTA, Lourenço Dantas. **Introdução ao Brasil: Um Banquete no Trópico.**, v.2, São Paulo: Senac, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. A utopia de Oliveira Viana. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1991, v. 4, n. 7, p.82-99.

DIEHL, Astor Antônio. **A Cultura Historiográfica Brasileira**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal**, São Paulo: Global, 2006.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, n. 1, 1988, p. 5-27.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

IGLÉSIAS, Francisco. (Org.). **Caio Prado Júnior: história**. São Paulo: Ática, 1982.

IGLÉSIAS, Francisco. **Historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, 2000.

### **Bibliografia Complementar:**

LAMOUNIER, Bolívar. A Formação de um Pensamento Político Autoritário na Primeira República: uma interpretação. In: FAUSTO, Boris. (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira - Tomo III: O Brasil Republicano - Volume 2: Sociedade e Instituições**. 5ª ed. São Paulo: Difel, 1985.

## **10.22. TÓPICOS ESPECIAIS EM GÊNERO E DIVERSIDADE**

### **Ementa:**

Os estudos de gênero: história, conceitos, movimentos políticos, debates em torno dos desafios envolvidos na rejeição dos determinismos biológicos implícitos no uso dos termos “sexo” e “diferença sexual” e das representações sociais constituídas a partir dessa concepção de diferença. Aspectos relacionais e culturais das construções do “feminino” e do “masculino”, entendendo que essas construções são produtos, mas também produtoras de espaços para práticas sociais e relações de poder. O estudo da sexualidade como construção histórica, social, cultural, política e discursiva. Abordagens contemporâneas para a compreensão da diversidade sexual.

### **Bibliografia Básica:**

BIRMAN, Joel. **Gramática do erotismo:** a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da Intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

### **Bibliografia Complementar:**

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** São Paulo: Contexto, 2017.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

### 10.23. TÓPICOS ESPECIAIS EM SOCIOLOGIA

#### Ementa:

Analisar o contexto histórico e a formação do pensamento sociológico clássico. Identificar em que consiste a perspectiva sociológica de análise e interpretação do comportamento humano, bem como seu papel e importância nas sociedades modernas. Analisar o objeto e o método de investigação no pensamento sociológico clássico de Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel.

#### Bibliografia Básica:

ARON, Raymond. **Dezoito lições sobre a sociedade industrial**. Trad. Sergio Barth. Brasília: UnB; São Paulo: Martins Fontes, 1981.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sociologia e Filosofia**. Trad. Fernando Dias Andrade. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ELIAS, Nobert. **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GARCIA, José María González; WEBER Max; SIMMEL, Georg. ¿dos teorias sociológicas de la modernidade? Reis – **Revista española de investigaciones sociológicas**, n° 89, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e moderna teoria social**. Trad. Maria do Carmo Cary. 6ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

\_\_\_\_\_. **Política, sociologia e teoria social:** encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. Trad. Cibele Sabila Rizek. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LALLEMENT, Michel. **História das ideias sociológicas:** das origens a Max Weber. Trad. Ephrain F. Alves. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARX, Karl. **O manifesto do partido comunista.** Trad. Sueli Tomazzini Barros. Porto Alegre: L&PM, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Capital.** Crítica da Economia Política. Livro Primeiro: O Processo de Produção do Capital. Tomo 2. Coordenação e revisão de Paul Singer. Trad. Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia?** 38ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Coleção Primeiros Passos).

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos.** Trad. Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1973 (vol. II).

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** Organização da coletânea Evaristo de Moraes Filho. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da Sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia.** Trad. Rubens E. F. Frias e Gerard G. Delaunay. São Paulo: Centauro, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo.** Edição de Antônio F. Pierucci. Trad. José Marcos Mariani. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

### **Bibliografia Complementar:**

BAUMAN, Z. & MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BERGER, Peter. **Perspectivas Sociológicas. Uma visão humanística.** Petrópolis: Vozes, 1983.



CASTRO, Ana Maria. **Introdução ao Pensamento Sociológico**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1981.

CHALMERS, A.F. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

COHN, Gabriel. **Sociologia: Para Ler os Clássicos**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

COSTA, Maria Cristina C. **Sociologia. Introdução à ciência da sociedade**.

CUIN, C-H & GRESLE, F. **História da Sociologia**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

FERNANDES, Florestan. **Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1976.

\_\_\_\_\_. **A Sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1980.

FORACCHI, M. & MARTINS, J. **Sociologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

LIMA, Ricardo R. A. de & SILVA, Ana Carolina S. R. e. **Introdução à Sociologia de Max Weber**. Curitiba: Ed. Ibpx, 2009.

LÖWY, M. **Ideologia e Ciência Social**. São Paulo: Cortez, 1993.

\_\_\_\_\_. **As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão de Münchhausen**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Introdução às ciências sociais**. Campinas: Papius, 1987.

**ANEXO VIII – Quadro de equivalência entre componentes curriculares  
antigos e novos**

<b>PPC Novo 2017 (Res. 151/17)</b>		<b>PPC Antigo 2014 (Res. 15/14)</b>	
------------------------------------	--	-------------------------------------	--

<b>Primeiro Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>	<b>Disciplina e Período de oferta</b>	<b>Carga-Horária</b>
PCC – 1 Estratégias de Ensino de História Local e Regional	68	PCC – 1 Estratégias de Ensino de História Local e Regional / 1 sem.	68
Formação das Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade	68	Sociedades Mediterrâneas e Orientais na Antiguidade/ 2º Semestre	68
História Social e econômica da Amazônia	68	História Social e econômica da Amazônia/ 2º Semestre	68
Sociedades Autóctones nas Américas	68	Sociedades Autóctones nas Américas/ 2º Semestre	68
História da Educação no Brasil	34	História da Educação no Brasil/ 2º Semestre	34
Introdução Estudos Históricos	34	Introdução Estudos Históricos/ 1º Semestre	34
<b>Segundo Semestre</b>	<b>Carga-Horária</b>		
PCC – 2 História e Ensino: Linguagens, literatura, oralidades, mídias e novas tecnologias	68	PCC – 2 Ensino de História e Linguagens: literatura, oralidades e mídias / 4º Semestre	68
Conquista e Colonização das Américas	68	Conquista e Colonização das Américas/ 4º Semestre	68
Historiografia Brasileira	68	História de vida/ 1º Semestre	68
Relações de Poder, Trabalho e Cultura no Mundo Medieval	68	Relações de poder e trabalho no mundo medieval/ 3º Semestre	68
História das Sociedades Africanas	34	História das Sociedades Africanas/ 3º Semestre	34
História do Sul e Sudeste do	34	História do Sul e Sudeste do	68

Pará		Pará/ 1º Semestre	
<b>Terceiro Semestre</b>	<b>Carga- Horária</b>		
PCC – 3 História e Ensino: Patrimônio Material e Imaterial	68	PPC - 3 Ensino de História: Patrimônio Material e Imaterial / 3º Semestre	68
História e Cultura Afro-Brasileira	68	História e Cultura Afro-Brasileira/ 7º Semestre	68
Tempos Modernos – I	68	História das Revoluções e do Imperialismo/ 5º Semestre	68
História da América Portuguesa	68	História da América Portuguesa/ 4º Semestre	68
História Indígena e Indigenista na Amazônia	68	História Indígena e Indigenista na Amazônia/ 6º Semestre	68
<b>Quarto Semestre</b>	<b>Carga- Horária</b>		
PCC 4 – Texto didático: sua produção e uso	68	PCC 4 – Texto didático: sua produção e uso	68
Historiografia e Teoria da História	68	Epistemologia e Diversidade/ 1º Semestre	34
Independência e Formação dos Estados Nacionais nas Américas	68	Independências e Formação dos Estados Nacionais nas Américas/ 5º Semestre	68
Formação do Estado Nação no Brasil	68	Formação do Estado Nação no Brasil/ 5º Semestre	68
Tempos Modernos – II	34	Formação dos Estados Nacionais/ 4º Semestre	68
Libras	68	Libras/ 3º Semestre	68

<b>Quinto Semestre</b>	<b>Carga- Horária</b>		
PCC – 5 História e Ensino: Ensino de História no Ensino Fundamental, Médio e EJA (Ensino de Jovens e Adultos)	68	PPC – 5 Estratégias de Ensino de História no Ensino Fundamental / 5º Semestre	
Estágio Supervisionado I	102	Estágio Supervisionado I/ 5º Semestre	102
Tempos Contemporâneos - I	68	História das Revoluções e do Imperialismo/ 5º Semestre	68
Teoria e metodologia da História	68	Matrizes do Pensamento Historiográfico do Século XIX/ 3º Semestre	34
Metodologia do Projeto de Pesquisa	34	Metodologia: das Ciências Humanas e Sociais/ 2º Semestre	34
África Colonial e pós- Colonial	34	África Colonial e pós- Colonial/ 8º Semestre	34
<b>Sexto Semestre</b>	<b>Carga- Horária</b>		
PCC – 6 História e Ensino: História e Gênero	68	PPC – 6 Estratégias de Ensino de História no Ensino Médio / 6º Semestre	68
Estágio Supervisionado II	102	Estágio Supervisionado I/ 6º Semestre	102
Teoria e História Cultural	68	Matrizes do Pensamento Historiográfico do Século XX/ 4º Semestre	68
Tempos Contemporâneos – II	68	História do Breve Século XX/ 6º Semestre	68

História da Ásia Contemporânea	34	Componente curricular inexistente no PPC antigo	
Seminário de Pesquisa em História	34	Metodologia: Projeto de pesquisa – I/ 6º Semestre	68
<b>Sétimo Semestre</b>			
PCC – 7 História e Ensino: Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais	68	PPC – 7 Estratégias de Ensino de História para as Relações Étnico-Raciais / 7ª Semestre	68
Didática e Educação Histórica	68	Educação Histórica/ 2º Semestre	68
Estágio Supervisionado III	102	Estágio Supervisionado III/ 7º Semestre	102
Psicologia da Educação e aprendizagem	68	Psicologia da Educação e aprendizagem/ 3º Semestre	68
Monografia – I	34	Metodologia: Projeto de Pesquisa II/ 7º Semestre	68
Optativa I	34	Optativa/ 7º Semestre	34
<b>Oitavo Semestre</b>			
História do Brasil Contemporâneo	68	História do Tempo Presente no Brasil/ 8º Semestre	68
Monografia – II	68	Monografia/ 8º Semestre	68
Temas Contemporâneos da História das Américas	68	Populismos, Revoluções e Regimes Totalitários na América Latina/ 8º Semestre	68
Estágio Supervisionado IV	102	Estágio Supervisionado IV/ 8º Semestre	102
Optativa – II	34	Optativa – II/ 8º Semestre	34

História, Cultura e Meio Ambiente	34	Cultura e Natureza na Amazônia/ 7º Semestre	34
Atividades de extensão	322	Atividades Complementares	300